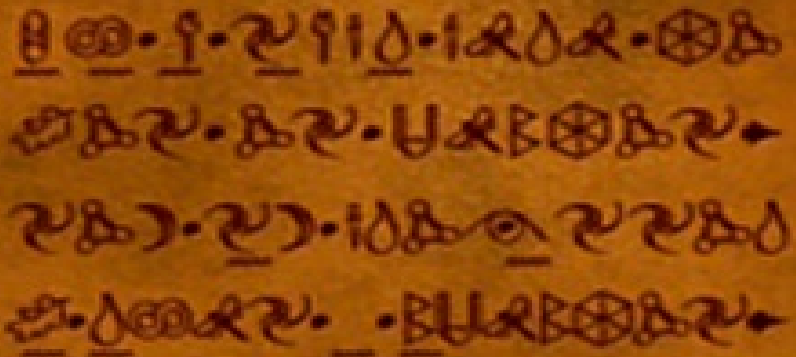
ARTEMIS FOWL

O MENINO PRODÍGIO DO CRIME

Eoin Colfer





galera

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

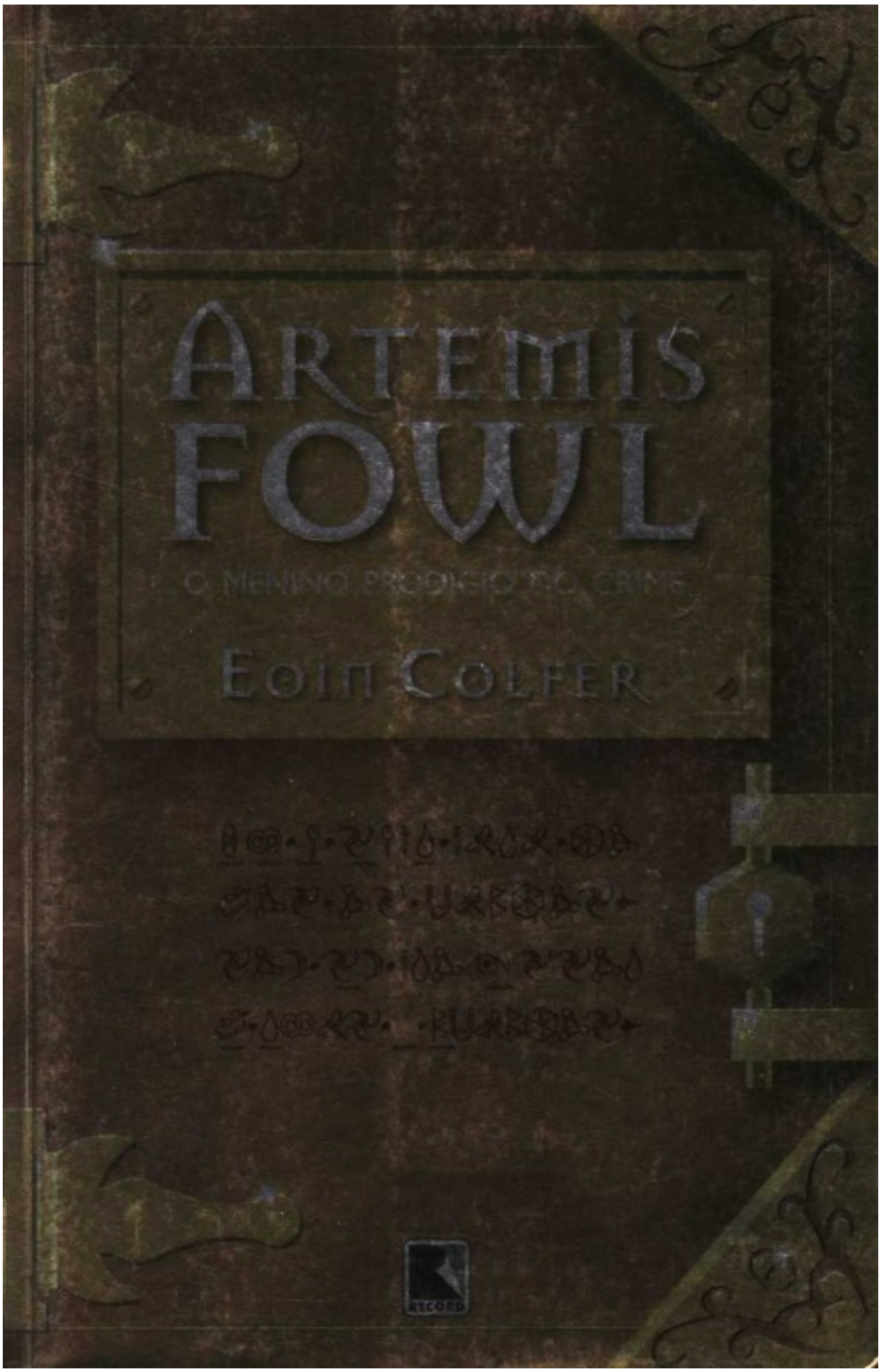
É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."




ARTEMIS
FOWL
O MENINO PRODÍGIO DO CRIME
EOIN COLFER
RECORD

EOIN COLFER

Artemis

FOWL

O MENINO PRODÍGIO DO CRIME

Tradução de: ALVES CALADO

Título original em inglês: ARTEMIS FOWL

Eoin Colfer, 2001

Ilustração de capa: Tony Fleetwood

Para Jackie

SUMÁRIO

Prólogo
Capítulo 1: O Livro
Capítulo 2: A Tradução
Capítulo 3: Holly
Capítulo 4: Seqüestro
Capítulo 5: Desaparecida em ação Capítulo 6: Cerco
Capítulo 7: Palha
Capítulo 8: Troll
Capítulo 9: Ás na manga
Epílogo

“AFASTE-SE, HUMANO. VOCÊ NÃO SABE
COM O QUE ESTÁ LIDANDO.”

Artemis Fowl, um menino de doze anos, é um brilhante gênio do crime. Mas nem ele tem idéia do que pode acontecer ao seqüestrar uma fada, a capitã Holly Short, na Unidade LEPrecon.

Estes seres encantados não são aqueles dos contos de fadas.

Estão armados e são perigosos. Artemis está confiante que pode vencê-los quando bem entender, mas eles pararam de jogar conforme as regras...

Em um lance ousado, Artemis seqüestra uma das criaturas do Povo Fadas para segurar o sucesso de seu plano. O que ele não esperava era deparar com a capitã Holly Short, uma elfo valente e irritada da LEPrecon, a unidade da elite da polícia das fadas. Resultado: em pouco tempo, Artemis se vê em meio a um exército de fadas, gnomos, duendes, elfos e trolls, com armas muito mais avançadas que as dos humanos. Artemis está confiante que pode vencê-los quando bem entender, mas eles pararam de jogar conforme as regras...

Aliando-se cenas de ação ao melhor estilo James Bond, lendas celtas, seres encantados nada adoráveis e um charmoso anti-herói, Artemis Fowl é diversão garantida para leitores dos oito aos oitenta anos. Artemis Fowl: o menino prodígio do crime é o sexto livro de Eoin Colfer, professor e autor de livros infantis, que mora com a mulher e o filho na Irlanda. Atualmente, prepara uma nova história com o personagem Artemis Fowl.

Artemis é o único herdeiro do clã Fowl, uma família de personagens do submundo, célebres na arte da trapaça. Depois que seu pai desaparece misteriosamente com parte da fortuna da família, Artemis se vê na obrigação de recuperar o dinheiro perdido. Essa não é uma tarefa difícil: apesar de só ter doze anos, ele é um dos mais criativos gênios do crime de toda a história.

Artemis começa a por seu plano em prática em Ho Chi Minh, a calorenta capital do Vietnã. Lá, aliando tecnologia de ponta a seus dons criminosos, ele chantageia uma fada decadente para roubar seu livro, objeto que permitirá desvendar os segredos do Povo das Fadas e descobrir onde esse povo guarda uma enorme reserva de ouro. O único problema é que o livro está em gnomês — o idioma das fadas, um alfabeto ancestral, jamais decifrado por um humano. De volta ao quartel-general dos Fowl, uma segura mansão na Irlanda, ele trabalha freneticamente, com a ajuda de seu super potente computador, até conseguir desvendar o código e traduzir o texto. Mas isso é só o início.

PRÓLOGO

Como é possível descrever Artemis Fowl? Vários psi-quiatras tentaram e fracassaram. O principal problema é a inteligência de Artemis. Ele confunde todos os testes.

Deixou perplexos os maiores cérebros da medicina e despachou muitos deles de volta a seus próprios hospitais, bal-buciando coisas incoerentes.

Não há dúvida de que Artemis é uma criança prodígio.

Mas por que alguém com tamanha inteligência se dedica a atividades criminosas? Esta é uma pergunta que só pode ser res-pondida por uma pessoa. E ele adora não falar.

Talvez a melhor maneira de criar uma visão precisa de Artemis seja contar o relato, agora famoso, de sua primeira a-ventura vilanesca. Montei este relato a partir de entrevistas com as vítimas, e à medida que a narrativa se desdobrar você perceberá que isso não foi fácil.

A história começa há vários anos, no início do século XXI. Artemis Fowl tinha imaginado um plano para recuperar a fortuna de sua família. Um plano que poderia derrubar civiliza-

ções e mergulhar o planeta numa guerra entre espécies.

Ele tinha doze anos naquela época...



CAPÍTULO 1: **O LIVRO**

A cidade de Ho Chi Minh no verão.

Um calor de matar, segundo qualquer critério.

Desnecessário dizer que Artemis Fowl não estaria disposto a suportar esse desconforto se uma coisa muito importante não estivesse em jogo. Importante para o plano.

O sol não era bom para Artemis. Ele não ficava com boa aparência. Longas horas dentro de casa, na frente do monitor, tinham clareado sua pele. Ele era branco como um vampiro e ficava quase tão irritado quanto um vampiro à luz do dia.

— Espero que esta não seja outra busca inútil, Butler — disse ele, com a voz baixa e tensa. — Especialmente depois do Cairo.

Era uma censura amena. Os dois tinham viajado para o Egito a partir da dica do informante de Butler.

— Não, senhor. Desta vez tenho certeza. Nguyen é um bom homem.

— Hmm — murmurou Artemis, sem se convencer.

Quem passasse por ali ficaria pasmo ao ouvir o enorme eurasiano se referir ao garoto como senhor. Afinal de contas, esse era o terceiro milênio. Mas aquela não era uma relação comum, e aqueles não eram turistas comuns.

Estavam sentados num café ao ar livre na rua Dong Khai, olhando os adolescentes circularem a praça em motonetas.

Nguyen estava atrasado, e o patético retalho de sombra do guarda-sol era de pouca ajuda para melhorar o humor de Artemis. Mas esse era apenas seu pessimismo cotidiano. Por baixo da carranca havia uma fagulha de esperança. Será que essa viagem poderia dar resultado? Será que encontrariam o Livro?

Era muita coisa a esperar.

O garçom veio apressado à mesa.

— Mais chá, senhores? — perguntou, exagerando na reverência. Artemis suspirou.

— Poupe o teatro e sente-se.

O garçom se virou instintivamente para Butler, que, afinal de contas, era o adulto.

— Mas, senhor, eu sou o garçom.

Artemis bateu na mesa, pedindo atenção.

— O senhor está usando sapatos feitos à mão, camisa de seda e três anéis de sinete, de ouro. Seu inglês tem um leve sotaque de Oxford e suas unhas têm um brilho suave por terem sido manicuradas recentemente. O senhor não é garçom. O senhor é o nosso contato, Nguyen Xuan, e adotou esse disfarce ridículo para verificar discretamente se estamos armados.

Os ombros de Nguyen arriaram.

— É verdade. Incrível.

— Não. Um avental velho não faz um garçom.

Nguyen se sentou, servindo um pouco de chá de hortelã numa minúscula xícara de porcelana.

— Deixe-me informá-lo sobre a questão das armas — prosseguiu Artemis. — Eu estou desarmado. Mas o Butler aqui, o meu... ah... mordomo, tem uma Sig Sauer no coldre de ombro, duas facas de lançamento nas botas, uma derringer de dois tiros na manga, um fio de garrote no relógio e três granadas de efeito moral escondidas nos vários bolsos. Mais alguma coisa, Butler?

— O cassetete, senhor.

— Ah, sim. Um bom e velho cassetete cheio de bilhas, enfiado na camisa.

Nguyen levou a xícara aos lábios, trêmulo.

— Não fique alarmado, senhor Xuan — sorriu Artemis.

— As armas não serão usadas contra o senhor.

Nguyen não pareceu tranqüilizado.

— Não — prosseguiu Artemis. — Butler poderia ma-tá-lo de cem maneiras diferentes sem o uso do armamento. Mas tenho certeza de que bastaria uma.

Agora Nguyen estava totalmente em pânico. Em geral Artemis causava esse efeito nas pessoas. Um adolescente pálido falando com a autoridade e o vocabulário de um adulto poderoso. Nguyen já ouvira o nome Fowl — quem não ouvira, no submundo internacional? — mas supôs que lidaria com o Artemis pai, e não com um garoto. Mas a palavra "garoto" não fazia justiça àquele indivíduo macilento. E o gigante, Butler. Era óbvio que ele podia partir a espinha de um homem como se fosse um graveto, com aquelas mãos de mamute. Nguyen estava come-

çando a pensar que dinheiro nenhum valia outro minuto naquela companhia estranha.

— E agora, aos negócios — disse Artemis, colocando um minúsculo gravador sobre a mesa. — Você respondeu ao nosso anúncio pela internet.

Nguyen confirmou com a cabeça, subitamente rezando para que sua informação fosse precisa.

— Sim, senhor... patrão Fowl. O que o senhor está procurando... eu sei onde está.

— Verdade? E eu devo aceitar sua palavra? Você poderia estar me levando direto para uma emboscada. Minha família não tem poucos inimigos.

Butler agarrou um mosquito no ar, atrás da orelha de seu chefe.

— Não, não — disse Nguyen, pegando a carteira. — Aqui, olhe.

Artemis examinou a Polaroid. Forçou o coração a manter um ritmo calmo. Parecia promissora, mas qualquer coisa podia ser falsificada hoje em dia com um PC e um scanner de mesa.

A imagem mostrava uma mão se estendendo de sombras em camadas. Uma mão verde pintalgada.

— Hmm — murmurou ele. — Explique.

— Esta mulher. Ela é uma curandeira, perto da rua Tu Du. Trabalha em troca de vinho de arroz. O tempo todo, bêbada.

Artemis assentiu. Fazia sentido. A bebida. Um dos poucos fatos consistentes que sua pesquisa tinha revelado. Ele se levantou, alisando as dobras da camisa pólo branca.

— Muito bem. Vá na frente, senhor Nguyen.

Nguyen enxugou o suor do bigode arrepiado.

— Só informação. Esse foi o trato. Eu não quero nenhuma maldição na minha cabeça.

Butler agarrou habilmente o informante pelo pescoço.

— Sinto muito, Sr. Nguyen, mas o tempo em que o senhor tinha escolha já passou há muito.

Butler guiou o vietnamita que continuava protestando até um carro alugado, de tração nas quatro rodas, que era praticamente desnecessário nas ruas planas da cidade de Ho Chi Minh — ou Saigon, como os moradores locais ainda chamavam —, mas Artemis preferia ficar o mais isolado possível dos pedestres.

O jipe seguiu numa velocidade dolorosamente lenta, que era ainda mais irritante por causa da ansiedade que crescia no peito de Artemis. Ele não conseguia mais reprimi-la. Será que poderiam enfim estar encerrando a busca? Depois de seis alarmes falsos em três continentes, será que aquela curandeira encharcada em vinho poderia ser o pote de ouro no fim do arco-íris? Artemis quase riu. Ouro no fim do arco-íris. Tinha feito uma piada. Essa era uma coisa que não acontecia todo dia.

As motonetas abriam caminho como peixes num car-dume.

A multidão parecia não ter fim. Até os becos estavam atulhados de vendedores e gente pechinchando. Cozinheiros jogavam cabeças de peixe em panelas cheias de óleo, e moleques passavam entre as pernas dos adultos, procurando coisas valiosas, enquanto outros se sentavam na sombra, com os polegares grudados em Gameboys.

Nguyen estava suando através da camisa cáqui. Não era a umidade, com a umidade ele estava acostumado. Era toda aquela situação desgraçada. Não deveria ter se misturado com magia e crime. Fez uma promessa silenciosa de que, se saísse dessa, mudaria de vida. Nada de responder a questionários sombrios pela internet, e certamente nada de se misturar com os filhos dos reis do crime na Europa.

O jipe só conseguiu ir até certo ponto. Por fim as ruas secundárias ficaram estreitas demais para o veículo. Artemis se virou para Nguyen.

— Parece que devemos seguir a pé, Sr. Nguyen. Se quiser, corra, mas espere uma dor aguda e fatal entre as omoplatas.

Nguyen olhou nos olhos de Butler. Eram de um azul profundo, quase preto. Não havia

misericórdia neles.

— Não se preocupe, não vou correr.

Desceram do veículo. Mil olhos cheios de suspeita seguiram sua caminhada pelo beco apinhado. Um ladrão sem sorte tentou roubar a carteira de Butler. O mordomo partiu os dedos do sujeito sem olhar para baixo. Depois disso eles tiveram o caminho livre.

O beco se estreitava até virar uma ruela esburacada. Os esgotos e as calhas iam direto para a superfície enlameada. Aleijados e mendigos se amontoavam em ilhas formadas por esteiras de palha de arroz. A maioria dos moradores daquela rua não tinha nada para dar.

— E então? — perguntou Artemis. — Onde ela está?

Nguyen apontou um dedo para um triângulo preto atrás de uma enferrujada saída de incêndio.

— Ali. Ali embaixo. Ela nunca sai. Nem para comprar álcool de arroz, ela manda alguém comprar. Agora posso ir?

Artemis não se incomodou em responder. Em vez disso atravessou o beco enlameado até a saída de incêndio. Pôde perceber movimentos furtivos nas sombras.

— Butler, pode me entregar os óculos?

Butler pegou no cinto os óculos de visão noturna e pôs na mão esticada de Artemis. O mecanismo do foco zumbiu para se ajustar à luz.

Artemis fixou os óculos no rosto. Tudo ficou de um verde radiativo. Respirando fundo, virou o olhar para as sombras que se moviam. Alguma coisa estava agachada numa esteira de ráfia, mexendo-se inquieta na luz quase inexistente.

Artemis ajustou melhor o foco. A figura era pequena, anormalmente pequena, e estava envolta num xale imundo.

Garrafas de bebida vazias estavam meio enterradas na lama em volta. Um antebraço se estendeu. Parecia verde. Mas, afinal de contas, tudo parecia verde ali.

— Madame — disse ele —, eu tenho uma proposta.

A cabeça da figura balançou sonolenta.

— Vinho — respondeu ela, a voz parecendo unhas raspando um quadro-negro. — Vinho, inglês.

Artemis sorriu. O dom das línguas, a aversão à luz. Tudo combinava.

— Na verdade, irlandês. E quanto à minha proposta?

A curandeira balançou habilmente um dedo ossudo.

— Primeiro vinho. Depois conversa.

— Butler?

O guarda-costas enfiou a mão num bolso e tirou um frasco do melhor uísque irlandês.

Artemis pegou a garrafa e a segurou tentadoramente dentro das sombras.

Mal teve tempo de tirar os óculos quando a mão parecida com uma garra saltou da escuridão para pegar o uísque. Uma mão verde pintalgada. Não havia dúvida.

Artemis engoliu um riso de triunfo.

— Pague ao nosso amigo, Butler. Integralmente. Lembre-se, Sr. Nguyen, isto fica entre nós. O senhor não quer que Butler volte, quer?

— Não, não, patrão Fowl. Meus lábios estão lacrados.

— É melhor que sim. Ou então Butler irá lacrá-los permanentemente.

Nguyen partiu pelo beco, tão aliviado em estar vivo que nem se incomodou em contar o maço de dinheiro americano.

Não era o estilo dele. De qualquer modo, estava tudo ali. Todos os vinte mil dólares. Nada mau para meia hora de trabalho.

Artemis se virou de novo para a curandeira.

— Agora, madame, a senhora tem uma coisa que eu quero.

A língua da curandeira pegou uma gota de álcool no canto da boca.

— Sim, irlandês. Dor de cabeça. Dentes ruins. Eu curo.

Artemis recolocou os óculos de visão noturna e se agachou para ficar na altura dela.

— Eu estou perfeitamente saudável, madame, a não ser por uma leve alergia à poeira, e não creio que nem mesmo a senhora possa dar um jeito nisso. Não. O que eu quero é o seu Livro.

A bruxa congelou. Olhos luminosos brilharam por trás do xale.

— Livro? — perguntou ela cautelosamente. — Não sei de livro nenhum. Eu sou uma curandeira. Se você quer livro, vá à biblioteca.

Artemis suspirou com paciência exagerada.

— A senhora não é curandeira. É um duende, um pshóg, uma fada, um kadalum. Que língua preferir usar. E eu quero o seu Livro.

Durante um longo momento a criatura ficou quieta, depois tirou o xale de cima da cabeça. No brilho verde dos óculos de visão noturna, suas feições saltaram para Artemis como uma máscara do Dia das Bruxas. O nariz da fada era comprido e curvo sob dois olhos dourados em forma de fenda. Suas orelhas eram pontudas, e o vício do álcool tinha derretido a pele como se fosse massa de vidraceiro.

— Se você sabe do Livro, humano — disse ela devagar, lutando contra os efeitos do uísque —, então sabe da magia que tenho em meu punho. Eu posso matá-lo com um estalar de dedos!

Artemis deu de ombros.

— Acho que não. Olhe para você. Está quase morta. O

vinho de arroz entorpeceu seus sentidos. Reduziu-os a verrugas curativas. Patético. Eu estou aqui para salvá-la, em troca do Livro.

— O que um humano poderia querer com nosso Livro?

— Não é da sua conta. Você só precisa saber de suas opções.

As orelhas pontudas da fada tremeram.

— Opções?

— Uma: você se recusa a nos dar o Livro e nós vamos para casa, deixando-a apodrecer nesse esgoto.

— Sim — disse a fada —, eu escolho esta opção.

— Ah, não. Não tenha tanta pressa. Se nós partirmos sem o Livro, você estará morta dentro de um dia.

— Um dia! Um dia! — A curandeira gargalhou. — Eu viverei um século a mais do que você. Até mesmo as fadas presas no reino humano podem sobreviver às eras.

— Não com uma garrafa de água benta dentro do corpo — disse Artemis, batendo na garrafa de uísque agora vazia.

A fada ficou branca, depois gritou, um som agudo, in-sistente e horrível.

— Água benta! Você me assassinou, humano.

— Certo — admitiu Artemis. — Você deve começar a queimar a qualquer minuto.

A fada cutucou a barriga, hesitante.

— A segunda opção?

— Estamos nos entendendo agora, não estamos? Então muito bem. Opção dois: você me dá o Livro apenas por trinta minutos. E eu lhe devolvo sua magia.

O queixo do duende caiu.

— Devolve minha magia? Não é possível.

— Ah, mas é. Eu tenho duas ampolas. Uma é um frasco de água da fonte do poço das fadas, sessenta metros abaixo do círculo de Tara, provavelmente o lugar mais mágico da Terra.

Isso vai servir de antídoto para a água benta.

— E a outra?

— A outra é uma pequena magia humana. Um vírus que se alimenta de álcool, misturado com um reagente de cresci-mento. Ele vai retirar cada gota de vinho de arroz de seu corpo, vai retirar a dependência e até estimular seu fígado doente. Fará uma sujeirada, mas depois de um dia você estará saracoteando por aí como se tivesse mil anos de novo.

A fada lambeu os lábios. Poder se juntar de novo ao Povo? Tentador.

— Como saber se eu posso confiar em você, humano?

Você já me enganou uma vez.

— Bem lembrado. O trato é o seguinte: eu lhe dou a água em boa-fé. Então, depois de eu ter dado uma olhada no Livro, você recebe o remédio. É pegar ou largar.

A fada pensou. A dor já estava se retorcendo em sua barriga. Ela estendeu a mão.

— Aceito.

— Eu achei que iria aceitar. Butler?

O empregado gigantesco desenrolou uma bolsa fechada com velcro onde havia uma pistola de aplicação e dois frascos.

Ele carregou o frasco de líquido incolor, aplicando-o no braço pegajoso da fada. A criatura se enrijeceu por um momento, e depois relaxou.

— Magia forte. — Ela respirou fundo.

— Sim. Mas não tão forte quanto será a sua quando eu lhe der a segunda injeção. Agora o Livro.

A fada enfiou a mão nas dobras do xale imundo, reme-xendo durante um tempo infinito. Artemis prendeu o fôlego. Era isso. Logo os Fowl seriam grandes outra vez. Um novo império cresceria, com Artemis Fowl II no comando.

A fada estendeu o punho fechado.

— Não adianta para você. Está escrito na língua antiga.

Artemis assentiu, sem coragem de falar. Ela abriu os dedos nodosos. Na palma de sua mão estava um minúsculo volume dourado, do tamanho de uma caixa de fósforos.

— Aqui, humano. Trinta dos seus minutos. Não mais.

Butler pegou com reverência o tomo minúsculo. O

guarda-costas ativou uma câmera digital compacta e começou a fotografar cada página finíssima do livro. O processo demorou vários minutos. Quando terminou, todo o volume estava arma-zenado no chip da máquina fotográfica. Artemis preferia não se arriscar com informações. Os equipamentos de segurança dos aeroportos podiam apagar muitos discos importantíssimos. Por isso instruiu o empregado a transferir o arquivo para seu celular e dali mandar por e-mail para a Mansão Fowl em Dublin. Antes que os trinta minutos terminassem, o arquivo contendo cada símbolo do Livro das Fadas estava guardado em segurança no servidor de Fowl.

Artemis devolveu o minúsculo volume à sua dona.

— Foi bom fazer negócios com você.

A fada saltou de joelhos.

— E a outra poção, humano?

Artemis sorriu.

— Ah, sim, o restaurador. Eu acho que prometi.

— Sim. O humano prometeu.

— Muito bem. Mas antes de aplicarmos devo alertar que a purgação não é agradável. Você não vai gostar nem um pouco.

A fada fez um gesto indicando a imundície esquálida em volta.

— Você acha que eu gosto disso? Quero voar de novo.

Butler carregou o segundo frasco e aplicou direto na artéria carótida. O duende desmoronou imediatamente na esteira, todo o corpo tremendo com violência.

— Hora de partir — comentou Artemis. — Cem anos de álcool deixando um corpo por todos os caminhos possíveis não é uma visão bonita.

A família Butler servia à família Fowl há séculos. Sempre fora assim. Na verdade, havia muitos lingüistas eminentes com a opinião de que fora desse modo que o substantivo se originou (afinal de contas, butler significa "mordomo", em inglês). O

primeiro registro desse arranjo incomum aconteceu quando Virgil Butler foi contratado como serviçal, guarda-costas e co-zinheiro de lorde Hugo de Fóle para uma das primeiras grandes cruzadas normandas.

Aos dez anos os filhos dos Butler eram mandados para um centro particular de treinamento em Israel, onde aprendiam as habilidades necessárias para guardar os últimos da linhagem dos Fowl. Essas habilidades incluíam cozinha de classe internacional, assassinato, uma mistura especializada de artes marciais, medicina de emergência e informática. Se, no fim do treinamento, não houvesse um Fowl a ser protegido, os Butler eram prontamente passados adiante, como guarda-costas de vários monarcas, geralmente em Mônaco ou na Arábia Saudita.

Assim que um Fowl e um Butler eram reunidos, formavam um par para toda a vida. Era um serviço exigente e soli-tário, mas as recompensas eram boas se você sobrevivesse para desfrutá-las. Se não, sua família recebia um acordo financeiro de seis dígitos mais uma pensão mensal.

O atual Butler vinha protegendo o jovem patrão Artemis há doze anos, desde o momento em que ele nascera. E, mesmo cumprindo as formalidades antiqüíssimas, os dois eram muito mais do que patrão e empregado. Artemis era a coisa mais parecida com um amigo para Butler, e Butler era o mais parecido com um pai para Artemis, mesmo sendo um pai que obedecia a ordens.

Butler ficou em silêncio até estarem a bordo do avião que sairia de Bangcoc para o aeroporto de Londres. Então precisou perguntar.

— Artemis?

Artemis ergueu os olhos da tela de seu Power Book.

Estava começando a tentar uma tradução.

— Sim.

— A fada. Por que nós não ficamos simplesmente com o livro e deixamos que ela morresse?

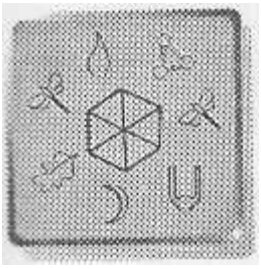
— Um cadáver é uma prova, Butler. Do modo como eu agi, o Povo não terá motivo para suspeitar.

— Mas e a fada?

— Não creio que ela vá confessar que mostrou o Livro a humanos. De qualquer modo, eu misturei um leve amnésico na segunda injeção. Quando ela finalmente acordar, a última semana estará totalmente borrada.

Butler assentiu, admirado. Sempre dois passos à frente, esse era o patrão Artemis. As pessoas diziam que ele era um digno representante da família. Estavam erradas. O patrão Artemis era algo totalmente novo, de um jeito que nunca fora visto antes.

Com as dúvidas aplacadas, Butler voltou ao seu exemplar de Armas e munições e deixou o patrão deslindando os segredos do universo.



CAPÍTULO 2: **A TRADUÇÃO**

Agora você já deve ter adivinhado até onde Artemis Fowl estava decidido a ir para alcançar seu objetivo. Mas qual era exatamente esse objetivo?

Que esquema estranho implicaria a chantagem de um duende viciado em álcool? A resposta era: ouro.

A busca de Artemis tinha começado há dois anos, quando começou seu interesse por navegar na internet. Rapidamente ele encontrou os sites mais estranhos: abdução por alienígenas, avistamento de OVNI e episódios sobrenaturais.

Mais especificamente, porém, a existência do Povo.

Percorrendo gigabytes de dados, encontrou centenas de referências a fadas em quase todos os países do mundo. Cada civilização tem uma palavra para descrever o Povo, mas sem dúvida eram todos membros da mesma família oculta. Várias histórias mencionavam um livro

carregado por cada criatura do reino das fadas. Era a sua Bíblia, contendo, supostamente, a história de sua raça e os mandamentos que governavam suas longas vidas. Claro, esse Livro era escrito em gnomês, o texto das fadas, e não seria de utilidade para os humanos.

Artemis acreditava que, com a tecnologia atual, o Livro poderia ser traduzido. E com essa tradução ele poderia começar a explorar todo um novo grupo de criaturas.

Conheça o inimigo, era o lema de Artemis, por isso mergulhou nas histórias sobre o Povo até compilar um gigantesco banco de dados sobre as características dele. Mas não bastava.

Por esse motivo colocou um anúncio na internet: Empresário irlandês pagará grande quantia em dólares americanos para conhecer um duende, fada, leprechaum, gnomo.

Na maioria as respostas eram fraudulentas, mas a cidade de Ho Chi Minh tinha dado resultado.

Talvez Artemis fosse a única pessoa viva que poderia tirar plena vantagem de sua recente aquisição. Ainda mantinha uma crença infantil na magia, temperada por uma determinação adulta para explorá-la. Se houvesse alguém capaz de conseguir um pouco do ouro mágico das fadas, era Artemis Fowl II.

Era de manhã cedo quando chegaram à Mansão Fowl.

Artemis estava ansioso para abrir o arquivo em seu computador, mas primeiro decidiu falar com sua mãe.

Angeline Fowl estava de cama. Estava de cama desde o desaparecimento do marido. Tensão nervosa, disseram os mé-

dicos. Precisaria apenas de descanso e comprimidos para dormir.

Isso tinha sido há quase um ano.

A irmã mais nova de Butler, Juliet, estava sentada ao pé da escada. Seu olhar parecia abrir um buraco na parede. Nem mesmo o rímel brilhante podia suavizar a expressão. Artemis já tinha visto esse tipo de olhar, logo antes de Juliet ter suplexado um entregador de pizza particularmente atrevido. O suplex, pelo que Artemis deduziu, era um movimento de luta. Obsessão incomum para uma adolescente. Mas, afinal de contas, ela era uma Butler.

— Problemas, Juliet?

Juliet se levantou às pressas.

— Foi culpa minha, Artemis. Parece que eu deixei uma fresta nas cortinas. A Sra. Fowl não conseguiu dormir.

— Hmm — murmurou Artemis, escalando lentamente a escada de carvalho.

Estava preocupado com o estado da mãe. Angeline Fowl não via a luz do dia há muito tempo. Mas, afinal, se ela se recuperasse milagrosamente, emergindo revitalizada de seu quarto, isso sinalizaria o fim da extraordinária liberdade de Artemis.

Seria a volta à escola, e nada de ousados empreendimentos criminosos para você, meu chapa. Ele bateu suavemente na grande porta dupla em arco.

— Mamãe? Está acordada?

Algo se chocou contra o outro lado da porta. O som foi de algum objeto caro.

— Claro que estou acordada! Como posso dormir nessa claridade ofuscante?

Artemis se aventurou para dentro. Uma cama antiga, com quatro pilares, lançava espirais sombrias na escuridão, e uma pálida tira de luz espiava através de uma fresta entre as cortinas de veludo. Angeline Fowl estava sentada na cama, encurvada, com os membros pálidos luzindo brancos no quarto.

— Artemis, querido, onde você esteve?

Artemis suspirou. Ela o reconheceu. Isso era bom sinal.

— Num passeio da escola, mamãe. Fomos esquiar na Áustria.

— Ah, esquiar — cantarolou Angeline. — Como sinto falta disso! Talvez, quando seu pai voltar...

Artemis sentiu um nó na garganta. Muito pouco característico.

— É. Talvez quando papai voltar.

— Querido, você poderia fechar aquelas cortinas desgraçadas? A luz é intolerável.

— Claro, mamãe.

Artemis tateou pelo quarto, tomando cuidado com os baús de roupas espalhados no chão. Por fim seus dedos tocaram as cortinas de veludo. Por um instante ele se sentiu tentado a escancará-las, então suspirou e as fechou totalmente.

— Obrigada, querido. A propósito, nós realmente precisamos nos livrar daquela serviçal. Ela não presta para absolutamente nada.

Artemis segurou a língua. Juliet vinha sendo um membro trabalhador e leal do lar dos Fowl nos últimos três anos. Estava na hora de usar a distração da mãe em proveito próprio.

— A senhora está certa, mamãe. Eu vinha pensando em fazer isso há um tempo. Butler tem uma irmã que eu acho que seria perfeita para o cargo. Acho que já falei dela. O nome é Juliet.

Angeline franziu a testa.

— Juliet? É, o nome parece familiar. Bom, qualquer pessoa seria melhor do que aquela garota idiota que temos agora.

Quando ela pode começar?

— Imediatamente. Vou mandar Butler apanhá-la no chalé.

— Você é um bom garoto, Artemis. Agora dê um abraço na mamãe.

Artemis entrou nas dobras sombreadas da camisola da mãe. Ela estava perfumada, perfume de pétalas na água. Mas os braços estavam frios e fracos.

— Ah, querido — sussurrou ela, e o som provocou arrepios no pescoço de Artemis. — Eu ouço coisas. À noite. Elas se arrastam nos travesseiros e entram nos meus ouvidos.

Artemis sentiu de novo o nó na garganta.

— Talvez nós devêssemos abrir as cortinas, mamãe.

— Não — soluçou a mãe, soltando-o do abraço. — Não.

Porque aí vou poder vê-las também.

— Mamãe, por favor.

Mas não adiantava. Angeline tinha ido embora. Arrastou-se para o canto mais distante da cama, puxando o edredom até o queixo.

— Mande a garota nova.

— Sim, mamãe.

Angeline o encarou com olhos astutos.

— E pare de me chamar de mamãe. Não sei quem você é, mas certamente não é o meu pequenino Arty.

Artemis piscou para impedir uma lágrima rebelde.

— Claro. Desculpe, mã... desculpe.

— Hmm. Não volte aqui de novo, ou eu mando meu marido cuidar de você. Ele é um homem muito importante, você sabe.

— Muito bem, Sra. Fowl. É a última vez que a senhora me verá.

— É melhor que seja. — De repente Angeline se imobilizou. — Você ouviu?

Artemis balançou a cabeça.

— Não, não ouvi na...

— Eles estão vindo me pegar. Estão em toda parte.

Angeline mergulhou sob os cobertores. Artemis ainda podia ouvir seus soluços aterrorizados enquanto descia a escada de mármore.

O Livro estava se mostrando mais teimoso do que Artemis tinha previsto. Era quase como se resistisse por vontade própria. Com qualquer programa que usasse, o computador continuava sem solução.

Artemis imprimiu cada uma das páginas e colou nas paredes de seu escritório. Algumas vezes era útil ter as coisas no papel. A escrita não se parecia com nada que ele tivesse visto antes, mas ao mesmo tempo era estranhamente familiar.

Sendo obviamente uma linguagem baseada na mistura de símbolos e caracteres, o texto serpenteava pela página sem ordem aparente.

O que o programa precisava era de alguma estrutura de referência, algum ponto central do qual partir. Ele separou todos os caracteres e fez comparações com textos em inglês, chinês, grego, árabe e cirílico, até com ogham. Nada.

Mal-humorado por tanta frustração, Artemis fez Juliet sair em disparada quando ela o interrompeu trazendo sanduíches, e passou para os símbolos. O pictograma mais freqüente era uma pequena figura masculina. Presumia que fosse masculina, mas com o limitado conhecimento da anatomia das fadas ele achava que poderia ser feminina. Um pensamento lhe ocorreu. Artemis abriu o arquivo de línguas antigas de seu tradutor eletrônico e escolheu egípcio.

Finalmente. Uma chance. O símbolo masculino era in-crivelmente semelhante à representação do deus Anúbis nos hieróglifos da câmara interna de Tutancamon.

Isso era coerente com outras descobertas. As primeiras histórias humanas falavam de fadas, sugerindo que a civilização delas era anterior à do homem.

Pode ser que os egípcios tenham simplesmente adaptado uma escrita existente para atender às suas necessidades.

Havia outras semelhanças. Mas os caracteres eram diferentes o bastante para não ser apanhados pela rede do computador. Isso teria de ser feito manualmente. Cada figura em gnomês teria de ser ampliada, impressa e depois comparada com os hieróglifos.

Artemis sentiu a empolgação do sucesso martelar em suas costelas. Quase todos os pictogramas ou letras das fadas tinham uma contrapartida egípcia. A maioria era universal, como o sol ou os pássaros. Mas algumas pareciam exclusivamente sobrenaturais e tinham de ser alteradas para se encaixar. A figura de Anúbis, por exemplo, não faria sentido como um deus cão, por isso Artemis o alterou para ler rei das fadas.

À meia-noite Artemis tinha posto suas descobertas no Machintosh. Tudo que precisava fazer agora era digitar “Decodificar”. Fez isso. O que surgiu foi uma tira comprida, intrincada, de algaravias sem sentido.

Uma criança normal teria abandonado a tarefa há muito tempo. Um adulto mediano provavelmente acabaria esmurrando o teclado. Mas não Artemis. Esse livro o estava testando, e ele não permitiria que o livro vencesse.

As letras estavam corretas, tinha certeza. Apenas a ordem estava errada. Esfregando o sono para fora dos olhos, Artemis olhou de novo para as páginas.

Cada segmento era cercado por uma linha contínua. Isso poderia representar parágrafos ou capítulos. mas não se desti-navam a ser lidos no sentido comum, da esquerda para a direita, de cima para baixo.

Experimentou. Tentou o modo árabe, da direita para a esquerda, e em colunas, à maneira chinesa. Nada funcionou.

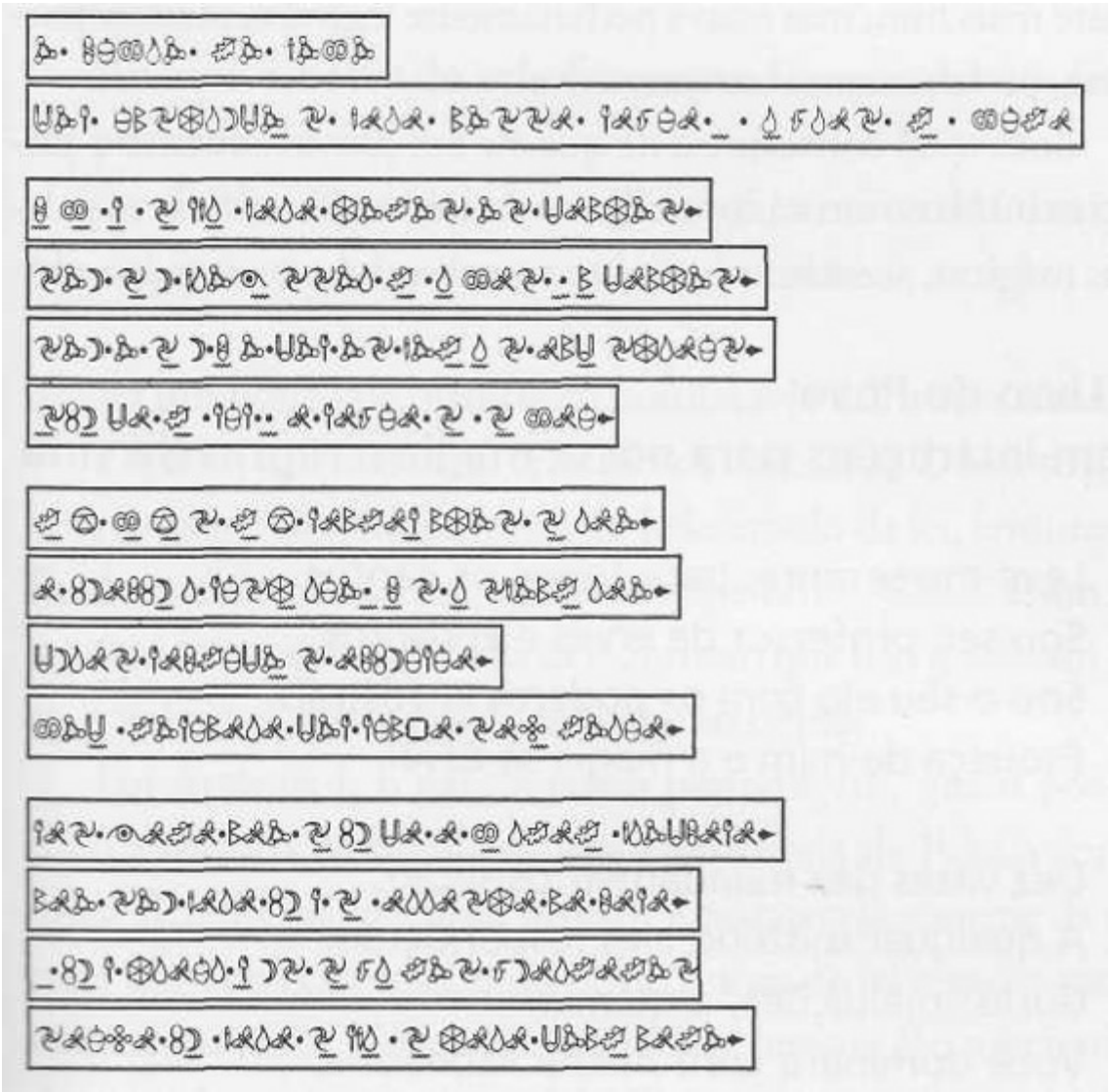
Depois percebeu que cada página tinha um aspecto em comum — uma seção central. Os

outros pictogramas eram arrumados em volta dessa área. Então o ponto de partida talvez fosse o centro. Mas aonde ir depois? Artemis examinou as pá-

ginas em busca de algum outro fator comum. Depois de vários minutos encontrou. Em cada página havia uma ponta de lança minúscula no canto de uma seção. Seria uma seta? Uma indica-

ção? Vá nesse sentido? Então a idéia seria começar pelo meio e seguir a seta, lendo em espirais.

O programa de computador não fora feito para lidar com uma coisa assim, por isso Artemis teve de improvisar. Com um estilete e uma régua, dissecou a primeira página do Livro e montou de novo na ordem das línguas tradicionais do Ocidente — Da esquerda para a direita, de cima para baixo — Depois escaneou a página outra vez e passou pelo tradutor de egípcio modificado.



O computador zumbia e ronronava, convertendo tudo em informações binárias. Por várias vezes parou para pedir a confirmação de um caractere ou de um símbolo.

Isso foi acontecendo cada vez menos enquanto a má-

quina aprendia a nova língua. Por fim duas palavras piscaram na tela: Arquivo convertido.

Com os dedos trêmulos de exaustão e empolgação, Artemis clicou “Imprimir”. Uma única página rolou da impressora a laser.

Agora estava em seu idioma. Sim, havia erros, era necessário um ajuste mais fino, mas estava perfeitamente legível e, mais importante, perfeitamente compreensível.

Com total consciência de que ele era provavelmente o primeiro humano em vários milhares de anos a decodificar as palavras mágicas, acendeu a luz sobre a escrivaninha e começou a ler.

O Livro do Povo

Com instruções para nossa magia e regras de vida.

Leve-me sempre, para todos os cantos.

Sou seu professor de ervas e encantos.

Sou o seu elo com os poderes ancestrais.

Esqueça de mim e a magia se esvai.

Dez vezes dez mandamentos serão.

A qualquer mistério eles responderão.

Curas, maldições, alquimia.

Você dominará com minha sabedoria.

Mas, fada, não esqueça, a verdade proclama: Não sou para quem se arrasta na lama.

E quem trair meus segredos guardados Saiba que para sempre estará condenado.

Artemis podia ouvir o sangue bombeando nos ouvidos.

Conseguira. Eles seriam formigas sob seus pés. Cada um dos seus segredos seria desnudado pela tecnologia. De repente a exaustão tomou conta e ele se deixou afundar na cadeira. Ainda havia muita coisa a fazer. Quarenta e três páginas a serem tra-duzidas, só para começar.

Apertou o botão do interfone que o ligava com al-to-falantes por toda a casa.

— Butler. Pegue Juliet e venha aqui em cima. Há uns quebra-cabeças que eu quero que vocês montem.

Talvez um pouco da história da família seja útil a essa altura.

De fato, os Fowl eram criminosos lendários. Durante gerações tinham feito escaramuças do lado errado da lei, levantando fundos suficientes para se tornarem respeitáveis. Claro, assim que se tornaram respeitáveis, eles descobriram que não gostavam disso, e voltaram quase imediatamente ao crime.

Foi Artemis I, o pai de nosso personagem, quem pôs em risco a fortuna da família. Com a derrocada da Rússia comunista, Artemis pai decidira investir uma parcela enorme da fortuna dos Fowl estabelecendo novas linhas de navegação para o vasto continente. Novos consumidores, pensou ele, precisariam de novos bens de consumo. A Máfia russa não gostou muito de um bandido ocidental atuando em seu mercado, por isso decidiu mandar uma pequena mensagem. Essa mensagem assumiu a forma de um míssil Stinger roubado, lançado contra o navio Fowl Star, que seguia a caminho de Murmansk. Artemis pai estava a bordo do navio, junto com o tio de Butler e 250.000 latas de cola. Foi uma tremenda explosão.

Os Fowl não foram deixados na miséria, longe disso.

Mas o status de bilionários não era mais deles. Artemis II prometeu consertar isso.

Restauraria a fortuna da família. E faria isso ao seu modo especial.

Assim que o Livro estivesse traduzido, Artemis poderia começar a planejar seriamente. Já sabia qual era o objetivo final, agora poderia deduzir como alcançá-lo.

Ouro, claro, era a meta. A aquisição de ouro. Parecia que o Povo gostava do metal precioso quase tanto quanto os humanos. Cada membro do Povo das Fadas tinha seu depósito secreto, mas não durante muito tempo, se Artemis conseguisse seu intento. Haveria pelo menos um membro do Povo das Fadas andando com bolsos vazios quando ele tivesse terminado.

Depois de dezoito horas de sono ininterrupto e de um leve café continental, Artemis subiu ao escritório que tinha herdado do pai.

Era uma sala bastante tradicional — forrada de carvalho escuro e com prateleiras do chão ao teto —, mas o garoto havia atulhado o espaço com tecnologia de informática de última geração. Uma série de Apples Mac em rede zumbiam em vários cantos mostrando o site da CNN através de um projetor DAT, lançando enormes imagens de notícias atuais na parede dos fundos.

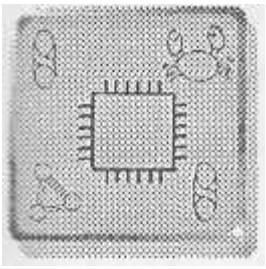
Butler já estava lá, ligando os discos rígidos.

— Desligue tudo, menos o do Livro. Preciso de silêncio para isso.

O empregado levou um susto. O site da CNN vinha rodando há quase um ano. Artemis estava convencido de que a notícia do resgate do pai chegaria por lá. Desligá-lo significava que ele finalmente estava deixando isso de lado.

— Todos?

Artemis olhou por um momento para a parede dos fundos.



— Sim — disse finalmente. — Todos.

Butler tomou a liberdade de dar um tapinha no ombro do patrão, só uma vez, antes de voltar ao trabalho. Artemis estalou os dedos. Hora daquilo que ele fazia melhor: tramar atos malignos.

CAPÍTULO 3: **HOLLY**

Holly Short estava deitada na cama, numa fúria silenciosa. Não havia nada de incomum

nisso. Em geral os leprechauns não eram conhecidos por sua amabilidade.

Mas Holly estava num humor excepcionalmente ruim, até mesmo para uma fada.

Tecnicamente ela era um elfo, já que fada é um termo genérico.

Era também um leprechaum, mas isso era apenas uma profissão.

Talvez uma descrição fosse mais útil do que uma aula de genealogia de fadas. Holly Short tinha pele castanha, cabelo castanho-avermelhado cortado curto e olhos amendoados. Seu nariz era adunco, e a boca gorducha e angelical, o que era apro-priado, considerando que Cupido era seu bisavô. Sua mãe era dos elfos europeus, de temperamento feroz e figura esguia. Holly também era magra, com dedos longos, perfeitos para se enrola-rem em volta de um cassetete elétrico. As orelhas, claro, eram pontudas. Com exatamente um metro de altura, Holly tinha apenas um centímetro a menos do que a média das fadas, mas até um centímetro pode fazer uma tremenda diferença quando você não tem muitos para desperdiçar.

O comandante Raiz era a causa da irritação de Holly.

Raiz vinha pegando no seu pé desde o primeiro dia. O comandante tinha decidido se ofender com o fato de a primeira policial da história da Recon ter sido designada para seu esquadrão. A Recon era uma unidade de reconhecimento notoriamente perigosa, com alta taxa de mortes, e Raiz não achava que era lugar para uma garota.

Bom, ele teria de se acostumar com a idéia, porque Holly Short não tinha intenção de desistir por causa dele nem de ninguém.

Mesmo sem jamais admitir, outra causa possível para a irritação de Holly era o Ritual. Já vinha pretendendo realizá-lo há várias luas, mas nunca conseguia arranjar tempo. E se Raiz descobrisse que ela estava fraca em magia, Holly seria mandada para o Departamento de Tráfego, com certeza.

Holly enrolou seu acolchoado e foi tropeçando até o chuveiro. Esta era uma vantagem de morar perto do centro da Terra — a água era sempre quente. Não havia luz natural, claro, mas esse era um pequeno preço a pagar pela privacidade.

O subterrâneo. A última área livre de humanos. Não havia nada como voltar para casa depois de um longo dia no trabalho, desligar o escudo e afundar numa piscina de lodo borbulhante. Delícia.

A fada se vestiu, fechando o zíper do macacão verde opaco até o queixo e prendendo o capacete. Hoje em dia os uniformes do LEPrecon eram elegantes. Não como aquelas roupas cafonas que a força policial tinha de usar nos velhos tempos.

Sapatos de fivela e calções amarrados nos joelhos! Honestamente. Não era de espantar que os leprechauns fossem uma figura tão ridícula no folclore humano. Mesmo assim, provavelmente era melhor desse jeito. Se o Povo da Lama soubesse que a palavra "leprechaum" na verdade se originava de LEPrecon, um ramo da Liga de Elite da Polícia, provavelmente tomaria alguma atitude para acabar com eles. Melhor ficar sem ser notados e deixar que os humanos tenham seus estereótipos.

Com a lua já nascendo na superfície, não havia tempo para um desjejum decente. Holly

pegou o resto de um suco de urtiga e foi tomando pelos túneis. Como sempre, havia um caos na passagem principal. Duendes alados engarrafavam a avenida.

Os gnomos também não estavam ajudando, com seus traseiros grandes e balouçantes atravancando as duas pistas.

Sapos xingadores infestavam cada lugar úmido, soltando palavrões como marinheiros. Essa raça específica tinha come-

çado como uma piada, mas se multiplicara numa epidemia. Al-guém tinha perdido o controle sobre eles.

Holly lutou para atravessar a multidão até a delegacia.

Um tumulto havia se formado do lado de fora do Empório Batata do Batata. O cabo Newt, da LEP, estava tentando dar um jeito na confusão. Boa sorte para ele. Pesadelo. Pelo menos Holly tinha a chance de trabalhar acima do solo.

As portas da delegacia da LEP estavam atulhadas de gente protestando. A guerra de gangues entre os goblins e os anões havia reiniciado, e todas as manhãs hordas de pais furiosos apareciam exigindo a libertação de seus inocentes filhinhos.

Holly fungou. Se havia um goblin inocente, Holly Short ainda não tinha conhecido. Agora eles estavam atulhando as celas, uivando canções de gangues e lançando bolas de fogo uns contra os outros.

Holly abriu caminho pela multidão.

— Abram passagem — rosnou. — Polícia.

— Meu filho Rabujo é inocente!

— Brutalidade policial!

— Policial, será que a senhora poderia levar o cobertor do meu neném? O coitadinho não consegue dormir sem ele.

Holly ajustou o visor para refletir e ignorou todos. Antigamente o uniforme garantia algum respeito. Agora não. Agora você era um alvo. “Com licença, policial, mas eu não sei onde pus minha jarra de verrugas.” “Perdão, jovem elfo, mas meu gato subiu numa estalactite.” Ou: “Se a senhora tiver um minuto, capitã, será que podia me dizer como chegar à Fonte da Juventude?” Holly estremeceu. Turistas. Ela já tinha problemas suficientes. Mais do que imaginava, como ia descobrir logo.

No saguão da delegacia um anão cleptomaníaco estava ocupado batendo as carteiras de todo mundo na fila do registro de ocorrências, inclusive do policial a quem ele estava algemado.

Holly lhe deu uma cutucada no traseiro com o cassetete elétrico. O choque chamuscou os fundilhos de suas calças de couro.

— O que está fazendo aí, Palha?

Palha levou um susto, deixando o contrabando cair das mangas.

— Policial Short — gemeu ele, com um rosto que era uma máscara de arrependimento. — Eu não consigo evitar, é minha natureza.

— Sei disso, Palha. E é nossa natureza jogar você numa cela por uns dois séculos.

Ela piscou para o policial que estava prendendo o anão.

— É bom ver que você está alerta.

O elfo ruborizou-se, ajoelhando-se para pegar sua carteira e distintivo.

Holly passou pela sala de Raiz, esperando chegar ao seu cubículo antes que...

— SHORT VENHA CÁ!

Holly suspirou. Ah, bem. Lá vamos nós outra vez.

Enfiando o capacete debaixo do braço, Holly alisou as dobras do uniforme e entrou na sala do comandante Raiz.

O rosto de Raiz estava vermelho de fúria. Esse era mais ou menos o seu estado geral na vida, fato que lhe garantira o apelido de "Raiz de Beterraba". Os policiais tinham feito um bolo de apostas para saber quanto tempo ele tinha antes que seu coração explodisse. A média das apostas era meio século, no máximo.

O comandante Raiz estava batendo no luômetro em seu pulso.

— E então? Que horas você acha que são?

Holly pôde sentir seu rosto ficando vermelho também.

Ela estava atrasada apenas um minuto. Havia pelo menos uma dúzia de policiais daquele turno que ainda nem tinha aparecido.

Mas Raiz sempre a escolhia para a perseguição.

— A via expressa — murmurou ela sem jeito. — Quatro pistas estavam paradas.

— Não me insulte com as suas desculpas — rugiu o comandante. — Você sabe como é o centro da cidade! Levante-se alguns minutos mais cedo!

Verdade, ela sabia como o Refúgio era. Holly Short era um elfo nascido e criado na cidade. Desde que os humanos começaram a experimentar a mineração, um número cada vez maior de fadas tinha sido expulso das fortalezas mais rasas e descido para as profundezas e a segurança da Cidade do Refúgio.

A metrópole era superpovoada e tinha problemas nos serviços. E

agora havia uma pressão para que fossem liberados os automó-

veis no centro da cidade, onde só eram permitidos pedestres.

Como se o lugar já não fosse fedido demais com todos aqueles gnomos do campo andando de um lado para o outro.

Raiz estava certo. Ela deveria acordar um pouco mais cedo. Mas não faria isso. Não enquanto todo mundo também não fosse obrigado a fazer o mesmo.

— Eu sei o que você está pensando — disse Raiz. — Por que eu pego no seu pé todo dia? Por que nunca dou bronca nos outros atrasados?

Holly ficou quieta, mas a concordância estava clara em seu rosto.

— Vou lhe dizer por que, posso?

Holly arriscou uma confirmação com a cabeça.

— Porque você é uma garota.

Holly sentiu os punhos se fecharem. Ela sabia!

— Mas não pelos motivos em que você pensa. Você é a primeira garota no Recon. Primeiríssima. Você é um teste especial. Um farol. Há milhões de fadas aí fora, observando cada movimento seu. Há um monte de esperanças depositadas em você. Mas também há um bocado de preconceitos. O futuro da lei está nas suas mãos. E no momento eu diria que esse futuro é um pouco pesado.

Holly piscou. Raiz nunca tinha dito algo assim antes.

Geralmente era só "Ajeite o capacete", "Fique ereta", blá, blá, blá.

— Você precisa ser a melhor possível, Short, e isso significa ser melhor do que todos os outros. — Raiz suspirou, afundando em sua cadeira giratória. — Não sei, Holly. Desde aquele caso de Hamburgo.

Holly se encolheu. O caso de Hamburgo tinha sido um desastre total. Um de seus bandidos tinha escapado para a superfície e tentado barganhar asilo com o Povo da Lama. Raiz teve de parar o tempo, convocar o Esquadrão de Resgate e fazer quatro apagamentos de memória. Um bocado de tempo desperdiçado para a polícia. Tudo culpa dela.

O comandante pegou um formulário na mesa.

— Não adianta. Eu decidi. Vou colocar você no Departamento de Trânsito e trazer a cabo Fronde.

— Fronde! — Explodiu Holly. — Ela é uma tonta. Uma cabeça-de-vento. O senhor não pode transformá-la no teste especial!

O rosto de Raiz assumiu um tom de púrpura ainda mais profundo.

— Posso e vou. Por que não faria isso? Você nunca rendeu o máximo... Ou é isso ou você simplesmente não é boa o bastante. Desculpe, Short, você teve a sua chance...

O comandante se virou de novo para a sua papelada. A reunião havia acabado.

Holly só conseguiu ficar ali imóvel, pasma.

Tinha estragado tudo. A melhor oportunidade de carreira que jamais teria, e tinha jogado na sarjeta. Um erro e seu futuro era passado. Não era justo. Holly sentiu uma raiva pouco característica tomando conta, mas engoliu-a. Não era hora de perder as estribeiras.

— Comandante Raiz, acho que mereço mais uma chance.

Raiz nem levantou o olhar da papelada.

— E por quê?

Holly respirou fundo.

— Por causa do meu currículo, senhor. Ele fala por si, afora o caso de Hamburgo. Dez recons bem-sucedidos. Nem um único apagamento de memória ou parada de tempo, a não ser...

— O caso de Hamburgo.

Holly resolveu se arriscar.

— Se eu fosse do sexo masculino, um dos seus preciosos duendes alados, nós nem estaríamos tendo esta conversa.

Raiz ergueu os olhos incisivamente.

— Ei, espere aí, capitã Short...

O comandante foi interrompido pelo toque de um dos telefones na mesa. Depois dois, e três. Uma tela gigante se acendeu na parede atrás dele.

Raiz apertou o botão do interfone, colocando em conferência todos que estavam ligando.

— Sim?

— Temos um fugitivo.

Raiz assentiu.

— Alguma coisa dos Scópios?

Scópios era o nome genérico dos rastreadores postos disfarçadamente nos satélites de comunicação americanos.

— Sim — disse um segundo participante. — Um grande sinal na Europa. Sul da Itália. Sem escudo.

Raiz xingou. Um ser do Povo das Fadas sem escudo poderia ser visto por olhos mortais. Isso não era tão ruim se o bandido fosse humanóide.

— Classificação.

— Má notícia, comandante — disse o terceiro participante. — É um troll desgarrado.

Raiz esfregou os olhos. Por que essas coisas sempre aconteciam no seu turno? Holly podia entender a frustração dele.

Os trolls eram as piores criaturas dos túneis profundos. Percor-riam o labirinto atacando qualquer coisa que tivesse a infelicidade de atravessar seu caminho. Seus cérebros minúsculos não tinham espaço para regras de controle. Ocasionalmente um conseguia chegar ao poço de um elevador de pressão. Geralmente a corrente de ar concentrada os fritava, mas algumas vezes um so-brevivia e era jogado na superfície. Enlouquecidos pela dor e até pela mínima quantidade de luz, eles geralmente começavam a destruir tudo em seu caminho.

Raiz balançou a cabeça rapidamente, recuperando-se.

— Certo, capitã Short. Parece que você conseguiu sua chance. Você está quente, não está?

— Sim, senhor — mentiu Holly, consciente demais de que Raiz iria suspendê-la imediatamente se soubesse que ela havia negligenciado o Ritual.

— Bom. Então requisite uma arma e vá até a área-alvo.

Holly olhou para a tela. Os Scópios estavam mandando imagens de alta resolução de uma cidade fortificada na Itália. Um ponto vermelho movia-se rapidamente pelo campo, em direção à população humana.

— Faça um reconhecimento completo e mande um relatório. Não tente um resgate. Entendido?

— Sim, senhor.

— Nós perdemos seis policiais em ataques de trolls no último quarto de século. Seis policiais. Isso foi abaixo da superfície, em território familiar.

— Entendo, senhor.

Raiz apertou os lábios, em dúvida.

— Você entende, Short? Entende mesmo?

— Acho que sim, senhor.

— Você já viu o que um troll é capaz de fazer com a carne e os ossos?

— Não, senhor. Não de perto.

— Bom. Não vamos fazer do dia de hoje sua primeira vez.

— Entendi.

Raiz a encarou, maligno.

— Não sei por quê, capitã Short, mas sempre que você começa a concordar comigo eu fico decididamente nervoso.

Raiz estava certo em ficar nervoso. Se soubesse o que ia acontecer naquela missão de reconhecimento aparentemente comum, provavelmente teria se aposentado na hora. Esta noite a história seria feita. E não era o tipo de história com final feliz como a descoberta do rádio ou o primeiro homem na Lua. Era uma história ruim, como a da inquisição espanhola, do "aí vem o dirigível Hindenburg". Ruim para humanos e fadas. Ruim para todo mundo. Holly foi diretamente para os lançadores. Sua boca normalmente faladora era um risco de determinação séria. Uma chance, só isso.

Ela não permitiria que nada rompesse sua concentração.

Havia a fila de sempre estendendo-se até o canto da Praça do Elevador, com criaturas esperando os vistos de feria-dos, mas Holly passou exibindo o distintivo. Um gnomo truculento se recusou a ceder o lugar.

— Por que vocês da LEP ficam sempre por cima? O que há de especial com vocês?

Holly respirou fundo pelo nariz. Cortesia em todas as ocasiões.

— É trabalho policial, senhor. Agora, se me der licença...

O gnomo coçou o traseiro enorme.

— Ouvi dizer que vocês da LEP arranjam trabalhos policiais só para dar uma olhada na luz. É o que eu ouvi dizer.

Holly tentou um sorriso divertido. Na verdade, o que se formou nos lábios parecia uma careta de quem chupou limão.

— Quem disse isso é um idiota... senhor. O Recon só vai à superfície quando é absolutamente necessário.

O gnomo franziu a testa. Obviamente ele próprio tinha inventado o boato e suspeitava de que Holly podia ter acabado de chamá-lo de idiota. Quando conseguiu chegar a essa conclusão, ela já havia passado pelas portas duplas.

Potrus estava esperando por ela na Central de Opera-

ções.

Potrus era um centauro paranóico, convicto de que os serviços de informação humanos estavam monitorando sua rede de transporte e vigilância. Para impedi-los de ler sua mente, usava um chapéu de lata o tempo todo.

Ele ergueu os olhos rapidamente quando Holly passou pelas portas pneumáticas.

— Alguém viu você entrar aqui?

Holly pensou.

— O FBI, a CIA, o NSA, o DEA, o MI6. Ah, e TNP.

Potrus franziu atesta.

— TNP?

— Todo mundo no prédio — disse Holly com um risinho.

Potrus se levantou de sua cadeira giratória e foi batendo os cascos até ela.

— Ah, você é muito engraçada, Short. É de matar de rir.

Eu achava que o caso de Hamburgo podia ter tirado um pouco da sua petulância. Se eu fosse você, me concentraria no serviço atual.

Holly recuperou a compostura. Ele estava certo.

— Certo, Potrus. Dê as informações.

O centauro apontou para uma grande tela de plasma que transmitia ao vivo do Eurosat.

— Esse ponto vermelho é o troll. Está indo para Martina Franca, uma cidade fortificada perto de Brindisi. Pelo que sabemos, ele saiu pelo tubo E7. O tubo estava se resfriando depois

de um lançamento à superfície, por isso o troll não virou chur-rasquinho.

Holly fez uma careta. Que beleza, pensou.

— Nós tivemos sorte porque nosso alvo encontrou um pouco de comida no caminho. Ele comeu duas vacas durante uma ou duas horas, de modo que isso nos dá um pouco de tempo.

— Duas vacas? Qual é o tamanho desse sujeito?

Potrus ajustou seu boné de lata.

— É um troll touro. Totalmente crescido. Cento e oitenta quilos, com presas que parecem de javali. Um javali selvagem.

Holly engoliu em seco. De repente o serviço no Recon parecia muito melhor do que no Resgate.

— Certo. O que você tem para mim?

Potrus foi até a mesa de equipamento. Escolheu o que parecia um relógio de pulso triangular.

— Localizador. Você o encontra, nós a encontramos.

Material de rotina.

— Vídeo?

O centauro prendeu um pequeno cilindro na reentrância do capacete de Holly.

— Transmissão ao vivo. Bateria nuclear. O microfone é ativado por voz.

— Bom. Raiz disse que eu deveria levar uma arma neste caso. Só para garantir.

— Eu já tinha pensado nisso — disse Potrus. Em seguida pegou uma pistola de platina numa pilha de armas. — Uma Neutrino 2000. Último modelo. Nem as gangues dos túneis têm dessas. Três ajustes, se você não se importa. Chamuscado, bem passado, e carvão. Alimentação nuclear também, por isso tome cuidado. Esse neném viverá mil anos mais do que você.

Holly prendeu a arma leve no coldre de ombro.

— Estou pronta... acho.

Potrus deu um risinho.

— Duvido. Ninguém está realmente pronto para um troll.

— Obrigado por estimular minha confiança.

— Confiança é ignorância — alertou o centauro. — Se você está se sentindo confiante, é porque há alguma coisa que não sabe.

Holly pensou em argumentar, mas não fez isso. Talvez porque tivesse uma leve suspeita de que Potrus estava certo.

Os elevadores de pressão eram alimentados por colunas gasosas que vinham do centro da

Terra. Mas os técnicos da LEP, sob orientação de Potrus, tinham feito ovos de titânio que podiam navegar nas correntes de lava. Eles possuíam motores próprios, mas para uma subida expressa à superfície não havia nada como o empuxo de uma explosão de magma.

Potrus guiou-a, passando por uma longa fileira de lan-

çadores, até o E7. O casulo estava apoiado nas travas, parecendo muito frágil para ser disparado em correntes de magma. O lado de baixo era preto e cheio de marcas de estilhaços.

O centauro deu um tapinha orgulhoso num pára-choque.

— Esse neném está em serviço há cinqüenta anos. É o modelo mais antigo dos lançadores.

Holly engoliu em seco. Os lançadores a deixavam nervosa o suficiente, mesmo sem andar numa antigüidade.

— Quando ele vai sair de linha?

Potrus coçou a barriga peluda.

— Com as verbas como estão, só quando acontecer uma fatalidade.

Holly abriu a porta pesada, e o lacre de borracha cedeu sibilando. O casulo não fora construído para dar conforto. Mal havia espaço para um assento com cintos de segurança em meio ao emaranhado de equipamento eletrônico.

— O que é isso? — perguntou Holly, apontando para uma mancha cinzenta no apoio de cabeça do assento. Potrus se remexeu, desconfortável.

— Hmm... fluido cerebral, eu acho. Tivemos um vaza-mento de pressão na última missão. Mas já foi tapado. E o policial sobreviveu. Com alguns pontos a menos no Q.I., mas está vivo, e ainda pode tomar líquidos.

— Bom, então está ótimo — zombou Holly, abrindo caminho entre a massa de fios. Potrus prendeu os cintos de segurança, verificando cuidadosamente.

— Tudo certo?

Holly assentiu.

O centauro bateu no microfone do capacete dela.

— Mantenha contato — falou, fechando a porta.

Não pense nisso, disse Holly a si mesma. Não pense no fluxo de magma quente que vai engolfar esse veículo minúsculo.

Não pense que está disparando para a superfície com uma força MACH 2 tentando vira-la pelo avesso. E certamente não pense no troll doido por sangue, pronto para estripá-la com as presas.

Necas. Não pense em nada disso...

Tarde demais.

A voz de Potrus soou em seu fone de ouvido.

— T — menos vinte. Estamos num canal seguro, para o caso de o Povo da Lama ter começado afazer monitoramento subterrâneo. Nunca se sabe. Um petroleiro do Oriente Médio interceptou uma transmissão uma vez. Foi uma confusão só.

Holly ajustou o microfone do capacete.

— Concentração, Potrus. Minha vida está nas suas mãos aí fora.

— Ah... certo, desculpe. Nós vamos usar os trilhos para deixá-la no poço principal do E7, há um jorro vindo a qualquer minuto. Ele deve fazer você atravessar os primeiros cem klicks, depois você estará por conta própria.

Holly assentiu, envolvendo os dois joysticks com os dedos.

Houve um ruído soprado quando os motores do casulo se ligaram. O minúsculo veículo balançou nos suportes, sacudindo Holly como uma conta num chocalho. Ela mal podia ouvir Potrus falando em seu ouvido.

— Agora você está no tubo secundário. Prepare-se para voar, Short.

Holly pegou um cilindro de borracha no painel e pôs entre os dentes. Não adiantava ter rádio de comunicação se você engolisse a língua. Ela ativou as câmeras externas e pôs a tela de visão.

A entrada do E7 se aproximava lentamente. O ar tre-meluzia no brilho da luz de pouso. Fagulhas de um branco incandescente caíam no túnel secundário. Holly não podia ouvir o rugido, mas podia imaginá-lo. Um vento rouco, como se fossem milhões de trolls uivando.

Seus dedos apertaram os joysticks. O casulo parou es-tremecendo na borda. O poço se estendia para baixo e para cima.

Enorme. Sem limites. Era como largar uma formiga numa calha de chuva.

— Certo — disse Potrus. — Mantenha o café da manhã no estômago. As montanhas-russas não são páreo para isso.

Holly assentiu. Não conseguia falar, com a borracha na boca. De qualquer modo o centauro podia vê-la pela câmera do casulo.

— Sayonara, querida — disse Potrus, e apertou o botão.

A trava do casulo se inclinou, jogando Holly no abismo.

Seu estômago se apertou enquanto a força G assumia o controle, arrastando-a para o centro da Terra. O departamento de sis-mologia tinha um milhão de sondas lá embaixo, com uma taxa de sucesso de 99,8 por cento na previsão de explosões de magma.

Mas sempre havia aquele 0,2 por cento.

A queda pareceu durar uma eternidade. E justo quando Holly tinha se entregado mentalmente ao depósito de lixo, sentiu.

Aquela vibração inesquecível. A sensação de que, fora de sua esfera minúscula, todo o mundo estava sendo despedaçado.

Aí vem.

— Barbatanas — disse ela, cuspindo a palavra em volta do cilindro.

Potrus pode ter respondido, ela não podia mais ouvi-lo.

Holly nem podia ouvir a si mesma, mas via pelo monitor as barbatanas de estabilização deslizando para fora.

A explosão pegou-a como se fosse um furacão, a princípio fazendo o casulo girar até que as barbatanas começaram a agir.

Rochas semiderretidas descascavam aparte de baixo do veículo, lançando-o contra as paredes do poço. Holly compen-sava com movimentos bruscos dos joysticks.

O calor era tremendo no espaço confinado, o bastante para fritar um humano. Mas os pulmões das fadas são feitos de material mais forte. A aceleração comprimia seu corpo com mãos invisíveis, esticando a carne sobre os braços e o rosto. Holly piscava para afastar o suor salgado dos olhos, e se concentrava no monitor. O jato de lava tinha engolfado totalmente o casulo e era bem grande. No mínimo força sete. Com uns bons 500 metros de circunferência. Magma com tiras alaranjadas redemoinhava e sibilava ao redor, procurando um ponto fraco no envoltório de metal.

O casulo rosnava e reclamava, os rebites com cinqüenta anos ameaçavam saltar. Holly balançou a cabeça. A primeira coisa que faria na volta era chutar o traseiro peludo de Potrus.

Sentia-se como uma noz dentro da casca, entre os molares de um gnomo.

Condenada.

Uma placa da proa se curvou, projetada para dentro como se tivesse recebido o soco de um punho gigante. A luz de pressão piscou. Holly podia sentir a cabeça sendo espremida. Os olhos seriam os primeiros a ir — estourando como frutas maduras.

Verificou os mostradores. Mais vinte segundos antes de sair do jorro de magma e fluir pelas termais. Aqueles vinte segundos pareciam uma eternidade. Holly lacrou o capacete para proteger os olhos, passando pelo último tiroteio de pedras.

E de repente tinha passado, navegava para cima nas espirais comparativamente suaves do ar quente. Holly acrescentou o empuxo dos motores à força de ascensão. Não havia tempo a perder flutuando no vento.

Acima dela, um círculo de luzes de néon marcava a zona de desembarque. Virou o casulo para a posição horizontal e apontou os nódulos de encaixe para as luzes. Era uma manobra delicada. Muitos pilotos do Recon tinham chegado até aqui e errado a doca, perdendo um tempo valioso. Não Holly. Para ela isso era natural. Havia tirado o primeiro lugar na academia.

Apertou uma última vez os propulsores e seguiu pelos cem metros finais. Usando os lemes sob os pés, passou com o casulo pelo círculo de luzes até chegar às travas na área de pouso.

Os nódulos giraram, ajustando-se nos respectivos encaixes.

Perfeito.

Holly deu um tapa no peito, soltando o cinto de segurança.

Assim que a porta se abriu, o doce ar da superfície en-cheu a cabine. Não havia nada como aquela primeira respiração depois de uma viagem pelos lançadores. Ela respirou fundo, limpando dos pulmões o ar viciado do casulo. Por que o Povo tinha saído da superfície?

Algumas vezes ela desejava que seus ancestrais tivessem ficado e lutado com o Povo da Lama, mas eles eram muitos.

Diferentemente das fadas, que só podiam produzir um filho a cada vinte anos, o Povo da Lama se reproduzia como roedores.

A quantidade era capaz de suplantar até mesmo a magia.

Apesar de estar desfrutando o ar da noite, Holly podia sentir o cheiro de poluição. O Povo da Lama destruía tudo com que fazia contato. Claro que eles não viviam mais na lama. Não neste país, pelo menos. Ah, não. Grandes residências elegantes com cômodos para tudo — cômodos para dormir, cômodos para comer, até um cômodo para fazer as necessidades! Dentro de casa! Holly estremeceu. Imagine fazer as necessidades dentro de casa. Coisa nojenta! A única coisa boa em fazer as necessidades eram os minerais que voltavam à terra, mas o Povo da Lama tinha conseguido estragar até isso, tratando a... coisa... com garrafas de produtos químicos azuis. Se alguém tivesse lhe dito há cem anos que os humanos estariam tirando as substâncias férteis dos fertilizantes, ela mandaria que eles fizessem uns furos na cabeça, para entrar ar.

Holly pegou um par de asas no suporte. Eram ovais duplas, com um motor desajeitado. Gemeu. Libélulas. Ela odiava aquele modelo. Motor a gasolina, se você não se importa. E mais pesado do que um porco mergulhado na lama. O Beija-Flor Z7 é que era transporte. Silencioso como um sussurro, com bateria solar refletida por satélite, capaz de levar você em duas voltas ao redor do mundo. Mas de novo eram os cortes no orçamento.

No pulso, o localizador começou a emitir bips. Estava na área de alcance. Holly saiu do casulo para a plataforma de desembarque.

Estava dentro de um monte de terra camuflado, co-mumente conhecido como fortaleza das fadas. De fato, o Povo costumava viver neles até que precisou ir mais para o fundo. Não havia muita tecnologia. Só alguns monitores externos e um equipamento de auto destruição para o caso de a área de desembarque ser descoberta.

Não havia nada nas telas. Área livre. As portas pneumá-

ticas estavam ligeiramente tortas onde o troll havia passado com violência, mas afora isso tudo parecia funcionar direito. Holly prendeu as asas, saindo no mundo externo.

O céu noturno da Itália estava limpo e nítido, com cheiro de oliveiras e vinhedos. Grilos cricrilavam no capim e mariposas adejavam à luz das estrelas. Holly não conseguiu reprimir um sorriso. Valia o risco, totalmente.

Por falar em risco... Olhou o localizador. Agora o bip parecia muito mais forte. O troll estava quase nas muralhas da cidade. Ela poderia apreciar a natureza depois de terminar a

missão.

Agora era hora de agir.

Ligou o motor das asas, puxando a corda de partida por cima do ombro. Nada. Fumegou em silêncio. Cada criança mi-mada em Refúgio tinha um Beija-Flor para as férias na selva, e ali estava a agente da LEP com asas que eram lixo mesmo quando novas. Puxou a corda de novo e de novo. No terceiro puxão o motor pegou, soltando um jorro de fumaça e gases na noite.

— Já era hora — grunhiu ela, abrindo o afogador ao máximo. As asas bateram até estabelecer um ritmo constante e, não sem algum esforço, levantaram a capitã Holly Short para o céu noturno.

Mesmo sem o localizador seria fácil seguir o troll. Ele havia deixado uma trilha de destruição maior do que um esca-vador de túneis. Holly voava baixo, desviando-se entre a névoa e as árvores, seguindo o caminho do troll. A criatura enlouquecida tinha aberto uma faixa pelo meio de um vinhedo, transformado um muro de pedra em entulho e deixado um cão de guarda ga-nindo debaixo de uma cerca viva. Então ela voou sobre as vacas.

Não foi uma visão bonita. Sem entrar em detalhes, digamos apenas que não restou muito mais do que chifres e cascos.

Agora o bip vermelho soava mais alto. Mais alto significava mais perto. Ela podia ver a cidade abaixo, aninhada no topo de um morro pequeno, rodeada por uma muralha da Idade Média. Ainda havia luzes acesas na maioria das janelas. Hora de um pouco de magia.

Boa parte da magia atribuída ao povo não passava de superstição.

Mas eles têm alguns poderes. Entre estes estão a cura, o mesmer e o escudo. Na verdade, escudo é um nome equivocado.

O que as fadas fazem na verdade é vibrar numa freqüência tão alta que jamais ficam num lugar por tempo suficiente para serem vistas. Os seres humanos podem perceber um leve tremor no ar, se estiverem prestando muita atenção — coisa que raramente fazem. E até mesmo esse tremor costuma ser atribuído à eva-poração. É típico do Povo da Lama inventar uma explicação complicada para um fenômeno simples.

Holly acionou seu escudo. Isso demorou um pouco mais do que o normal. Ela podia sentir a tensão nas gotas de suor que brotavam na testa. Eu realmente devia completar o Ritual, pensou. Quanto antes, melhor.

Uma agitação embaixo interrompeu seus pensamentos.

Alguma coisa que não combinava com os ruídos da noite. Holly ajustou a velocidade das asas e desceu para olhar de perto. Só olhar, lembrou a si mesma, esse era o seu serviço. Um oficial de Recon era mandado pelos tubos de lava para encontrar o alvo, enquanto os rapazes do Resgate pegavam um belo lançador acolchoado.

O troll estava diretamente abaixo dela, batendo na muralha externa da cidade, que estava se partindo em nacos sob seus dedos poderosos. Holly ficou boquiaberta. O cara era um monstro! Grande como um elefante, e dez vezes mais maligno.

Mas essa fera específica era pior do que maligna: estava apavo-rada.

— Controle — disse Holly ao microfone. — Fugitivo localizado. Situação crítica aqui em cima.

O próprio Raiz estava do outro lado da linha.

— Seja mais clara, capitã.

Holly apontou sua câmera de vídeo para o troll.

— O fugitivo vai passar pela muralha da cidade. Contato iminente. A que distância está o Resgate?

— O tempo estimado é de no mínimo cinco minutos.

Ainda estamos no lançador.

Holly mordeu o lábio. Raiz estava no lançador?

— Isso é muito, comandante. Toda a cidade vai explodir dentro de dez segundos... Eu vou intervir.

— Negativo, Holly... Capitã Short. Você não tem convite. Você conhece a lei. Mantenha a posição.

— Mas, comandante...

Raiz a interrompeu.

— Não! Sem mas, capitã. Fique aí. É uma ordem!

O coração de Holly parecia bater no corpo todo. A fu-maça de gasolina atrapalhava seu cérebro. O que deveria fazer?

Qual seria a decisão certa? Vidas ou ordens?

Então o troll atravessou a parede e a voz de uma criança partiu a noite.

— Aiuto! — gritou a criança.

Socorro. Um convite. Na última hora.

— Sinto muito, comandante. O troll está louco e há crianças lá.

Ela podia imaginar o rosto de Raiz, roxo de fúria enquanto cuspia no microfone.

— Vou tirar as suas divisas, Short! Você vai passar os próximos cem anos trabalhando nos esgotos!

Mas não adiantou. Holly tinha desligado o microfone e mergulhou atrás do troll.

Esticando o corpo, a capitã Short passou pelo buraco.

Parecia estar num restaurante. Um restaurante cheio. O troll tinha ficado temporariamente cego pela luz elétrica e estava se sacudindo no centro do salão.

Os fregueses estavam perplexos. Até mesmo o choro da criança tinha desaparecido.

Estavam todos sentados de boca aberta, com chapéus de festa comicamente empoleirados nas cabeças.

Garçons permaneciam imobilizados, com gigantescas bandejas de massa tremendo sobre os dedos abertos. Gorduchas crianças italianas cobriam os olhos com dedos gorduchos. Era sempre assim no início: o silêncio chocado. Depois vinham os gritos.

Uma garrafa de vinho se espatifou no chão. Quebrou o feitiço. O pandemônio começou. Holly se encolheu. Trolls o-diavam barulho tanto quanto a luz.

O troll levantou os ombros enormes e peludos, suas garras retráteis deslizaram para fora com um xiiiiic agourento.

Clássico comportamento de predador. A fera ia atacar.

Holly sacou sua arma e pôs no segundo ajuste. Não podia matar o troll sob nenhuma circunstância. Não para salvar humanos. Mas certamente podia nocauteá-lo até a chegada do Resgate.

Mirando o ponto fraco na base do crânio, deixou o troll receber um longo jato do raio iônico concentrado. A fera cambaleou, deu alguns passos e ficou muito furiosa.

Tudo bem, pensou Holly, eu estou escudada. Invisível.

Para qualquer espectador pareceria que o raio azul pulsante tinha saído do nada.

O troll girou para ela, com os dreadlocks enlameados balançando como se fossem velas.

Nada de pânico. Ele não pode me ver.

O troll pegou uma mesa.

Invisível. Estou totalmente invisível.

Ele esticou o braço peludo para trás e mandou ver.

Só um leve tremeluzir no ar.

A mesa veio direto para a sua cabeça.

Holly se moveu. Um segundo tarde demais. A mesa bateu de raspão na mochila das asas, arrancando o tanque de combustível.

Ela girou no ar, deixando um rastro de líquido inflamá-

vel.

Os restaurantes italianos — você sabe, claro — são cheios de velas. O tanque passou girando por um candelabro trabalhado. Explodiu em chamas, como um fogo de artifício mortal. A maior parte da gasolina caiu sobre o troll. E Holly também.

O troll podia vê-la. Sem dúvida. Franziu os olhos para ela através da odiada luz, com a sobrancelha numa expressão de dor e medo. O escudo dela estava desligado. Sua magia tinha sumido.

Holly se retorceu no aperto do troll, mas era inútil. Os dedos da criatura eram do tamanho

de bananas, mas não tão frágeis, claro. Estavam espremendo o ar para fora de suas costelas com uma facilidade selvagem. Garras que pareciam agulhas cortavam o material endurecido de seu uniforme. A qualquer segundo elas atravessariam, e isso seria o fim.

Holly não conseguia pensar. O restaurante era um car-rossel de caos. O troll estava abrindo as presas; molares sujos tentavam agarrar seu capacete. Holly podia sentir o hálito fétido através dos filtros. Também sentia o cheiro de pêlo queimado, enquanto o fogo se espalhava pelas costas da criatura.

A língua verde da fera passou áspera pelo seu visor, enchendo de gosma a parte de baixo. O visor! Era isso. Sua única chance.

Holly levou a mão livre até os controles do capacete. As luzes de túnel. Faróis altos.

Apertou o botão e 800 watts de luz não filtrada saíram dos dois faróis acima de seus olhos.

O troll recuou, com um grito penetrante explodindo entre fileiras de dentes. Dezenas de copos e garrafas se despedaçaram sem sair do lugar. Era demais para a pobre fera. Tonta, incendiada e agora cega. O choque e a dor atravessaram seu cérebro minúsculo, ordenando-o a se apagar. O troll cedeu, ajoelhando-se numa rigidez quase cômica. Holly rolou para evitar uma das presas, que parecia uma foice.

Houve um silêncio completo, a não ser pelos vidros ti-lintando, o pêlo estalando e o ar saindo subitamente de muitos pulmões. Holly se levantou trêmula. Havia um monte de olhos acompanhando-a — olhos humanos. Ela estava 100 por cento visível. E aqueles humanos não ficariam parados muito tempo.

Aquela raça nunca ficava. A contenção era essencial.

Levantou as mãos vazias. Um gesto de paz.

— Scusatemitutti — falou, a linguagem fluindo facilmente de sua boca.

Os italianos, sempre gentis, murmuraram que não era nada.

Holly enfiou lentamente a mão no bolso e pegou uma pequena esfera.

Pôs no meio do chão.

— Guardate — falou. — Olhem.

Os fregueses do restaurante obedeceram, inclinando-se para ver a pequena bola prateada. O objeto estava tiquetaque-ando, cada vez mais rápido, quase como uma contagem regressiva.

Holly deu as costas para a esfera. Três, dois, um... Bum!

Um clarão. Inconsciência em massa. Nada fatal, mas todos teriam dor de cabeça dentro de uns quarenta minutos.

Holly suspirou. Em segurança. Por enquanto. Correu à porta e fechou a tranca. Ninguém iria entrar nem sair. A não ser pelo grande buraco na muralha. Em seguida borrifou o troll com o extintor de incêndio do restaurante, esperando que o pó gelado não revivesse a fera

adormecida.

Holly examinou a bagunça que tinha criado. Não havia dúvida, era uma confusão só. Pior do que em Hamburgo. Raiz tiraria sua pele. Ela preferiria enfrentar o troll em qualquer dia.

Certamente era o fim de sua carreira, mas de repente isso não pareceu tão importante, porque suas costelas estavam doendo e uma dor de cabeça alucinante vinha chegando. Talvez um descanso, só por um segundo, para que ela se recuperasse antes da chegada do Resgate.

Holly nem se incomodou em procurar uma cadeira.

Simplesmente deixou que as pernas se dobrassem debaixo do corpo, caindo no chão de linóleo xadrez.

Acordar diante das feições enormes do comandante Raiz é o pior dos pesadelos. Os olhos de Holly se abriram, e por um segundo ela podia jurar que havia preocupação naquele rosto.

Mas logo desapareceu, substituída pela costumeira fúria capaz de inchar as velas.

— Capitã Short! — rugiu ele, sem se importar com a dor de cabeça que ela sentia. — O que aconteceu aqui, em nome da sanidade?

Holly se levantou, trêmula.

— Eu... isto é... houve... — as frases simplesmente não vinham.

— Você desobedeceu a uma ordem direta. Eu lhe disse para esperar! Você sabe que é proibido entrar numa construção humana sem convite.

Holly sacudiu a cabeça para afastar as sombras da visão.

— Eu fui convidada. Uma criança gritou pedindo socorro.

— Você está encrencada, Short.

— Há um precedente, senhor. Cabo Rowe versus o Estado. O júri determinou que o grito de socorro da mulher presa podia ser aceito como convite para entrar na construção.

De qualquer modo, vocês todos estão aqui agora. Isso significa que também aceitaram o convite.

— Hmmm — disse Raiz, em dúvida. — Acho que você teve sorte. As coisas podiam ter sido piores.

Holly olhou em volta. As coisas não podiam ter sido muito piores. O estabelecimento estava despedaçado e havia quarenta humanos ali. Os rapazes da técnica estavam colocando eletrodos de limpeza mental nas têmporas dos fregueses inconscientes.

— Nós conseguimos isolar a área, apesar de meia cidade estar batendo na porta.

— E o buraco?

Raiz deu um riso de desprezo.

— Veja você mesma.

Holly olhou. O pessoal do Resgate tinha ligado um projetor de holograma nas tomadas e estava projetando uma parede inteira no lugar do buraco. Os hologramas eram bons para remendos rápidos, mas não sob exame atento. Qualquer um que observasse a parede de perto teria percebido que o retalho ligeiramente transparente era exatamente igual à parte da parede ao lado. Nesse caso havia dois trechos de rachaduras exatamente iguais e duas reproduções do mesmo Rembrandt. Mas as pessoas dentro da pizzaria não estavam em condições de examinar paredes, e quando acordassem a parede teria sido consertada pela Divisão Telecinética e toda a experiência paranormal teria sido retirada da memória delas.

Um policial do Resgate veio disparado do banheiro.

— Comandante!

— Sim, sargento?

— Há um humano aqui, senhor. O atordoador não o alcançou. Ele está vindo. Agora mesmo.

— Escudos! — gritou Raiz. — Todo mundo!

Holly tentou. Tentou mesmo. Mas não funcionava. Sua magia tinha desaparecido.

Um menininho saiu do banheiro, com os olhos pesados de sono. Apontou um dedo gorducho diretamente para Holly.

— Ciao, folletta — disse ele, antes de subir no colo do pai e continuar o cochilo.

Raiz tremeluziu, voltando ao espectro visível. Estava mais irado do que antes, se é que isso era possível.

— O que aconteceu com seu escudo, Short?

— Estresse, comandante — disse ela, desanimada.

Raiz não quis aceitar.

— Você mentiu para mim, capitã. Você não está quente, está?

Holly balançou a cabeça, em silêncio.

— Quanto tempo faz desde que completou o Ritual?

Holly mordeu o lábio.

— Eu acho que... uns... quatro anos, senhor.

Raiz quase estourou uma veia.

— Quatro... quatro anos? É um espanto que você tenha durado tanto tempo! Faça isso agora. Esta noite! Você não descerá sob a superfície sem os seus poderes. Você é um perigo para si mesma e para os seus colegas policiais!

— Sim, senhor.

— Pegue um Beija-Flor do Resgate e parta para o velho país. Há lua cheia esta noite.

— Sim, senhor.

— E não pense que eu me esqueci desta bagunça. Vamos falar disso quando você voltar.

— Sim, senhor. Muito bem, senhor.

Holly se virou para sair, mas Raiz pigarreou pedindo atenção.

— Ah, capitã Short...

— Sim, senhor?

O rosto de Raiz tinha perdido o tom púrpura e ele quase pareceu embaraçado.

— Bom trabalho no salvamento de vidas. Poderia ter sido pior, muito pior.



Holly ficou felicíssima por trás do visor. Talvez não fosse chutada do Recon, afinal de contas.

— Obrigada, senhor.

Raiz grunhiu, com a pele voltando ao tom normal, vermelho.

— Agora saia daqui, e não volte enquanto não estiver cheia de magia até a ponta das orelhas!

Holly suspirou. Isso é que é gratidão.

— Sim, senhor. Estou indo.

CAPÍTULO 4: **SEQÜESTRO**

O principal problema de Artemis era de localiza-

ção — como localizar um leprechaum.

Esse era um grupo de fadas astuto, que estava por aí há Deus sabe quantos milênios e ainda não havia nenhuma foto, nenhum frame de vídeo mostrando um deles. Nem mesmo uma fraude do tipo Monstro do Lago Ness.

Não formavam exatamente um grupo sociável. E além disso eram inteligentes.

Ninguém jamais pusera as mãos em ouro das fadas. Mas ninguém tivera acesso ao Livro, também. E todas as charadas são simples quando você tem a chave da solução.

Artemis havia chamado os Butler ao seu escritório, e falou com eles agora, de trás de um pequeno pódio.

— Há alguns rituais que toda criatura do reino das fadas deve realizar para renovar sua

magia — explicou ele. Butler e Juliet assentiram, como se esta fosse uma reunião comum. Artemis folheou sua impressão do Livro e escolheu uma passagem.

"Da terra flui vosso poder,

Dado por cortesia, e deveis agradecer.

Colhei a semente mágica e pujante Onde houver lua cheia, carvalho antigo e água serpenteante.

Enterrai-a longe de onde foi achada.

Devolvendo o presente ao chão: a árvore plantada."

Artemis fechou o texto.

— Estão entendendo?

Butler e Juliet continuaram confirmando com a cabeça, mas ainda parecendo totalmente confusos. Artemis suspirou.

— O leprechaum deve realizar determinados rituais.

Rituais muito específicos, devo acrescentar. Nós podemos usar os rituais para rastrear um.

Juliet levantou uma das mãos, mesmo sendo quatro anos mais velha do que Artemis.

— Sim?

— Bom, o negócio, Artemis — disse ela, hesitante, torcendo uma madeixa de cabelos louros de um modo que vários rapazes do local achavam muito atraente —, é a parte dos leprechauns.

Artemis franziu a testa. Era mau sinal.

— O que quer dizer, Juliet?

— Bom, os leprechauns. Você sabe que eles não existem de verdade, sabe?

Butler se encolheu. Na verdade a culpa era dele. Não tinha posto a irmã em dia sobre os parâmetros da missão. Artemis fez uma careta reprovadora para o mordomo.

— Butler ainda não lhe falou sobre isso?

— Não. Deveria?

— Sim, claro que deveria. Talvez ele tenha achado que você ia rir dele.

Butler se remexeu inquieto. Era exatamente isso que tinha pensado. Juliet era a única pessoa viva que ria dele com uma regularidade incômoda. A maioria das pessoas fazia isso uma vez.

Só uma.

Artemis pigarreou.

— Vamos prosseguir: supondo que o Povo das Fadas existe e que eu não sou um imbecil tagarela.

Butler assentiu fracamente. Juliet não estava convencida.

— Muito bem. Agora, como eu estava dizendo, o Povo precisa realizar um ritual específico para renovar seus poderes.

Segundo minha interpretação, eles devem colher a semente de um carvalho antigo junto à curva de um rio. E devem fazer isso durante a lua cheia.

A luz começou a surgir nos olhos de Butler.

— Então nós só temos de...

— Realizar um levantamento através dos satélites cli-matológicos, coisa que já fiz. Acreditem ou não, não restam muitos carvalhos antigos, se você considerar antigo como com mais de cem anos. Quando você inclui a curva do rio e a lua cheia, há precisamente cento e vinte e nove locais a serem examinados neste país.

Butler riu. Tocaia. Agora o patrão estava falando sua língua.

— Existem preparativos a serem feitos para a chegada de nosso hóspede — disse Artemis, entregando a Juliet uma folha A4 datilografada.

— Estas modificações precisam ser feitas no porão.

Providencie Juliet, tintim por tintim.

— Sim, Arty.

Artemis franziu a testa, mas só um pouco. Por motivos que não podia avaliar muito bem, ele não se importava terri-velmente quando Juliet o chamava pelo apelido que sua mãe lhe dera.

Butler coçou o queixo, pensativo. Artemis percebeu o gesto.

— Pergunta?

— Bom, Artemis. Aquela duende na cidade de Ho Chi Minh...

Artemis assentiu.

— Eu sei. Por que nós simplesmente não a seqüestra-mos?

— Sim, senhor.

— Segundo o Almanaque do Povo, de Chi Lun, um manuscrito do século VII recuperado da cidade perdida de Sh'shamo: "Assim que uma fada tomou álcool com o Povo da Lama" — Que, a propósito, somos nós — "está para sempre morta para seus irmãos e irmãs." De modo que não havia garantia de que aquela fada específica valesse pelo menos um grama de ouro. Não, meu velho amigo, nós precisamos de sangue novo.

Está claro?

Butler confirmou com a cabeça.

— Bom. Agora há vários itens que você precisa conseguir para nossos passeios ao luar.

Butler examinou o papel: equipamento básico de campo, algumas coisas estranhas, nada muito perturbador, até...

— Óculos escuros? À noite?

Quando Artemis sorria, como fez agora, era quase de esperar que brotassem presas de vampiro em suas gengivas.

— Sim, Butler. óculos escuros. Confie em mim.

E Butler confiava. Irrestritamente.

Holly ativou a bobina térmica de seu uniforme e subiu a 4.000 metros. As asas do Beija-Flor tinham o alcance máximo. O

mostrador da bateria indicava quatro barras vermelhas — mais do que o suficiente para um passeio rápido através da Europa até as Ilhas Britânicas. Claro, os regulamentos diziam para sempre viajar sobre água, se possível, mas Holly nunca conseguia resistir a dar uma batida na capa de neve do monte mais alto dos Alpes, no caminho.

A roupa a protegia dos elementos, mas ela ainda podia sentir o frio entrando nos ossos. A lua parecia gigantesca dessa altitude, com as crateras facilmente distinguíveis.

Esta noite ela era uma esfera perfeita. Uma lua cheia e mágica. A imigração estaria atolada de trabalho, com milhares de fadas com saudade da superfície sendo atraídas irresistivelmente para cima. Uma grande percentagem conseguiria chegar, provavelmente causando um tumulto na comemoração. O manto da terra era cheio de túneis ilegais, e era impossível policiar todos.

Holly seguiu o litoral italiano até Mônaco, e dali atravessou os Alpes para a França.

Adorava voar, todas as fadas adoravam. Segundo o Livro, antigamente elas possuíam asas próprias, mas a evolução lhes retirara esse poder. Todas menos os gnomos alados.

Uma escola de pensamento achava que o Povo descendia de dinossauros alados, possivelmente pterodáctilos. Boa parte da estrutura do esqueleto, no tronco, era igual. A teoria certamente explicaria o minúsculo calombo ósseo em cada omoplata.

Holly brincou com a idéia de visitar a Disneylândia de Paris.

A LEP tinha vários agentes disfarçados lá, a maioria trabalhando nos shows da Branca de Neve. Era um dos poucos lugares na Terra onde o Povo podia passar sem ser percebido.

Mas se algum turista tirasse uma foto dela e a foto fosse parar na internet, Raiz arrancaria seu distintivo, com certeza. Com um suspiro de lamento, ela passou por cima do chuveiro de fogos multicoloridos lá embaixo.

Assim que chegou ao Canal da Mancha, Holly voou baixo, quase raspando as ondas de cristas brancas. Gritou para os golfinhos, e eles subiram à superfície, saltando da água para acompanhar seu ritmo. Ela podia ver a poluição neles, man-chando o branco da pele e causando feridas vermelhas nas costas.

E apesar de sorrir, seu coração estava se partindo. O Povo da Lama tinha de pagar por muita coisa.

Finalmente o litoral surgiu à frente. O velho país. Éiriu, a terra onde o tempo começou. O lugar mais mágico do planeta.

Foi ali, há 10.000 anos, que a antiga raça das fadas, os Dé Danann, tinha lutado contra os demônios Fomorianos, esca-vando a famosa Estrada do Gigante com a força de suas explosões mágicas. Era ali que ficava o Lia Fáil, a pedra no centro do universo, onde os reis das fadas e mais tarde os Ard Ri humanos eram coroados. E também era ali, infelizmente, que o Povo da Lama estava mais afinado com a magia, o que resultava numa taxa mais elevada de avistamento do Povo do que em qualquer outro lugar do planeta. Felizmente o resto do mundo achava os irlandeses malucos, uma teoria que os próprios irlandeses não faziam nada para negar. De algum modo eles tinham posto na cabeça que cada fada carregava um pote de ouro aonde ia.

Mesmo sendo verdade que a LEP tinha uma verba para resgates, por causa da ocupação de alto risco de seus policiais, nenhum ser humano ainda havia tirado um punhado dessa verba.

Isso não impedia a população irlandesa em geral de ficar procurando em volta de arco-íris, esperando ganhar na loteria sobrenatural. Mas apesar de tudo isso, se havia uma raça com a qual o Povo sentia afinidade eram os irlandeses. Talvez fosse sua excentricidade, talvez sua dedicação ao craic, como eles chamavam. E se o Povo tinha algum parentesco com os humanos, como afirmava outra teoria, as chances eram de que esse parentesco tivesse começado na Ilha Esmeralda.

Holly fez surgir um mapa em seu localizador de pulso e começou a fazer uma varredura dos pontos mágicos. O melhor lugar seria obviamente Tara, perto do Lia Fáil, mas numa noite como esta cada fada tradicionalista com um passe para a superfície estaria dançando em volta da cena sagrada, de modo que era melhor não ir lá.

Havia um local secundário não muito longe, perto do litoral sudeste. Acesso fácil do ar, mas remoto e desolado para humanos apegados à terra. Holly diminuiu a velocidade e desceu para oitenta metros. Passou por cima de uma densa floresta pe-rene, emergindo numa campina enluarada. Um riacho prateado cortava o campo, e ali, aninhado na dobra de uma curva, estava o carvalho orgulhoso.

Verificou o localizador de formas de vida. Assim que considerou que a vaca a dois campos de distância não era uma ameaça, desligou o motor e planou até o pé da árvore poderosa.

Quatro meses de tocaia. Até mesmo Butler, o consu-mado profissional, estava começando a odiar as longas noites de umidade e picadas de insetos. Felizmente a lua não estava cheia todas as noites.

Era sempre a mesma coisa. Eles se agachavam em completo silêncio no esconderijo forrado de metal, Butler verificando repetidamente o equipamento, enquanto Artemis olhava sem piscar através do visor do binóculo. Em ocasiões assim, a natureza parecia ensurdecedora no espaço confinado em que eles estavam. Butler sentia vontade de assobiar,

conversar, qualquer coisa para romper o silêncio que não parecia natural. Mas a concentração de Artemis era absoluta. Ele não admitia qualquer interferência ou perda de atenção. Este era um negócio importante.

Esta noite estavam no sudeste. O lugar mais inacessível até então. Butler fora forçado afazer três viagens até o jipe para levar o equipamento através de um penhasco, um atoleiro e dois campos. Suas botas e as calças estavam arruinadas. E agora teria de se sentar no esconderijo com a água de uma vala encharcando o fundilho das calças. De algum modo Artemis conseguira ficar impecável.

O esconderijo tinha um projeto engenhoso, e já haviam surgido interesses nos direitos de fabricação — principalmente da parte dos militares —, mas Artemis resolvera vender a patente a uma multinacional de produtos esportivos. Era construído de um polímero metálico esticado sobre um esqueleto de fibra de vidro com múltiplas dobradiças. A folha metálica, semelhante à usada pela NASA, aprisionava o calor dentro da estrutura, ao mesmo tempo que impedia o superaquecimento da superfície externa camuflada. Isso garantia que qualquer animal sensível à temperatura não percebesse sua presença.

Graças às dobradiças, o esconderijo poderia se mover quase como um líquido, preenchendo qualquer depressão em que fosse jogado. Abrigo instantâneo e local de vigilância. Você simplesmente colocava a bolsa fechada com velcro num buraco e puxava acorda.

Mas nem toda a inteligência do mundo poderia melhorar o humor. Alguma coisa estava perturbando Artemis. Isso estava claro na teia de rugas prematuras que se espalhavam dos cantos de seus olhos.

Depois de várias noites de vigilância infrutífera, Butler reuniu coragem suficiente para perguntar...

— Artemis — começou ele, hesitante. — Tenho consciência de que não é da minha conta, mas sei que há alguma coisa errada. E se houver algo que eu possa fazer para ajudar...

Artemis não falou durante vários minutos. E naqueles poucos instantes Butler viu o rosto de um garoto. O garoto que Artemis poderia ter sido.

— É minha mãe, Butler — disse ele enfim. — Estou começando a pensar se algum dia ela...

Então o alarme de aproximação se acendeu, vermelho.

Holly pendurou as asas num galho baixo, tirando o capacete para dar um pouco de espaço às orelhas. Era preciso ter cuidado com as orelhas de elfo — algumas horas no capacete e elas começavam a descamar. Fez uma massagem nas pontas. A pele não estava seca. Isso porque ela seguia uma rotina de umi-dificação diária, diferentemente de alguns policiais da LEP: Quando eles tiravam o capacete, dava para jurar que estava ne-vando.

Parou um minuto para admirar a vista. A Irlanda certamente era bonita. Nem o Povo da Lama tinha podido destruir aquilo.

Pelo menos ainda não... Mas era só lhes dar mais um ou dois séculos. O rio se dobrava suavemente diante dela como uma serpente de prata, a água sibilando sobre um leito pedregoso.

O carvalho estalava acima, os galhos raspando uns nos outros sob a brisa revigorante. Agora, ao trabalho. Ela podia bancar a turista a noite inteira, quando o serviço estivesse terminado. Uma semente. Precisava de uma semente. Holly se abaixou, tirando as folhas secas e os gravetos da superfície de terra. Seus dedos se fecharam em volta de uma bolota lisa. Não foi difícil, foi? , pensou. Só faltava plantá-la em algum lugar e seus poderes voltariam correndo.

Butler verificou o radar portátil, zerando o volume para o caso de o equipamento trair sua posição. O ponteiro vermelho varreu a tela com uma letargia agonizante, e então... Lá! Uma figura de pé junto à árvore.

Pequena demais para um adulto, proporções erradas para uma criança. Ele ergueu o polegar para Artemis. Possível acerto.

Artemis assentiu, colocando os óculos escuros espelhados.

Butler o acompanhou, tirando a capa da mira telescópica a laser de sua arma.

Aquele não era um fuzil de dardos comum. Tinha sido feito especialmente para um caçador de marfim do Quênia, possuía o alcance e a capacidade de fogo rápido de uma Kala-shnikov. Butler o havia comprado por uma pechincha, de um funcionário do governo, depois da execução do caçador de marfim.

Os dois se esgueiraram pela noite, num silêncio treinado.

A figura diminuta à sua frente tirou um aparelho dos ombros e levantou um capacete que cobria o rosto todo, um rosto definitivamente não humano. Butler deu duas voltas com a correia do fuzil no pulso, apoiando o cabo no ombro. Ativou a mira telescópica e um ponto vermelho apareceu no centro das costas da figura. Artemis assentiu e seu empregado apertou o gatilho.

Apesar da chance de um milhão contra um, foi naquele momento exato que a figura se abaixou.

Alguma coisa passou zumbindo acima da cabeça de Holly, alguma coisa que brilhou à luz das estrelas. Holly tinha experiência suficiente para perceber que estavam atirando contra ela, e imediatamente enrolou seu corpo élfico numa bola, dimi-nuindo o alvo.

Sacou a pistola, rolando para o abrigo do tronco da árvore.

Seu cérebro revirou todas as possibilidades. Quem poderia estar atirando nela, e por quê?

Alguma coisa esperava ao lado da árvore. Alguma coisa mais ou menos do tamanho de uma montanha, mas considera-velmente mais móvel.

— Berro maneiro — riu a figura, espremendo a mão de Holly e deixando-a do tamanho de um nabo. Holly conseguiu soltar os dedos um nanossegundo antes que eles se partissem como

macarrão seco. — Imagino que você não vá admitir uma rendição pacífica, não é? — disse uma voz fria atrás dela. Holly se virou, com os cotovelos erguidos para o combate.

— Não — suspirou o garoto melodramaticamente. — Acho que não.

Holly fez sua melhor cara de coragem.

— Recue, humano. Você não sabe com quem está lidando.

O garoto gargalhou.

— Acho, fada, que é você que não está familiarizada com os fatos.

Fada? Ele sabia que ela era uma fada.

— Eu tenho magia, verme da lama. O bastante para transformar você e seu gorila em bosta de porco.

O garoto deu um passo mais para perto.

— Palavras corajosas, moça. Mas mesmo assim são mentiras. Se, como diz, você tivesse magia, sem dúvida a teria usado. Não. Suspeito que você passou muito tempo sem o Ritual e que precisa recarregar os poderes.

Holly estava perplexa. Ali estava um humano à sua frente, falando casualmente de segredos sagrados. Isso era de-sastroso.

Catastrófico. Poderia significar o fim de gerações de paz.

Se os humanos soubessem da existência de uma subcultura das fadas, seria apenas questão de tempo antes que as duas espécies entrassem em guerra. Ela precisava fazer alguma coisa, e restava apenas uma arma em seu arsenal.

O mesmer é a forma mais baixa de magia, e requer apenas um fiapo de poder.

Existem até mesmo alguns humanos com uma tendência para esse talento. Está dentro da capacidade até mesmo da fada mais exaurida criar uma completa confusão mental em qualquer humano vivo.

Holly invocou o último pingo de magia da base de seu crânio.

— Humano — entoou ela, com a voz subitamente ressoando em tons graves —, sua vontade é minha.

Artemis sorriu, seguro atrás das lentes espelhadas.

— Duvido — falou, e assentiu rapidamente.

Holly sentiu o dardo furar o material endurecido do uniforme, depositando em seu ombro a dose de curare e succi-nilcolina, um tranqüilizante à base de cloro. O mundo se dis-solveu instantaneamente numa série de bolhas em tecnicolor e, por mais que tentasse, Holly não conseguiu ter mais do que um pensamento.

E esse pensamento foi: como é que eles souberam? O

pensamento espiralou em sua cabeça enquanto ela afundava na inconsciência. Como eles

souberam? Como eles souberam?

Como eles...

Artemis viu a dor nos olhos da criatura enquanto a agulha hipodérmica mergulhava em seu corpo. E por um momento ele experimentou dúvidas. Uma fêmea. Não esperava isso.

Uma fêmea, como Juliet, ou sua mãe. Então o momento passou e ele era ele de novo.

— Bom tiro — falou, curvando-se para examinar a prisioneira. Sem dúvida era uma garota. E bonita. De um jeito meio pontudo.

— Senhor?

— Hmm?

Butler estava apontando para o capacete da criatura, meio enterrado num monte de folhas onde a fada o havia lar-gado.

Um zumbido vinha do topo.

Artemis pegou aquela coisa pelas alças, procurando a fonte do barulho.

— Ah, aqui estamos. — Ele tirou a câmera do suporte, tendo o cuidado de apontar a lente para longe. — Tecnologia das fadas. Impressionante — murmurou, tirando a bateria do encaixe. A câmera zumbiu e morreu. — Fonte nuclear, se não estou enganado. Devemos ter o cuidado de não subestimar os opo-nentes.

Butler assentiu, enfiando a prisioneira numa grande sa-cola de lona.

Mais uma coisa para carregar através de dois campos, um atoleiro e um penhasco.



CAPÍTULO 5: **DESAPARECIDA EM AÇÃO**

O comandante Raiz estava tragando um cigarro de fungo, particularmente fedorento. Vários membros do Esquadrão de Resgate praticamente tinham desmaiado no lançador. Em comparação, até o mau cheiro do troll algemado parecia fraco. Claro, ninguém dizia nada, já que o chefe era mais sensível do que um furúnculo inflamado no traseiro.

Potrus, por outro lado, adorava antagonizar seu superior.

— Nada desses charutos fedorentos aqui, comandante!

— berrou ele no momento em que Raiz voltou ao Centro de Operações. — Os computadores não gostam de fumaça!

Raiz fez uma cara de desprezo, certo de que Potrus tinha inventado aquilo. Mesmo assim o comandante não estava disposto a arriscar uma falha nos computadores no meio de um alerta, por isso apagou o charuto na xícara de café de um gremlin que ia passando.

— Bom, Potrus, que alerta é esse? E é melhor que desta vez seja importante!

O centauro tinha uma tendência a fazer o maior tumulto por causa de bobagens. Uma vez tinha posto o sistema em Condição de Defesa Dois porque suas estações nos satélites humanos tinham saído do ar.

— É importante — garantiu Potrus. — Ou será que devo dizer ruim? Muito ruim.

Raiz sentiu a úlcera em sua barriga começar a borbulhar como um vulcão.

— Ruim quanto?

Potrus mostrou a Irlanda, pelo Eurosat.

— Perdemos contato com a capitã Short.

— Por que será que não estou surpreso? — rosnou Raiz, enterrando o rosto nas mãos.

— Nós a acompanhamos por todo o caminho sobre os Alpes.

— Os Alpes? Ela pegou uma rota por terra?

Potrus assentiu.

— Contra as regras, eu sei. Mas todo mundo faz isso.

O comandante concordou de má vontade. Quem poderia resistir a uma vista daquelas? Quando era recruta ele tinha recebido uma reprimenda exatamente pelo mesmo motivo.

— Certo. Prossiga. Quando foi que nós a perdemos?

Potrus abriu uma janela de videoteipe no monitor.

— Estas são as imagens da câmera do capacete de Holly.

Aqui estamos sobre a Disneylândia de Paris...

O centauro apertou o botão para adiantar a fita.

— Agora os golfinhos, blá blá blá. O litoral da Irlanda.

Ainda não há nada de errado. Olhe, o localizador dela é acionado.

A capitã Short está procurando locais mágicos. O sítio cinqüenta e sete aparece em vermelho, então ela vai para lá.

— Por que não Tara?

Potrus fungou.

— Tara? Cada fada hippie do hemisfério norte vai estar dançando em volta do Lia Fáil

sob a lua cheia. Haverá muitos escudos ligados, vai parecer que todo o lugar está debaixo d'água.

— Ótimo — grunhiu Raiz entredentes. — Ande logo com isso, certo?

— Certo. Não dê um nó nas orelhas. — Potrus adiantou vários minutos da fita. — Agora vem a parte interessante... Belo pouso, ela pendura as asas. Tira o capacete.

— Contra as regras — Exclamou Raiz. — Os policiais da LEP nunca devem retirar...

— Os policiais da LEP nunca devem retirar o capacete acima da superfície, a não ser que o capacete esteja com defeito — completou Potrus. — Sim, comandante, todos nós sabemos o que diz o manual. Mas está tentando me dizer que nunca pegou um pouco de ar fresco depois de algumas horas no céu?

— Não — admitiu Raiz. — O que você é? A fada ma-drinha dela ou algo do tipo? Vá para a parte importante.

Potrus deu um risinho por trás da mão. Aumentar a pressão sangüínea de Raiz era uma das poucas vantagens do serviço. Ninguém mais ousaria fazer isso. Porque todos os outros eram substituíveis. Menos Potrus. Ele tinha construído o sistema a partir do zero, e se mais alguém tentasse ligar, um vírus oculto iria travá-lo diante de suas orelhas pontudas.

— A parte importante. Aqui estamos. De repente Holly larga o capacete. Ele deve ter caído de cabeça para baixo, porque perdemos a imagem. Ainda temos som, por isso vou aumentar o volume.

Potrus aumentou o sinal de áudio, filtrando o ruído de fundo.

— A qualidade não é fantástica. O microfone está na câmera. De modo que ele também ficou virado para o chão.

"Berro maneiro", disse uma voz. Definitivamente humana. E

profunda. Isso geralmente significava que o dono era grande.

Raiz levantou uma sobrancelha.

— Berro?

— É gíria, significa arma.

— Ah. — E então a importância daquela declaração simples o espantou. — Ela sacou a arma.

— Espere só. A coisa fica pior.

"Imagino que você não vá admitir uma rendição pacífica, não é?", disse uma segunda voz. Só de ouvi-la o comandante sentiu arrepios. "Não", continuou a voz. "Acho que não."

— Isso é ruim — disse Raiz, com o rosto estranhamente pálido. — Parece uma emboscada. Esses dois bandidos estavam esperando. Como é possível?

Então a voz de Holly veio pelo alto-falante, tipicamente descarada diante do perigo. O comandante suspirou. Pelo menos ela estava viva. Vieram mais notícias ruins enquanto as duas

partes trocavam ameaças, e o segundo humano revelava um conhecimento incomum sobre questões relativas às fadas.

— Ele sabe do Ritual!

— Agora vem a pior parte.

O queixo de Raiz caiu.

— A pior parte?

A voz de Holly de novo. Dessa vez superposta pelo mesmer.

— Agora ela vai pegá-los — grasnou Raiz.

Mas aparentemente não. Não apenas o mesmer se mostrou ineficaz, mas o par misterioso pareceu achar divertido.

— É só isso que temos de Holly — observou Potrus. — Uma das criaturas da Lama mexeu na câmera durante um tempo e depois perdemos tudo.

Raiz esfregou as rugas entre os olhos.

— Não há muita informação. Nenhum visual, nem mesmo um nome. Não podemos ter realmente cem por cento de certeza de que estamos com um problema sério.

— Você quer prova? — perguntou Potrus, voltando a fita — Eu lhe dou prova.

Ele passou o vídeo disponível.

— Agora olhe isto. Vou reduzir a velocidade. Um quadro por segundo. Raiz se aproximou da tela, suficientemente perto para ver os pixels.

— A capitã Short se prepara para pousar. Tira o capacete.

Curva-se, supostamente para pegar uma semente, e... pronto!

Potrus apertou o botão de pausa, congelando a imagem totalmente.

— Está vendo alguma coisa incomum?

O comandante sentiu sua úlcera borbulhar em velocidade máxima. Alguma coisa tinha aparecido no canto superior direito do quadro. A princípio parecia um raio de luz, mas luz de quê, ou refletida de quê?

— Você pode ampliar isso?

— Sem problema.

Potrus cortou para a área relevante, ampliando-a em 400

por cento. A luz se expandiu para preencher a tela.

— Ah, não — Expirou Raiz.

Ali no monitor diante deles, em suspensão congelada, estava um dardo hipodérmico. Não

podia haver dúvida. A capitã Holly Short estava desaparecida em ação. Provavelmente morta, mas no mínimo prisioneira de uma força hostil.

— Diga que ainda temos o localizador.

— Sim. Sinal forte. Seguindo para o norte, acerca de oito klicks por hora.

Raiz ficou quieto um instante, formulando sua estratégia.

— Passar para alerta total, tirar o pessoal do Resgate da cama e voltar aqui para baixo. Prepará-los para um lançamento à superfície. Quero todo o pessoal tático e dois técnicos. Você também, Potrus. Desta vez teremos de parar o tempo.

— Certo, comandante. Quer o Recon nisso?

Raiz assentiu.

— Pode apostar que sim.

— Vou ligar para o capitão Vein. Ele é o nosso número um.

— Ah, não. Para um serviço desses precisamos do melhor. E o melhor sou eu. Estou me reativando.

Potrus ficou tão pasmo que nem mesmo formulou um comentário engraçadinho.

— Você... você está...

— Sim, Potrus. Não banque o surpreso. Eu tenho mais reconhecimentos bem sucedidos sob meu cinto do que qualquer policial da história. Além disso fiz o treinamento básico na Irlanda. De volta aos dias do chapéu alto e do porrete.

— É, mas isso foi há quinhentos anos, e na época o senhor não era nenhum garotinho, para não entrarmos em maiores detalhes.

Raiz deu um sorriso perigoso.

— Não se preocupe, Potrus. Eu ainda estou bem quente.

E vou compensar a idade com uma arma realmente grande.

Agora prepare um casulo. Vou partir na próxima explosão.

Potrus obedeceu sem um único comentário. Quando o comandante mostrava aquele brilho nos olhos, você ficava a postos e mantinha a boca fechada. Mas havia outro motivo para a obediência de Potrus. É que ele percebeu que Holly podia estar numa encrenca de verdade. Os centauros não fazem muitos amigos, e Potrus estava preocupado com a possibilidade de perder um dos poucos que tinha.

Artemis tinha previsto alguns avanços tecnológicos, mas nada como o tesouro de equipamento das fadas que estava espalhado sobre o painel do quatro-por-quatro.

— Impressionante — murmurou. — Nós poderíamos abortar essa missão agora mesmo e ainda assim fazer uma fortuna em patentes.

Artemis passou um scanner de mão sobre a pulseira do elfo inconsciente. Em seguida passou os caracteres da língua das fadas para o tradutor eletrônico do PowerBook.

— Isto é algum tipo de localizador. Sem dúvida os colegas dessa leprechaum estão nos rastreando agora mesmo.

Butler engoliu em seco.

— Agora mesmo, senhor?

— Parece que sim. Ou pelo menos estão rastreando o localizador...

Artemis parou de falar subitamente, os olhos perdendo o foco enquanto a eletricidade em seu crânio produzia outra onda cerebral.

— Butler?

O empregado sentiu o pulso acelerar. Ele conhecia aquele tom de voz. Alguma coisa vinha por aí.

— Sim, Artemis?

— O baleeiro japonês. O que foi confiscado pelas autoridades portuárias. Ainda está preso às docas?

Butler assentiu.

— Sim, acho que sim.

Artemis girou a faixa do localizador em seu dedo.

— Bom. Leve-nos até lá. Acho que está na hora de nossos amigos minúsculos saberem exatamente com quem estão lidando.

Raiz carimbou sua reativação com uma velocidade impressionante — muito incomum para a alta administração da LEP. Geralmente demorava meses, e várias reuniões insuportavelmente chatas, para aprovar qualquer entrada no Esquadrão de Recon.

Por sorte Raiz tinha alguma influência com o comandante.

Era bom vestir de novo um uniforme de campo, e Raiz até conseguiu se convencer de que o macacão não estava mais apertado na cintura do que costumava ficar. O volume, racionalizou ele, era causado por todo o novo equipamento que enfia-vam naquele negócio. Pessoalmente Raiz não tinha tempo para traquitanas. Os únicos itens em que o comandante estava interessado eram as asas nas costas e a arma multifase de três canos e resfriada a água, presa ao quadril — a pistola mais poderosa sob o mundo. Antiga, verdade, mas tinha ajudado Raiz a atravessar uma dezena de tiroteios e o fazia sentir-se de novo como policial de campo.

O lançador mais próximo para a posição de Holly era o El Tara. Não exatamente uma localização ideal para uma missão secreta, mas com apenas duas horas de luar sobrando não havia tempo para um passeio na superfície. Se houvesse alguma chance de resolver essa

confusão antes do nascer do sol, a velocidade era essencial. Reivindicou o lançador El para a sua equipe, passando por cima de um grupo de turistas que aparentemente estava na fila há dois anos.

— Prioridade — rosnou Raiz para a agente de viagens.

— E mais, eu estou cancelando todos os vôos não essenciais até o fim da crise atual.

— E quando será isso? — guinchou a gnoma furiosa, brandindo um caderno como se estivesse preparada para abrir algum tipo de processo judicial.

Raiz cuspiu a guimba do charuto, esmagando-a meticu-losamente sob o calcanhar da bota. O simbolismo era óbvio demais.

— Os lançadores serão abertos, senhora, quando eu quiser — rosnou o comandante. — E se a senhora e seu uniforme fluorescente não saírem do meu caminho, vou arrancar sua licença de trabalho e jogá-la numa cela por obstruir um oficial da LEP.

A agente de viagens murchou diante dele e voltou para a fila, desejando que seu uniforme não fosse tão cor-de-rosa.

Potrus estava esperando junto ao casulo. Por mais que o momento fosse sério, não pôde conter um relincho divertido ao ver a barriga de Raiz balançando ligeiramente no macacão apertado.

— Tem certeza disso, comandante? Geralmente só permitimos uma pessoa por casulo.

— O que quer dizer? — rosnou Raiz. — só há uma... — em seguida ele captou o olhar de Potrus para a sua barriga.

— Ah. Ha ha. Muito divertido. Pare com isso, Potrus. Eu tenho meu limite, você sabe.

Mas era uma ameaça vazia, e os dois sabiam. Não somente Potrus tinha construído a rede de comunicações a partir do zero como também era pioneiro no campo da previsão de explosões de magma. Sem ele a tecnologia humana poderia facilmente se igualar à das fadas.

Raiz sentou-se no casulo e prendeu o cinto de segurança.

Para o comandante, nada de veículos com meio século de vida.

Esse neném tinha acabado de sair da linha de montagem.

Todo prateado e brilhante, com as novas barbatanas estabiliza-doras que deviam ler automaticamente as correntes de magma.

Inovação de Potrus, claro. Durante cerca de um século seus projetos de casulos vinham tendendo para o futurista — cheios de neon e borracha. Mas ultimamente sua sensibilidade tinha se tornado mais retrospectiva, substituindo as novidades por painéis de nogueira e estofados de couro. Raiz achou estranhamente reconfortante essa decoração em estilo antigo.

Envolveu os joysticks com os dedos e de repente percebeu quanto tempo fazia desde que tinha cavalgado os jorros quentes. Potrus percebeu seu desconforto.

— Não se preocupe, chefe — disse ele sem o cinismo habitual. — É como montar um

unicórnio. A gente nunca esquece.

Raiz grunhiu, sem se convencer.

— Vamos botar o pé na estrada — murmurou. — Antes que eu mude de idéia.

Potrus puxou a porta deslizante até que o anel de sucção se prendeu, lacrando o portal com um sibilo pneumático. O rosto de Raiz assumiu um tom esverdeado através do painel de quartzo. Não parecia mais apavorado. Na verdade, era o oposto.

Artemis estava fazendo uma pequena cirurgia de campo no localizador da fada. Não era um feito qualquer alterar algumas das dimensões sem destruir os mecanismos.

As tecnologias eram definitivamente incompatíveis.

Imagine tentar realizar uma operação de coração aberto usando uma machadinha.

O primeiro problema foi abrir aquela porcaria. As ca-beças de parafusos desafiaram tanto as chaves planas quanto as Phillips. Nem mesmo o enorme jogo de chaves Allen de Artemis pôde se encaixar nas fendas minúsculas. Pense em termos futurísticos, disse Artemis a si mesmo. Pense em tecnologia avan-

çada.

A solução veio depois de alguns momentos de contemplação silenciosa. Parafusos magnéticos.

Óbvio. Mas como construir um campo magnético rota-tivo no banco de trás de um jipe? Impossível. A única solução era girar os parafusos com um ímã doméstico.

Artemis pescou o pequeno ímã em seu nicho na caixa de ferramentas e aplicou os dois pólos aos parafusos minúsculos. O

lado negativo fez com que eles se mexessem ligeiramente. Foi o bastante para Artemis conseguir prendê-los com um alicate ponta de agulha, e logo estava com o painel do localizador desmontado.

O circuito era minúsculo. E sem qualquer sinal de solda.

Eles deviam usar outro tipo de conexão. Talvez, se tivesse tempo, os princípios daquele instrumento pudessem ser descobertos, mas por enquanto teria de improvisar. Teria de contar com a desatenção dos outros. E se as criaturas do Povo fossem parecidas com os humanos, eles viam o que queriam ver.

Artemis segurou a face do localizador diante da luz do carro. Era translúcida. Ligeiramente polarizada, mas bastante boa. Empurrou para o lado um emaranhado de fios minúsculos, inserindo uma microcâmera no espaço. Prendeu o transmissor do tamanho de uma ervilha com uma gota de silicone.

Grosseiro mas eficaz. Esperava que sim.

Os parafusos magnéticos se recusaram a voltar para os buracos sem a ferramenta

adequada, por isso Artemis foi forçado a colá-los também. Uma sujeira, mas deveria bastar, desde que o localizador não fosse examinado muito de perto.

E se fosse? Bom, ele só perderia a vantagem que, de fato, nunca esperava ter.

Butler desligou o farol alto quando entraram nos limites da cidade.

— Estamos chegando às docas, Artemis — disse ele por cima do ombro. — Deve haver uma equipe da alfândega em algum lugar.

Artemis assentiu. Fazia sentido. O porto era uma agitada artéria de atividades ilegais. Mais de cinqüenta por cento do contrabando do país desembarcava em alguma parte desses oitocentos metros.

— Então crie uma distração, Butler. Eu só preciso de dois minutos.

O empregado assentiu, pensativo.

— O de sempre?

— Não vejo por que não. Pode armar a festa... Ou melhor, arme logo um velório.

Artemis piscou. Era a segunda piada que fazia nos últimos tempos. E a primeira em voz alta. Melhor tomar cuidado.

Não era hora para frivolidades.

Os estivadores estavam enrolando cigarros. Não era fácil com dedos do tamanho de barras de chumbo, mas eles conse-guiam.

E se alguns fiapos de tabaco marrom caíam nas pedras ásperas, e daí? As bolsas de fumo estavam disponíveis aos montes, vendidas por um homenzinho que não se preocupava em agregar os impostos do governo aos seus preços.

Butler foi até os homens, com os olhos sombreados pela aba de um quepe de guarda.

—

Noite

gelada

—

disse

ele

ao

grupo.

Ninguém respondeu. Os policiais apareciam em todos os tipos e modelos. O estranho grandalhão insistiu.

— Até trabalhar é melhor do que ficar parado numa noite dessas.

Um dos trabalhadores, meio idiota, não conseguiu deixar de assentir. Um camarada cutucou o cotovelo em suas costelas.

— Mesmo assim — continuou o recém-chegado —, não acho que as mocinhas aí já tiveram um dia de trabalho decente na vida.

De novo não houve resposta. Mas dessa vez foi porque a boca dos estivadores estava aberta de espanto.

— É, vocês são um grupinho ridículo, é mesmo — prosseguiu Butler jovialmente. — Ah, não duvido de que seriam confundidos com homens na época da fome, mas pelos padrões de hoje vocês não passam de uns maricas.

— Arrrgh — disse um dos estivadores. Foi tudo que conseguiu. Butler levantou uma sobrancelha.

— Argh? Ridículo e inarticulado. Bela combinação. A mãe de vocês deve ter muito orgulho.

O estranho tinha atravessado uma linha sagrada. Tinha falado da mãe dos homens. Agora nada poderia evitar uma surra, nem o fato de que ele era obviamente um simplório. Ainda que um simplório com um bom vocabulário.

Os homens pisaram nos cigarros e se espalharam lentamente num semicírculo. Eram seis contra um. Era preciso sentir pena deles. Butler ainda não tinha terminado.

— Agora, antes de fazermos qualquer coisa, senhoras, nada de arranhar, nem cuspir nem chamar a mamãe.

Foi a última gota. Os homens uivaram e atacaram ao mesmo tempo. Se estivessem prestando alguma atenção ao adversário naquele momento anterior ao contato, poderiam ter percebido que ele havia se movimentado para baixar o centro de gravidade. Também poderiam ter visto que as mãos que ele retirou dos bolsos eram do tamanho e da forma aproximada de uma pá. Mas ninguém estava prestando atenção em Butler — Estavam ocupados demais observando os colegas, certifican-do-se de que não ficariam sozinhos no ataque.

O que interessava numa distração é que ela precisava distrair. Tinha de ser grande. Grosseira. Nem um pouco no estilo de Butler. Ele preferiria dominar esses homens a 500 metros de distância, com um fuzil de dardos. Não tendo isso, se o contato físico fosse absolutamente necessário, uma série de pancadas com o polegar nos feixes de nervos na base do pescoço seria sua opção preferida — silenciosa como um sussurro. Mas isso estragaria o objetivo do exercício.

E assim Butler foi contra seu treinamento, gritando como um demônio e utilizando as ações de combate mais vulgares.

Podiam ser vulgares, mas isso não quer dizer que não eram eficazes. Talvez um monge Shao Lin pudesse prever alguns dos movimentos mais exagerados, mas aqueles homens não eram adversários treinados. Para ser justo, eles nem estavam totalmente sóbrios.

Butler derrubou o primeiro com um soco direto. Mais dois tiveram as cabeças batidas uma na outra, no estilo desenho animado. O quarto, para eterna vergonha de Butler, foi despachado com um chute giratório. Mas o mais ostentoso foi guardado para o último par. O mordomo rolou de costas, pegou-os pelas golas das jaquetas e os jogou no porto de Dublin. Grandes jorros de água, muitos gritos. Perfeito.

Dois faróis surgiram de trás da sombra de um contêiner de carga, e um carro da polícia veio guinchando pelo cais. Como fora previsto, uma equipe de policiais da alfândega estava de tocaia.

Butler riu com uma satisfação maligna e virou a esquina.

Tinha sumido há muito tempo, antes que os agentes mostrassem os distintivos ou começassem a fazer perguntas. Não que os interrogatórios rendessem muito.

— Grande como uma casa — Foi uma descrição adequada para tentar defini-lo.

Quando Butler chegou ao carro, Artemis já tinha voltado de sua missão.

— Muito bem, velho amigo — comentou ele. — Mas imagino que seu sensei de artes marciais deve estar se revirando na sepultura. Um chute giratório? Como pôde?

Butler mordeu a língua, dando ré no jipe e se afastando dos galpões de madeira.

Enquanto atravessavam a passagem superior, ele não pôde resistir a olhar o caos que tinha criado. Os homens do governo estavam tirando um estivador encharcado das águas poluídas.

Artemis precisara dessa distração para alguma coisa. Mas Butler sabia que não adiantava perguntar o quê. Seu patrão não compartilhava os planos com ninguém, até quando achasse que era a hora certa. E se Artemis Fowl achava que a hora era certa, geralmente era.

Raiz saiu trêmulo do casulo. Não se lembrava de que fosse assim em sua época. Se bem que, para dizer a verdade, na certa era tremendamente pior. Na época do porrete não havia elegantes cintos de polímero, nem lançadores automáticos, e certamente não havia monitores externos. Era apenas instinto e um toque de feitiço. Em alguns sentidos Raiz preferia daquele jeito.

A ciência estava tirando a magia de tudo.

Saiu cambaleando pelo túnel até o terminal. Como des-tino preferido, Tara tinha um saguão de passageiros completo.

Seis lançadores por semana vinham apenas da Cidade de Refú-

gio. Sem usar explosões de magma, claro. Os turistas pagantes não gostavam de ser

sacudidos tanto, a não ser, claro, que estivessem num passeio ilegal à Eurodisney.

O forte das fadas estava atulhado de criaturas que tinham vindo passar a lua cheia e reclamavam da suspensão dos transportes. Uma duende se abrigava atrás de sua mesa, assediada por gremlins furiosos.

— Não adianta me perturbar — gritava a duende. — O

elfo que interessa a vocês está ali mesmo.

Ela apontou o dedo trêmulo para o comandante que se aproximava. A multidão de gremlins se virou para Raiz, e quando eles viram a arma de cano triplo em seu quadril, continuaram se virando.

Raiz pegou o microfone atrás da mesa e puxou até esticar o fio.

— Escutem — rosnou ele, sua voz grave ecoando pelo terminal. — Aqui é o comandante Raiz, da LEP. Temos uma situação grave na superfície e eu gostaria da colaboração de todos os civis. Primeiro, gostaria que parassem com esse palavrório para que eu consiga pensar!

Raiz parou, para se certificar de que seus desejos estavam sendo respeitados. Estavam.

— Segundo. Gostaria que cada um de vocês, inclusive essas crianças choronas, se sentasse nos bancos de cortesia até eu ter saído. Depois podem voltar a franzir ou estufar as caras. Ou o que quer que os civis fazem.

Ninguém jamais tinha acusado Raiz de ser politicamente correto. Ninguém faria isso.

— E quero que o encarregado, quem quer que seja, venha até aqui. Agora!

Raiz jogou o microfone sobre a mesa. Uma explosão de microfonia aguda raspou cada tímpano dentro da construção.

Em uma fração de segundo um híbrido de elfo e goblin estava bamboleando junto ao seu cotovelo.

— Alguma coisa que possamos fazer, comandante?

Raiz assentiu, enfiando um charuto grosso no buraco sob o nariz.

— Quero que você abra uma passagem direta através deste lugar. Não quero ser incomodado pela alfândega ou pela imigração. Comece a mandar todo mundo para baixo depois que meus rapazes chegarem aqui.

O diretor do porto de lançamento engoliu em seco.

— Todo mundo?

— Sim. Isso inclui o pessoal do terminal. E levem tudo que puderem. Evacuação total. — Ele parou e encarou os olhos cor de malva do diretor. — Isto não é um exercício.

— Quer dizer...

— Sim — disse Raiz, continuando a andar pela rampa de acesso. — O Povo da Lama cometeu um ato abertamente hostil.

Quem sabe onde isso vai dar?

O elfo/goblin ficou olhando enquanto Raiz desaparecia numa nuvem de fumaça de charuto. Um ato abertamente hostil?

Isso poderia significar guerra. Ele digitou o número de seu contador no celular.

— Casca? Sim. Aqui é Nimbus. Quero que você venda todas as minhas ações do porto de lançamento. Sim, todas. Tenho a impressão de que os preços vão ter uma queda séria.

A capitã Holly Short sentia como se uma lesma sugadora estivesse drenando seu cérebro pelo buraco do ouvido. Tentou descobrir o que poderia ter causado essa agonia, mas suas faculdades ainda não se estendiam ao domínio da memória. Res-pirar e ficar deitada era tudo que conseguia.

Hora de tentar uma palavra. Alguma coisa curta e per-tinente.

Socorro, decidiu, seria a palavra certa. Respirou trêmula e abriu a boca.

— Sssssc — disseram seus lábios traiçoeiros. Não adiantava. Incompreensível até mesmo pelos padrões de um gnomo bêbado. O que estava acontecendo? Ela estava deitada de costas, fraca como uma raiz úmida num túnel. O que poderia ter causado isso? Holly se concentrou, chegando à beira de uma dor ofuscante. O troll? Era isso? Será que o troll a havia mutilado naquele restaurante? Isso explicaria muita coisa. Mas não. Ela parecia lembrar alguma coisa sobre o velho país. E o Ritual. E havia alguma coisa machucando seu tornozelo.

— Olá?

Uma voz. Não dela. Nem mesmo de algum elfo.

— Então está acordada?

Uma das línguas européias. Latim. Não, inglês. Ela estava na Inglaterra?

— Eu pensei que o dardo poderia ter matado você. As entranhas dos alienígenas são diferentes das nossas. Eu vi isso pela televisão.

Algaravia. Alienígenas, entranhas? O que a criatura estava falando?

— Você parece em forma. Que nem Maria Muchacho, ela é uma anã mexicana que pratica luta-livre.

Holly gemeu. Seu dom das línguas devia estar se esvaindo. Era hora de ver exatamente que loucura estava acontecendo aqui. Focalizando toda a força na frente da cabeça, en-treabriu um olho. Fechou de novo quase imediatamente. Parecia haver uma gigantesca mosca loura olhando para ela.

— Não fique com medo — disse a mosca. — são só óculos escuros.

Holly abriu os dois olhos de uma vez. A criatura estava batendo num olho de prata. Não, não era um olho. Uma lente espelhada. Como as lentes usadas pelos outros dois... tudo voltou num tranco, correndo para preencher o buraco em sua memória como uma fechadura de

combinação se encaixando no lugar. Ela fora seqüestrada por dois humanos durante o Ritual. Dois humanos com um extraordinário conhecimento de coisas das fadas.

Tentou falar de novo.

— Onde... onde estou?

A humana deu um risinho deliciado, batendo palmas.

Holly percebeu as unhas, compridas e pintadas.

— Você fala minha língua. Que tipo de sotaque é esse?

Parece um pouco de tudo.

Holly franziu a testa. A voz da garota parecia um sa-ca-rolhas entrando direto no meio da sua cabeça. Levantou o braço. Nada do localizador.

— Onde estão minhas coisas?

A garota balançou o dedo, como a gente faz com uma criança malcriada.

— Artemis teve de tirar sua pistolinha, e todos aqueles outros brinquedos. Você poderia se machucar.

— Artemis?

— Artemis Fowl. Isso tudo foi idéia dele. Tudo é sempre idéia dele.

Holly franziu a testa. Artemis Fowl. Por algum motivo, até mesmo o nome a fez estremecer. Era um mau presságio.

Intuição de fada nunca errava.

— Eles virão atrás de mim — disse ela, com a voz áspera passando pelos lábios secos. — Você não sabe o que fez.

A garota franziu a testa.

— Você está absolutamente certa. Eu não tenho a menor idéia do que está acontecendo. De modo que não há futuro em tentar fazer alguma coisa psíquica comigo.

Holly franziu a testa. Obviamente não fazia sentido armar jogos mentais com aquela humana. O mesmer era sua única esperança, mas ele não conseguia penetrar em superfícies refle-xivas. Como, diabos, aqueles humanos sabiam? Isso poderia ser descoberto mais tarde. Por enquanto tinha de descobrir um modo de separar aquela garota vazia de seus óculos espelhados.

— Você é uma humana bem bonita — disse ela, a voz pingando elogio cheio de mel.

— Ora, obrigada...?

— Holly.

— Ora, obrigada, Holly. Eu saí no jornal da cidade uma vez. Ganhei um concurso. Miss Feira da Abelha Açucarada Mil Novecentos e Noventa e Nove.

— Eu sabia. É uma beleza natural. Aposto que seus olhos são espetaculares.

— É o que todo mundo diz. — assentiu Juliet. — Cílios que parecem molas de relógio.

Holly suspirou.

— Se ao menos eu pudesse vê-los.

— Por que não?

Os dedos de Juliet seguraram as hastes dos óculos. Em seguida ela hesitou.

— Talvez eu não deva.

— Por que não? Só um segundo.

— Não sei. Artemis disse para eu nunca tirar os óculos.

— Ele não iria saber.

Juliet apontou para uma câmera na parede.

— Ah, ele vai descobrir. Artemis descobre tudo. — Ela se inclinou para perto da fada. — Algumas vezes eu acho que ele pode ver dentro da minha cabeça também.

Holly franziu a testa. Enganada de novo por esse tal de Artemis.

— Ande. Um segundo. Que mal vai fazer?

Juliet fingiu que pensava a respeito.

— Nenhum, eu acho. A não ser, claro, que você esteja pretendendo me fisgar com o mesmer. Você acha que eu sou estúpida demais?

— Tenho outra idéia — disse Holly, com o tom de voz muitíssimo mais sério. — Por que eu não me levanto, derrubo você e tiro esses óculos estúpidos?

Juliet deu um riso deliciado, como se essa fosse a coisa mais ridícula que ela já tivesse ouvido.

— Essa foi boa, fadinha.

— Estou falando mortalmente sério, humana.

— Bom, se está falando sério — suspirou Juliet, passando delicadamente o dedo por trás das lentes, como se fosse enxugar uma lágrima —, dois motivos. Um: Artemis disse que enquanto você estiver numa residência humana tem de fazer o que nós quisermos. E eu quero que você fique nessa cama.

Holly fechou os olhos. Certo de novo. Onde foi que esse grupo conseguiu as informações?

— E dois. — Juliet sorriu de novo, mas dessa vez havia uma leve semelhança com o irmão naqueles dentes. — Dois: porque eu fiz o mesmo treinamento que Butler, e estou louca para ter alguém em quem praticar alguns golpes especiais.

Veremos isso, humana, pensou Holly; a capitã Short ainda não estava cem por cento, e também havia a pequena questão da coisa machucando seu tornozelo. Ela pensou que sabia o

que era, e, se estivesse certa, isso poderia significar o início de um plano.

O comandante Raiz tinha ajustado a freqüência do localizador de Holly na tela visual de seu capacete. Raiz demorou mais do que o esperado para chegar a Dublin. As asas modernas eram mais complicadas do que as que ele conhecia, além disso ele não se incomodara em fazer cursos de reciclagem. Na altitude certa, quase conseguia superpor o mapa luminoso em seu visor sobre as verdadeiras ruas de Dublin abaixo. Quase.

— Potrus, seu centauro metido a besta — rosnou ele no microfone.

— Problema, chefe? — veio a resposta em voz baixa.

— Problema? Pode dizer isso de novo. Quando foi a última vez que você atualizou os arquivos de Dublin?

Raiz pôde ouvir ruídos de sucção no ouvido. Parecia que Potrus estava almoçando.

— Desculpe, comandante. Estou acabando esta cenoura.

Ahm... Dublin, vejamos. Setenta e sete... Mil oitocentos e setenta e cinco.

— Foi o que eu pensei! Este lugar está totalmente diferente. Os humanos conseguiram mudar até a forma do litoral.

Potrus ficou quieto um momento. Raiz podia imaginá-lo lutando com o problema. O centauro não gostava de que lhe dissessem que parte de seu sistema estava desatualizado.

— Certo — disse ele por fim. — Vou fazer o seguinte: nós temos um Scópio num satélite de TV que passa sobre a Irlanda.

— Sei — murmurou Raiz, o que era basicamente uma mentira.

— Vou mandar por e-mail a varredura da semana pas-sada direto para o seu visor. Felizmente há uma placa de vídeo em todos os capacetes novos.

— Felizmente.

— A parte complicada vai ser coordenar seu padrão de vôo com as informações de vídeo.

Raiz já estava cheio.

— Quanto tempo, Potrus?

— Ahm... Dois minutos, mais ou menos.

— Mais ou menos quanto?

— Uns dez anos, se meus cálculos estiverem errados.

— É melhor que não estejam. Vou ficar pairando até que a gente saiba.

Cento e vinte e quatro segundos depois as plantas em preto e branco de Raiz desapareceram, e foram substituídas por imagens coloridas feitas à luz do dia.

Quando Raiz se mexia elas se mexiam também, e o ponto do localizador de Holly também

se mexia.

— Impressionante — disse Raiz.

— O quê, comandante?

— Eu disse impressionante — gritou Raiz. — Não precisa ficar com um rei na barriga.

O comandante ouviu o som de uma sala cheia de gargalhadas, e percebeu que Potrus o tinha colocado nos alto-Falantes.

Todo mundo tinha ouvido seu elogio ao trabalho do centauro.

Não poderia brigar com ele pelo menos durante um mês.

Mas valia a pena. O vídeo que estava recebendo agora era totalmente atualizado. Se a capitã Short estivesse escondida num prédio, o computador poderia lhe dar plantas tridimensionais instantaneamente. Era à prova de erro. A não ser...

— Potrus, o localizador está no mar. O que está acontecendo?

— Barco ou navio, senhor, é o que eu diria.

Raiz se xingou por não ter pensado nisso. Eles estariam rindo na sala de comando. Claro que era um navio. Baixou algumas centenas de metros até que a silhueta escura da embarcação apareceu entre a névoa. Aparentemente era um baleeiro, mas não havia nada parecido com um arpão para trucidar o maior mamífero do mundo.

— A capitã Short está em algum lugar lá embaixo, Potrus. Debaixo do convés. O que você pode me dar?

— Nada, senhor. Não é um lugar fixo. Quando tivermos feito uma verificação do registro do navio, será tarde demais.

— E quanto a uma imagem térmica?

— Não, comandante. O casco deve ter pelo menos cinqüenta anos. Conteúdo de chumbo muito alto. Nem podemos penetrar na primeira camada. Acho que o senhor está sozinho nisso.

Raiz balançou a cabeça.

— Depois de todos os bilhões que investimos no seu departamento! Lembre-me de cortar o seu orçamento quando eu voltar.

— Sim, senhor — veio a resposta, carrancuda, pela primeira vez. Potrus não gostava de piadas com o orçamento.

— Ponha o Esquadrão de Resgate em alerta total. Posso precisar deles a qualquer momento.

— Porei, senhor.

— É melhor que sim. Câmbio e desligo.

Raiz estava sozinho. Para dizer a verdade, era assim que ele gostava. Nada de ciência. Nada daquele centauro metido relinchando em sua orelha. Só um policial do Povo das Fadas,

sua inteligência e talvez um pouquinho de magia.

Inclinou suas asas de polímero, ficando logo abaixo de um banco de névoa. Não precisava ter cuidado. Com o escudo ativado ele era invisível aos olhos humanos. Mesmo num radar ultra-sensível não passaria de uma distorção fraquíssima. O comandante baixou até a amurada. Era uma embarcação feia.

O cheiro de morte e dor pairava no convés que já estivera encharcado de sangue. Muitas criaturas nobres tinham morrido ali, morrido e sido dissecadas para virar barras de sabão e óleo de aquecimento. Raiz balançou a cabeça. Os humanos eram seres bárbaros.

Agora o localizador de Holly piscava ansiosamente. Ela estava perto. Muito perto. Em algum lugar num raio de 200

metros estava a capitã Holly, ainda respirando, era a esperança dele. Mas sem as plantas teria de percorrer as entranhas desse navio sem ajuda.

Raiz pousou suavemente no convés, com as botas se grudando ligeiramente na mistura de sabão seco e bolhas que cobria a superfície de aço. A embarcação parecia deserta.

Não havia nenhuma sentinela na prancha de desembarque, nenhum contramestre no passadiço, nenhuma luz em lugar algum. Mesmo assim não havia motivo para abandonar a cautela. Raiz sabia, por experiências amargas, que os humanos apareciam quando a gente menos esperava. Uma vez, quando estava ajudando os rapazes do Resgate a tirar uns destroços de casulo da parede de um túnel, foram vistos por um grupo de humanos que faziam perfuração. Que bagunça tinha sido. His-teria em massa, caçadas em alta velocidade, lavagens mentais em grupo. A coisa toda.

Raiz estremeceu. Noites assim podiam tirar décadas da vida de uma criatura das fadas.

Mantendo-se totalmente escudado, fez as asas se do-brarem no envoltório, avançando a pé sobre o convés. Não havia outras formas de vida em sua tela, mas, como dissera Potrus, o casco tinha grande concentração de chumbo; até a tinta era à base de chumbo! Todo o barco era um desastre ecológico flutuante. O

fato é que poderia haver um batalhão de ataque escondido sob o convés, e a câmera de seu capacete não iria captá-los. Até mesmo o localizador de Holly estava um pouco abaixo do volume, e ele possuía uma microbateria nuclear emitindo os pulsos. Raiz não gostava daquilo. Nem um pouco. Fique calmo, disse a si mesmo.

Você está escudado. Não há um ser humano vivo que possa vê-lo.

Abriu a primeira escotilha. Ela girou com bastante facilidade. O comandante fungou. O Povo da Lama tinha lubrificado as dobradiças com óleo de baleia. Não haveria fim para a de-pravação deles?

O corredor estava envolto numa escuridão viscosa, por isso Raiz ligou seu filtro infravermelho. Certo, algumas vezes a tecnologia ajudava, mas ele não diria isso a Potrus. O labirinto de tubos e grades diante dele foi imediatamente iluminado por uma estranha luz vermelha. Minutos depois ele estava se arrepen-dendo de ter ao menos pensado alguma coisa boa sobre a tecnologia do centauro. O filtro infravermelho atrapalhava sua percepção de

profundidade, e ele até agora já havia batido a ca-beça em duas conexões em U que se projetavam dos tubos.

Ainda não havia sinal de vida humana ou fada. Muitos animais. Muitos roedores. E quando você tem apenas pouco mais de um metro de altura, um rato de bom tamanho pode ser uma verdadeira ameaça, especialmente porque os ratos são uma das poucas criaturas que podem ver direto através de um escudo de fada. Raiz soltou a pistola e a ajustou para nível três, ou ao ponto, como diziam os elfos no vestiário. Mandou um dos ratos para longe com o traseiro fumegando, como alerta para o resto.

Nada fatal, só o bastante para ensinar a não olhar de lado para um elfo com pressa.

Raiz seguiu mais rápido. Esse lugar era ideal para uma emboscada. Ele estava praticamente cego e de costas para a única saída. Um pesadelo de reconhecimento. Se um de seus coman-dados tivesse feito uma coisa dessas ele arrancaria as divisas do sujeito. Mas ocasiões desesperadas exigiam assumir riscos bem pensados. Essa era a essência do comando.

Ignorou várias portas de cada lado, seguindo o sinal do localizador. Agora dez metros. Uma escotilha de aço lacrava o corredor, e a capitã Short, ou seu cadáver, estava do outro lado.

Raiz encostou o ombro na porta. Ela se abriu sem protesto.

Má notícia. Se uma criatura viva estivesse em cativeiro, a escotilha estaria trancada. O comandante aumentou o nível de potência da arma para cinco e avançou pela abertura. A pistola zumbia levemente. Agora havia potência suficiente para vapo-rizar um elefante com um único tiro.

Nenhum sinal de Holly. Nenhum sinal de coisa alguma.

Ele estava num depósito refrigerado. Estalactites brilhantes pendiam de um emaranhado de tubos. A respiração de Raiz se espalhava ao redor em nuvens gélidas. Como isso apareceria para um humano? Respiração incorpórea.

— Ah — disse uma voz familiar. — Temos visita.

Raiz se apoiou num dos joelhos, apontando a arma para a fonte da voz.

— Veio resgatar sua policial desaparecida, sem dúvida.

O comandante piscou para afastar uma gota de suor do olho. Suor? Nessa temperatura?

— Bom, acho que veio ao lugar errado.

A voz era minúscula. Artificial. Amplificada. Raiz verificou o localizador de sinais de vida. Não havia nenhuma. Pelo menos não naquele cômodo. Haveria uma câmera em algum lugar, escondida no labirinto de tubos acima, que poderia penetrar o escudo das fadas?

— Onde você está? Mostre-se!

O humano deu um risinho. Que ecoou naturalmente no espaço vasto.

— Ah, não. Ainda não, meu amigo das fadas. Mas em breve. E acredite, quando eu fizer

isso, você desejará que não tivesse acontecido.

Raiz seguiu a voz. Mantenha o humano falando.

— O que você quer?

— Hmm. O que eu quero? De novo, você vai saber logo.

Havia um caixote baixo no centro da câmara. Sobre ele uma pasta de executivo. A pasta estava aberta.

— Por que me trouxe aqui?

Raiz cutucou a pasta com sua pistola. Nada aconteceu.

— Eu o trouxe para uma demonstração.

O comandante se inclinou sobre a pasta. Dentro, aco-modado num invólucro de espuma, havia um pacote embalado a vácuo e um transmissor VHF de três faixas. Em cima estava o localizador de Holly. Raiz gemeu. Holly não entregaria de boa vontade seu equipamento; nenhum agente da LEP faria isso.

— Que tipo de demonstração, seu maluco demente?

De novo aquele risinho frio.

— Uma demonstração de meu compromisso absoluto para com os meus objetivos.

Raiz deveria ter começado a se preocupar com sua saúde, mas também estava preocupado com a de Holly.

— Se você machucou ao menos a ponta das orelhas de minha agente...

— Sua agente? Ah, nós temos alguém do comando. Que privilégio! Muito melhor para eu enfatizar o que quero dizer.

Campainhas de alarme soaram na cabeça de Raiz.

— O que quer dizer?

A voz que emanava do alto-falante de alumínio era tão séria quanto um inverno nuclear.

— O que quero dizer, homenzinho das fadas, é que não sou uma pessoa com quem se possa brincar. Agora, se quiser observar o pacote, por favor...

O comandante observou, obedientemente. Era uma forma comum.

Lisa, como um pedaço de massa de vidraceiro, ou...

Ah, não.

Debaixo do invólucro, uma luz vermelha se acendeu.

— Voe, fadinha — disse a voz. — E diga a seus amigos que Artemis Fowl II diz olá.

Debaixo da luz vermelha símbolos verdes começaram a piscar. Raiz os reconheceu de suas aulas de estudos humanos na Academia. Eram... números. Recuando. Uma contagem regres-siva!

— D'Arvit — Rosnou Raiz. (Não há sentido em traduzir essa palavra, porque seria censurada.) Ele se virou e disparou pelo corredor, com a voz zom-beteira de Artemis Fowl ressoando no funil de metal.

— Três — disse o humano. — Dois...

— D'Arvit — Repetiu Raiz.

Agora o corredor parecia muito mais comprido. Uma fatia de céu estrelado espreitou pela fresta de uma porta aberta.

Raiz ativou suas asas. Isso exigiria um vôo complicado. A en-vergadura do Beija-Flor era pouco mais estreita do que o corredor do navio.

— Um.

Fagulhas voaram enquanto as asas eletrônicas raspavam num tubo. Raiz girou, consertando o rumo em MACH 1.

— Zero... — disse a voz. — Bum!

Dentro do pacote embalado a vácuo um detonador foi acionado, acendendo um quilo de puro Semtex. A reação de um branco incandescente devorou o oxigênio em volta num nanossegundo e seguiu pelo caminho de menor resistência, que, claro, ia logo atrás do comandante Raiz, da LEP.

Raiz baixou o visor, abrindo o acelerador ao máximo.

Agora a porta estava a dois metros de distância. Era só uma questão de o que chegaria primeiro — o elfo ou a bola de fogo.

Conseguiu. Por pouco. Pôde sentir a explosão sacudindo seu tronco enquanto ele fazia um giro reverso. Chamas roçaram seu macacão, lambendo ao longo das pernas. Raiz continuou a manobra, batendo direto na água gelada.

Rompeu a superfície xingando.

Acima dele o baleeiro fora totalmente consumido por chamas violentas.

— Comandante — veio uma voz em seu fone de ouvido.

Era Potrus. Ele estava de volta ao alcance do aparelho.

— Comandante? Qual é a sua situação?

Raiz se ergueu, livrando-se da água.

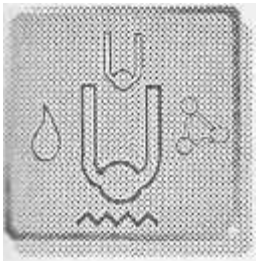
— Minha situação, Potrus, é extremamente chateado. Vá para os seus computadores. Quero saber tudo que há para saber sobre um tal de Artemis Fowl, e quero saber antes de voltar à base.

— Sim, comandante. Imediatamente.

Sem piadinhas. Até Potrus percebeu que não era hora.

Raiz pairou a 300 metros de altura. Abaixo dele o baleeiro in-cendiado atraía veículos de

emergência como mariposas indo para a luz. Ele espanou fiapos chamuscados dos cotovelos. Esse tal de Artemis Fowl veria, prometeu o comandante. Podia contar com isso.



CAPÍTULO 6: **CERCO**

Artemis se recostou na cadeira giratória do escritório, sorrindo por cima das mãos postas. Perfeito.

A explosãozinha cortaria a atitude arrogante daquelas criaturas. Além disso, menos um baleeiro no mundo.

Artemis Fowl não gostava de baleeiros.

Havia maneiras menos questionáveis de produzir sub-produtos de óleo.

A câmera minúscula escondida no localizador tinha funcionado perfeitamente. Com suas imagens de alta resolução, ele havia captado os reveladores cristais da respiração da criatura.

Artemis consultou o monitor de vigilância do porão. Sua prisioneira estava sentada no catre, com a cabeça nas mãos.

Artemis franziu a testa. Não esperava que a fada parecesse tão... humana. Até agora eles tinham sido apenas caça.

Animais a serem apanhados. Mas vendo uma assim, num óbvio desconforto, as coisas mudavam.

Pôs o computador em modo de espera e foi até a porta.

Hora de uma conversinha com a hóspede. No instante em que suas mãos iam encostando na maçaneta de latão, a porta se abriu diante dele. Juliet apareceu, com as bochechas avermelhadas por causa da pressa.

— Artemis — ofegou ela. — A sua mãe. Ela...

Artemis sentiu uma bola de chumbo cair em seu estô-

mago.

— O quê?

— Bom, ela está dizendo, Artemis... Artemis, que o seu...

— Sim, Juliet. Pelo amor de Deus, o que é?

Juliet pôs as mãos na boca, se recompondo. Depois de vários segundos abriu os dedos com as unhas pintadas, falando entre eles.

— É o seu pai, senhor. Madame Fowl disse que ele voltou!

Numa fração de segundo Artemis podia jurar que seu coração tinha parado. Papai? De volta? Seria possível? Claro que ele sempre acreditara que o pai estava vivo. Mas ultimamente, desde que tinha armado o esquema das fadas, era quase como se o pai tivesse sumido de sua mente. Sentiu a culpa borbulhar no estômago. Tinha desistido. Desistido do próprio pai.

— Você o viu, Juliet? Com seus olhos?

A garota balançou a cabeça.

— Não, Artemis, senhor. Só escutei vozes. No quarto.

Mas ela não me deixou entrar. Por nada do mundo. Nem com uma bebida quente.

Artemis calculou. Tinham voltado há apenas uma hora.

Seu pai poderia ter passado por Juliet. Era possível. Era. Olhou o relógio, sincronizado com o horário padrão de Greenwich através de uma atualização constante por sinais de rádio. Três da madrugada. O tempo estava passando. Todo o seu plano dependia de as fadas darem o próximo passo antes da luz do dia.

Artemis levou um susto. Estava fazendo aquilo de novo, deixando a família de lado. Em que estava se transformando?

Seu pai era a prioridade, e não algum esquema para ganhar dinheiro.

Juliet ainda estava na porta, observando-o com aqueles enormes olhos azuis. Esperando que ele tomasse uma decisão, como sempre. E pela primeira vez havia indecisão nítida em suas feições pálidas.

— Muito bem — murmurou ele por fim. — É melhor eu subir lá imediatamente.

Artemis passou pela garota, subindo a escada de dois em dois degraus. O quarto de sua mãe ficava dois andares acima, num sótão convertido.

Hesitou junto à porta. O que diria se o pai tivesse voltado milagrosamente? O que faria? Era ridículo ficar perturbado com isso.

Impossível prever. Bateu levemente.

— Mamãe?

Não houve resposta, mas ele pensou ter ouvido um risinho e se transportou instantaneamente ao passado. Inicialmente este quarto tinha sido uma sala íntima dos pais. Eles se sentavam durante horas na espreguiçadeira, conversando como crianças na escola, alimentando os pombos ou olhando os navios que passavam no estreito de Dublin. Quando Artemis Pai tinha desaparecido, Angeline Fowl se tornou cada vez mais ligada àquele espaço,

até que se recusou totalmente a sair de lá.

— Mamãe? Você está bem?

Vozes abafadas lá dentro. Sussurros conspiratórios.

— Mamãe, eu estou entrando.

— Espere um momento. Timmy, pare com isso, seu monstro! Nós temos companhia.

Timmy? O coração de Artemis bateu como um tambor no peito. Timmy era como ela chamava seu pai. Timmy e Arty.

Os dois homens da vida de Angeline. Ele não podia mais esperar.

Passou pela porta dupla.

Sua primeira impressão foi de luz. A mãe tinha acendido as lâmpadas. Certamente um bom sinal. Artemis sabia onde sua mãe estaria. Sabia exatamente onde olhar. Mas não podia. E se...

E se...

— Sim, em que podemos ajudá-lo?

Artemis se virou, de olhos ainda baixos.

— Sou eu.

Sua mãe gargalhou. Leve e despreocupada.

— Eu sei que é você, papai. Não pode dar ao seu menino uma noite de folga? Afinal de contas, é a nossa lua-de-mel.

Então Artemis soube. Era apenas uma escalada na loucura. Papai? Angeline achava que Artemis era o avô dele. Morto há mais de dez anos. Levantou o olhar lentamente.

Sua mãe estava sentada na espreguiçadeira, resplande-cente no vestido de noiva, o rosto coberto desajeitadamente com maquiagem. Mas isso não era o pior.

Ao lado dela havia uma imitação de seu pai, construída com o terno matinal que ele tinha usado naquele dia glorioso na catedral Christchurch há quatorze anos. As roupas estavam re-cheadas de pano, e em cima da camisa havia um travesseiro com um rosto pintado em batom. Era quase engraçado. Artemis su-focou um soluço, com as esperanças se desvanecendo como um arco-íris de verão.

— O que acha, papai? — disse Angeline numa voz grave, fazendo o travesseiro se mexer como se fosse um ventríloquo manipulando o boneco.

— Uma noite para o seu garoto, hein?

Artemis assentiu. O que mais poderia fazer?

— Então uma noite. Amanhã também. Seja feliz.

O rosto de Angeline irradiava uma alegria genuína. Ela saltou do sofá, abraçando o filho não reconhecido.

— Obrigada, papai. Obrigada.

Artemis devolveu o abraço, mesmo parecendo uma fraude.

— De nada, ma... Angeline. Agora preciso sair. Tenho negócios a resolver.

Sua mãe sentou-se ao lado do marido de imitação.

— Sim, papai. Vá. Não se preocupe, nós vamos nos divertir.

Artemis saiu. Não olhou para trás. Havia coisas a fazer.

Fadas a ser extorquidas.

Não tinha tempo para o mundo de fantasia da mãe.

A capitã Holly Short estava com a cabeça apoiada nas mãos.

Numa das mãos, para ser exato. A outra coçava a lateral da bota, no lado que a câmera não podia ver. Na verdade sua cabeça estava clara como cristal, mas não faria mal se o inimigo acreditasse que ela continuava fora de combate. Talvez eles a subestimassem.

E esse seria o último erro que cometeriam na vida.

Os dedos de Holly se fecharam em volta do objeto que vinha machucando seu tornozelo. Ela soube imediatamente, pelos contornos, o que estava escondido ali. A bolota de carvalho!

Devia ter escorregado para dentro de sua bota durante toda aquela agitação perto da árvore. Podia ser uma saída vital.

Ela só precisava de uma pequena área de terra, e seus poderes seriam restaurados.

Olhou disfarçadamente a cela em volta. Concreto recente, pela aparência.

Nenhuma rachadura ou canto soltando lascas.

Nenhum lugar onde enterrar sua arma secreta. Levantou-se hesitante, experimentando a estabilidade das pernas. Não estavam muito ruins, um pouco trêmulas nos joelhos, mas, afora isso, confiáveis. Foi até a parede, apertando o rosto e as palmas das mãos na superfície lisa. O concreto era fresco mesmo, muito recente. Ainda úmido em algumas partes. Sem dúvida sua prisão fora especialmente preparada.

— Procurando alguma coisa? — disse uma voz. Uma voz fria, sem coração.

Holly recuou da parede. O garoto humano estava parado a menos de dois metros dela, os olhos escondidos atrás de óculos espelhados. Tinha entrado no quarto sem nenhum som. Extraordinário.

— Sente-se, por favor.

Holly não queria se sentar, por favor. O que queria era incapacitar aquele moleque insolente com o cotovelo e arrancar o couro dele. Artemis podia ver isso em seus olhos. Achou divertido.

— Tendo idéias, não é, capitã Short?

Holly mostrou os dentes, isso bastava como resposta.

— Nós dois temos consciência total das regras aqui, capitã. Esta é minha casa. Você deve obedecer aos meus desejos.

São leis suas, não minhas. Obviamente meus desejos não incluem sofrer qualquer dano físico, ou que você tente sair desta casa.

Então Holly percebeu.

— Como você sabe o meu...

— Seu nome? Sua patente? — Artemis sorriu, mas não havia alegria no sorriso. — se você usa um crachá...

Inconscientemente Holly cobriu a etiqueta prateada em seu uniforme.

— Mas está escrito em...

— Gnomês. Eu sei. Por acaso sou fluente nessa língua.

Bem como todo mundo em minha organização.

Holly ficou quieta um instante, processando essa revelação momentânea.

— Fowl — disse ela, com intensidade —, você não tem idéia do que fez. Juntar os mundos assim pode significar desastre para todos nós.

Artemis deu de ombros.

— Eu não estou preocupado com todos nós, só comigo mesmo. E acredite, vou ficar perfeitamente bem. Agora sente-se, por favor.

Holly sentou-se, jamais afastando os olhos amendoados do monstro diminuto à sua frente.

— Então qual é este plano fantástico, Fowl? Deixe-me adivinhar: o domínio do mundo?

— Nada tão melodramático — riu Artemis. — só riqueza.

— Um ladrão! — cuspiu Holly. — Você é só um ladrão!

Uma irritação atravessou as feições de Artemis, logo substituída por seu riso costumeiro, cheio de desprezo.

— Sim. Um ladrão, se você quiser. Mas nem um pouco só. O primeiro ladrão interespécies do mundo.

A capitã Short fungou.

— Primeiro ladrão interespécies! O Povo da Lama vem nos roubando há milênios. Por que você acha que nós vivemos no subterrâneo?

— Certo. Mas serei o primeiro a separar com sucesso uma fada de seu ouro.

— Ouro? Ouro? Humano idiota. Você não acredita honestamente naquela invencionice absurda sobre ouro. Algumas coisas não são verdade, você sabe.

Holly virou a cabeça para trás e gargalhou.

Artemis examinou as unhas pacientemente, esperando que ela terminasse. Quando as

gargalhadas finalmente terminaram, ele balançou o indicador.

— Você está certa em rir, capitã Short. Por um tempinho eu acreditei na velha invencionice do ouro no fim do arco-íris, mas agora não. Agora sei da verba para resgates.

— Que verba para resgates?

— Ah, qual é, capitã! Por que se incomodar com a charada? Você mesma me disse.

— Eu... eu disse! — gaguejou Holly. — Ridículo!

— Olhe o seu braço.

Holly enrolou a manga direita. Havia um pequeno cura-tivo de algodão colado na veia.

— Foi aí que administramos o pentotal. Comumente conhecido como soro da verdade. Você cantou como um passarinho.

Holly sabia que era verdade. De que outro jeito ele saberia?

— Você é louco!

Artemis assentiu, indulgente.

— Se eu ganhar, serei um prodígio. Se perder, sou louco.

É assim que a história é escrita.

Claro que não houvera nenhum pentotal, só uma picada inofensiva com uma seringa esterilizada. Artemis não se arriscaria a provocar um dano no cérebro de sua mina de ouro, mas também não podia se dar ao luxo de revelar o Livro como fonte dessa informação. Melhor deixar a refém achar que tinha traído seu povo.

Isso baixaria o moral dela, tornando-a mais suscetível aos jogos mentais. Mesmo assim o ardil o perturbou.

Era inegavelmente cruel. Até que ponto ele estava preparado a ir para conseguir esse ouro? Não sabia, e não saberia até a hora certa.

Holly se curvou, momentaneamente derrotada pela última informação. Tinha falado. Revelado segredos sagrados.

Mesmo que conseguisse escapar, seria banida para algum túnel gélido sob o Círculo Ártico.

— Isso não terminou, Fowl — disse ela enfim. — Nós temos poderes que você não pode conhecer. Demoraria dias descrevê-los todos.

O garoto irritante gargalhou de novo.

— Há quanto tempo você acha que está aqui?

Holly gemeu; sabia o que estava vindo.

— Algumas horas?

Artemis balançou a cabeça.

— Três dias — mentiu. — Nós mantivemos você drogada por mais de sessenta horas... até você contar tudo que precisávamos saber.

Ao mesmo tempo em que as palavras saíam, Artemis sentia culpa. Esses jogos mentais estavam tendo um efeito óbvio em Holly, destruindo-a de dentro para fora. Haveria mesmo necessidade disso?

— Três dias? Você poderia ter me matado. Que tipo de...?

E foi aquele adjetivo mudo que lançou a dúvida no cé-

rebro de Artemis. A fada o considerava tão mau que nem conseguia encontrar palavras. Holly se controlou de novo.

— Bom, então, Sr. Fowl — cuspiu ela, cheia de desprezo.

— Se sabe tanto sobre nós, então sabe o que vai acontecer quando me localizarem.

Artemis assentiu, distraído.

— Ah, sim, eu sei. Na verdade estou contando com isso.

Foi a vez de Holly rir.

— Ah, é mesmo. Diga, garoto, você já viu um troll?

Pela primeira vez a confiança do humano baixou um pouquinho.

— Não. Um troll, nunca.

Holly mostrou mais dentes.

— Vai ver, Fowl. Vai ver. E eu espero estar aqui para presenciar.

A LEP tinha estabelecido um quartel-general de opera-

ções na superfície em El Tara.

— Então? — disse Raiz, dando um tapa num gremlin paramédico que estava aplicando ungüento para queimadura em sua testa. — Deixe para lá. A magia vai me dar um jeito logo.

— Então o quê? — perguntou Potrus.

— Não venha com seu papo furado hoje, Potrus, porque não é um daqueles dias do tipo, "Ah, estou tão impressionado com a tecnologia do pônei!". Diga o que descobriu sobre o humano.

Potrus fez um muxoxo, prendendo o chapéu de lata na cabeça. Em seguida levantou a tampa de um laptop fino como biscoito.

— Invadi o computador da Interpol. Não foi muito di-fícil, isso eu garanto. Eles podiam muito bem ter posto uma página de boas-vindas na...

Raiz tamborilou os dedos na mesa de reunião.

— Vá ao que interessa.

— Certo. Fowl. Um arquivo de dez gigabytes. Em termos de papel isso é meia biblioteca.

O comandante assobiou.

— É um humano ocupado.

— Uma família — corrigiu Potrus. — Os Fowl vêm subvertendo a justiça há gerações. Trambiques, roubos, assalto à mão armada. No último século foram principalmente crimes empresariais.

— Então temos uma localização?

— Essa foi a parte fácil. A Mansão Fowl. Numa propriedade de oitenta hectares perto de Dublin. A Mansão Fowl fica a apenas vinte klicks de nossa posição atual.

Raiz mordeu o lábio inferior.

— Só vinte? Isso significa que podemos chegar lá antes do amanhecer.

— Sim. Resolver essa confusão antes que saia do controle sob os raios do sol.

O comandante assentiu. Este era o primeiro problema.

As fadas não atuavam à luz natural há séculos. Mesmo quando viviam acima do solo, eram essencialmente criaturas noturnas.

O sol diluía a magia como se desbotasse uma foto. Se tivessem de esperar mais um dia antes de mandar uma força de ataque, quem sabia que danos Fowl poderia causar?

Até era possível que todo esse negócio estivesse orientado para a mídia, e amanhã o rosto da capitã Short estaria na capa de cada publicação do planeta. Raiz estremeceu. Isso provocaria o fim de tudo, a não ser que o Povo da Lama tivesse aprendido a coexistir com outras espécies. E se a história tinha lhe ensinado alguma lição, era que os humanos não se davam com ninguém, nem consigo mesmos.

— Certo. Todo mundo a postos. Vôo em padrão V.

Estabelecer um perímetro dentro do terreno da mansão.

O Esquadrão de Resgate rugiu a confirmação em tom militar, provocando o maior ruído metálico possível com suas armas.

— Potrus, junte os técnicos. Siga-nos no lançador. E

traga as parabólicas grandes. Vamos isolar toda a propriedade, ganhar um pouco de área de manobra.

— Uma coisa, comandante — disse Potrus.

— Sim? — perguntou Raiz impaciente.

— Por que esse humano nos disse quem ele era? Devia saber que nós iríamos encontrá-lo.

Raiz deu de ombros.

— Talvez ele não seja tão inteligente quanto acha.

— Não. Não creio que seja isso. Não creio nem um pouco. Acho que ele está um passo à nossa frente o tempo todo, e que este fato não é diferente.

— Não tenho tempo para teorizar agora, Potrus. As primeiras luzes do dia estão chegando.

— Mais uma coisa, senhor.

— Isso é importante?

— Sim, acho que é.

— Bem?

Potrus apertou uma tecla em seu laptop, mostrando as características vitais de Artemis.

— Esta mente criminosa, a que está por trás desse esquema elaborado...

— Sim? O que é que tem?

Potrus ergueu a cabeça, com uma expressão quase ad-miradora em seus olhos dourados.

— Bom, ele só tem doze anos. E isso é ser jovem, mesmo para um humano.

Raiz fungou, enfiando uma bateria nova em sua arma de três canos.

— TV demais. Ele acha que é Sherlock Holmes.

— Que é o professor Moriarty — corrigiu Potrus.

— Holmes, Moriarty, os dois ficam iguais quando a carne do crânio é vaporizada.

E com essa elegante resposta, Raiz seguiu seu esquadrão para o ar da noite.

O Esquadrão de Resgate adotou a formação em V dos gansos, com Raiz na ponta. Voavam para o sudeste, seguindo as informações de vídeo mandadas por e-mail aos seus capacetes.

Potrus havia marcado a Mansão Fowl com um ponto vermelho.

A prova de idiotas, tinha murmurado ele ao microfone, apenas num volume suficiente para o comandante ouvir.

A peça central da propriedade Fowl era um castelo re-formado, do fim da Idade Média/início do Renascimento, construído por lorde Hugh Fowl no século XV.

Os Fowl haviam se agarrado à Mansão Fowl no correr dos anos, sobrevivendo a guerras, agitações civis e várias audi-torias fiscais. Artemis não pretendia ser o Fowl que iria perdê-la.

A propriedade era cercada por uma muralha de pedras de cinco metros provida de ameias, com as torres de guarda origi-nais e passarelas. O Esquadrão de Resgate parou logo dentro dos limites e começou um exame imediato em busca de possíveis situações hostis.

— Separados por vinte metros — instruiu o comandante.

— Fazer varredura na área. Fazer contato a cada sessenta segundos. Está claro?

O esquadrão confirmou. Claro que estava claro. Eles eram profissionais.

O tenente Porrete, líder do Esquadrão de Resgate, subiu numa torre de guarda.

— Sabe o que devemos fazer, Julius?

Ele e Raiz tinham freqüentado a Academia juntos, foram criados no mesmo túnel. Porrete era talvez uma das cinco criaturas do Povo das Fadas que chamavam Raiz pelo primeiro nome.

— Acho que você sabe o que devemos fazer.

— Deveríamos explodir esse lugar inteiro.

— Que surpresa!

— É o modo mais simples. Uma enxagüadora azul e nossas perdas seriam mínimas.

Enxagüadora azul era a gíria para a devastadora bomba biológica usada em raras ocasiões pela força policial. O aspecto inteligente numa bomba biológica era que ela destruía apenas tecidos vivos. A paisagem não era alterada.

— A perda mínima da qual você está falando, por acaso, é uma das minhas policiais.

— Ah, sim — cantarolou Porrete. — Uma policial do Recon. O caso em teste. Bom, não creio que você terá problema em justificar essa solução tática.

O rosto de Raiz assumiu aquele familiar tom vermelho-escuro.

— A melhor coisa que você pode fazer agora é ficar fora do meu caminho, caso contrário serei forçado a enfiar aquela enxagüadora azul nesse lamaçal que você chama de cérebro.

Porrete não se abalou.

— Insultar não muda os fatos, Julius. Você sabe o que diz o Livro. Nós não podemos, sob nenhuma circunstância, deixar que os Elementos de Baixo fiquem prejudicados. Uma parada temporal é tudo que você tem, e depois disso...

O tenente não terminou o que ia dizer. Não precisava.

— Eu sei o que diz o Livro — rugiu Raiz. — Só queria que você não fosse tão fanático com relação a isso. Se eu não o conhecesse melhor, diria que há um pouco de sangue humano em você.

— Não precisa falar assim — reagiu Porrete, chateado.

— Eu só estou fazendo o meu serviço.

— Está certo — admitiu o comandante. — Desculpe.

Não era comum ouvir Raiz pedir desculpas, mas tinha sido um insulto muito ofensivo.

Butler estava nos monitores.

— Alguma coisa? — perguntou Artemis.

Butler levou um susto; não tinha ouvido o jovem patrão entrar.

— Não. Nada. Uma ou duas vezes pensei ter visto um tremor, mas não era nada.

— Nada é nada — comentou Artemis enigmaticamente.

— Use a nova câmera.

Butler assentiu. No mês anterior Artemis Fowl tinha comprado uma câmera de cinema pela internet. Dois mil quadros por segundo, recentemente desenvolvida pela Industrial Light and Magic para tomadas especiais da natureza, asas de bei-ja-flores e coisas do tipo. Processava imagens mais depressa do que o olho humano. Artemis tinha mandado instalá-la atrás de um querubim, em cima da entrada principal.

Butler ativou o controle.

— Onde?

— Tente a avenida. Tenho a sensação de que os visi-tantes estão a caminho.

O empregado manipulou com os dedos enormes a ala-vanca do tamanho de um palito de dentes. Uma imagem surgiu no monitor digital.

— Nada — murmurou Butler. — Calmo como uma sepultura.

Artemis apontou para o painel de controle.

— Congele.

Butler quase questionou a ordem. Quase. Em vez disso conteve a língua e apertou o controle. Na tela, as cerejeiras congelaram, flores presas no meio do ar. Mais importante, cerca de uma dúzia de figuras vestidas de preto apareceram subitamente na avenida.

— O quê! — exclamou Butler. — De onde eles brota-ram?

— Eles estão escudados — explicou Artemis. — Vi-brando em alta velocidade. Rápido demais para os olhos humanos seguirem...

— Mas não para a câmera — assentiu Butler. Esse era o patrão Artemis! Sempre dois passos à frente. — Se ao menos eu pudesse carregá-la comigo.

— Se ao menos. Mas temos uma segunda opção...

Artemis pegou um equipamento em cima da bancada.

Eram os restos do capacete de Holly. Obviamente tentar enfiar a cabeça de Butler no capacete íntegro seria como enfiar uma ba-tata num dedal. Apenas os visores e os botões de controle estavam intactos. Tinham sido presos nas tiras de um capacete de operário, para se ajustarem ao crânio do empregado.

— Esta coisa é equipada com vários filtros. Faz sentido imaginar que um deles é antiescudo. Vamos tentar, certo?

Artemis pôs o equipamento acima das orelhas de Butler.

— Obviamente, com a distância entre seus dois olhos, haverá alguns pontos cegos, mas isso não deve atrapalhar demais.

Agora ligue a câmera.

Butler acionou a câmera de novo, enquanto Artemis experimentava um filtro depois do outro.

— Agora?

— Não.

— Agora...

— Tudo ficou vermelho. Ultravioleta. Nenhuma fada.

— Agora?

— Não. Polaroid, eu acho.

— O último.

Butler sorriu. Como um tubarão que tivesse visto um traseiro pelado.

— Estou vendo.

Butler estava vendo o mundo como ele era, completo, com equipe de resgate da LEP fazendo varredura na avenida.

— Hmm — disse Artemis. — Variação estroboscópica, imagino. Freqüência muito elevada.

— Estou vendo — brincou Butler.

— Metafórica ou literalmente? — sorriu o patrão.

— Exatamente.

Artemis estremeceu. Mais piadas. Daqui a pouco estaria usando sapatos de palhaço e dando cambalhotas no salão principal.

— Muito bem, Butler. Hora de você fazer o que faz melhor. Parece que temos intrusos na propriedade...

Butler se levantou. Não eram necessárias outras instru-

ções.

Ele apertou as tiras do capacete, dirigindo-se à porta com passos rápidos.

— Ah, Butler!

— Sim, Artemis?

— Prefiro apavorados a mortos. Se possível.

Butler assentiu. Se possível.

A equipe Resgate Um era a melhor e mais inteligente. O

sonho de cada criança do Povo das Fadas era um dia crescer e poder usar o macacão preto

dos comandos do Resgate. Eles eram a elite. Seu apelido era encrenca. No caso do capitão Kelp, Encrenca era de fato o seu primeiro nome. Ele tinha insistido nisso, em sua cerimônia de entrada na vida adulta, logo depois de ser aceito na Academia.

Encrenca liderava sua equipe pela ampla avenida. Como sempre, ele ocupava a posição na ponta, decidido a ser o primeiro na refrega se, como esperava com fervor, surgisse uma refrega.

— Verificando — sussurrou ele no microfone que se projetava do capacete como uma cobra.

— Negativo no um.

— Nada, capitão.

— Um enorme chongas, Encrenca.

O capitão Kelp se eriçou.

— Estamos no campo, cabo. Siga o procedimento.

— Mas a mamãe disse!

— Não interessa o que a mamãe disse, cabo! Patente é patente! Você vai me chamar de capitão Kelp.

— Sim, senhor, capitão — disse o cabo, carrancudo. — Mas não peça para eu passar sua túnica outra vez.

Encrenca sintonizou o canal de seu irmão, isolando o resto da equipe.

— Não fale sobre a mamãe, certo? E sobre passar roupas. Você só está nesta missão porque eu requisitei! Agora co-mece a agir como profissional ou volte para o perímetro!

— Certo, Crencs.

— Encrenca! — gritou o capitão Kelp. — É Encrenca. E

não Crencs, ou Crenc. Encrenca! Certo?

— Certo. Encrenca. Mamãe está certa. Você não passa de um bebê.

Xingando de modo muito pouco profissional, o capitão Kelp sintonizou de novo o canal aberto. Na hora exata para ouvir um som incomum.

— Arrkk.

— O que foi isso?

— O quê?

— Não sei.

— Nada, capitão.

Mas Encrenca fora treinado em Reconhecimento de Sons para a prova de capitão, e tinha bastante certeza de que o "Arrkk" tinha sido causado por alguém levando uma cutelada na

traquéia. Provavelmente seu irmão tinha trombado num arbusto.

— Larva? Você está bem?

— Aqui é o cabo Larva.

Kelp chutou uma margarida, maldosamente.

— Verificando posições.

Em seguida silêncio.

— Um, OK.

— Dois, legal.

— Três, chateado mas vivo.

— Cinco se aproximando da ala oeste.

Kelp congelou.

— Esperem. Quatro? Está aí, Quatro? Qual é a sua situação?

Nada, a não ser estática.

— Certo. O Quatro está fora do ar. Possivelmente falha no equipamento. Mesmo assim não podemos correr riscos. Re-agrupar perto da porta principal.

A equipe Resgate Um se juntou, fazendo ligeiramente menos ruído do que uma aranha tecelã. Kelp fez uma rápida contagem. Onze. Um a menos do que o número total. Provavelmente O Quatro estava andando pelas roseiras, imaginando por que ninguém falava com ele.

Então Encrenca percebeu duas coisas: uma, um par de botas pretas se projetando de um arbusto perto da porta, e duas, havia um humano enorme parado ao lado da porta. A figura segurava uma arma de aparência muito maligna apoiada no braço.

— Silêncio — sussurrou Kelp, e imediatamente onze visores de rosto inteiro baixaram, lacrando os sons da respiração e das comunicações de seu esquadrão.

— Agora, ninguém entre em pânico. Acho que posso rastrear a seqüência de acontecimentos aqui. Quatro estava es-preitando fora da porta. O Homem da Lama a abriu. Quatro levou uma cacetada na nuca e foi parar nos arbustos. Sem problema. Nosso disfarce está intacto. Repito, intacto. Então nada de coceira nos dedos. Larva... Desculpe, cabo Kelp, verifique a situação do Quatro. O resto de vocês abram espaço e fiquem quietos.

O esquadrão recuou cuidadosamente até estarem em cima de uma cerca viva bem aparada. A figura diante deles era realmente impressionante, sem dúvida o maior humano que qualquer um tinha visto.

— D'Arvit — sussurrou Dois.

— Manter silêncio de rádio, a não ser em emergências — ordenou Kelp. — Xingar não é uma emergência. — Mas, se-cretamente, ele concordava com o sentimento. Essa era uma ocasião em que estava feliz por ficar escudado. Aquele sujeito parecia capaz de esmagar uma

dúzia de criaturas das fadas com apenas um dos punhos enormes.

Larva voltou ao seu lugar.

— O Quatro permanece estável. Sofreu uma concussão, acho. Mas afora isso, OK. Mas o escudo dele falhou, por isso eu o escondi nos arbustos.

— Muito bem, cabo. Bem pensado.

A última coisa de que precisavam era que as botas de Quatro fossem vistas.

O homem se mexeu, andando casualmente pelo caminho.

Podia ter olhado à esquerda e à direita, era difícil dizer por causa do capuz em cima dos olhos. Estranho, para um humano, usar capuz numa noite tão bonita.

— Soltar travas de segurança — ordenou Encrenca.

Ele imaginou seus homens revirando os olhos. Como se não estivessem com as travas soltas durante a última meia hora.

Mesmo assim era preciso seguir o manual, para o caso de um processo, mais tarde. Houve uma época em que o Resgate atirava primeiro e nunca respondia a perguntas. Mas agora não.

Agora havia sempre algum civil bem-intencionado alegando sobre direitos civis. Até para os humanos, dá para acreditar?

O homem montanha parou, bem no meio do esquadrão.

Se o sujeito pudesse vê-los, seria a perfeita posição tática.

As armas de fogo deles estavam praticamente inúteis, porque provavelmente causariam mais danos uns aos outros do que ao humano.

Felizmente todo o esquadrão estava invisível, com ex-ceção de Quatro, escondido em segurança no que parecia ser um rododendro.

— Cassetetes elétricos. Acionar.

Só para garantir. Não fazia mal ser cauteloso.

E quando os policiais da LEP estavam trocando de armas, justo naquele momento em que suas mãos se ocupavam com os coldres, foi que o Homem da Lama falou.

— Boa noite, cavalheiros — disse ele, puxando o capuz para trás.

Engraçado, pensou Encrenca. Era quase como se... En-tão ele viu os óculos montados precariamente.

— Cubram-se! — gritou. — Cubram-se!

Mas era tarde demais. Não havia opção além de permanecer e lutar. E isso não era opção.

Butler poderia tê-los derrubado do parapeito onde estava antes. Um de cada vez, com o fuzil do caçador de marfim. Mas esse não era o plano. O negócio era causar impressão. Mandar uma mensagem. Era um procedimento padrão com qualquer força policial do mundo mandar a bucha de canhão primeiro, antes de negociar. Era quase esperado que eles

encontrassem resistência, e Butler ficou feliz em confirmar isso.

Espiou através da fenda de correspondência e, coincidência feliz, havia um par de olhos com óculos espiando de volta para ele. Era uma sorte muito grande para deixar passar.

— Hora de dormir — disse Butler, abrindo a porta com o ombro poderoso. A criatura das fadas voou vários metros antes de cair no arbusto. Juliet ficaria arrasada. Ela adorava os rododendros. Um a menos. Faltavam vários.

Butler levantou o capuz de sua jaqueta, saindo para a varanda. Eles estavam ali, espalhados como um esquadrão de Action Men. Se não fosse a quantidade de armamento de aparência muito profissional pendurada em cada cinto, teria sido quase cômico.

Enfiando o dedo casualmente sob a guarda do gatilho, Butler foi para o meio deles. O atarracado na posição de duas horas estava dando as ordens. Dava para ver pelas cabeças inclinadas na direção dele.

O líder deu um comando e o esquadrão mudou para armas de curto alcance. Fazia sentido, eles só poderiam se machucar uns aos outros, se usassem armas de fogo. Hora de agir.

— Boa noite, cavalheiros — disse Butler. Ele não pôde evitar, e valeu a pena aquele momento de consternação. Então sua arma estava levantada e chamejando.

O capitão Kelp foi a primeira baixa, um dardo de ponta de titânio furou o pescoço de seu macacão. Ele caiu lentamente, como se o ar tivesse se transformado em água. Mais dois do esquadrão foram derrubados antes que tivessem alguma idéia do que estava acontecendo.

Deve ser bastante traumático, pensou Butler sem qualquer emoção, perder uma vantagem que você teve durante sé-

culos.

Agora os demais integrantes do Resgate Um estavam com seus bastões elétricos acionados e a postos. Mas cometeram o erro de ficar parados, esperando um comando que não vinha.

Isso deu a Butler a oportunidade de tomar a iniciativa da luta. Como se precisasse de mais uma vantagem.

Mesmo assim, o mordomo hesitou um segundo. Aqueles seres eram pequenos demais. Como crianças. Então Larva o acertou no cotovelo com seu cassetete elétrico e 1.000 volts se espalharam pelo peito de Butler. Toda a simpatia pelo povo pequeno desapareceu instantaneamente.

Butler agarrou o bastão que o acertou, girando a arma e a criatura que a segurava como se fosse um jogo de boleadeiras.

Larva guinchou quando foi solto, e seu ímpeto re-cém-encontrado lançou-o em cima dos colegas.

Butler continuou o movimento giratório, dando socos no peito de mais duas criaturas. Outra montou em suas costas, acertando-o repetidamente com o bastão. Butler caiu em cima dela. Alguma coisa estalou e as ferroadas pararam.

De repente havia um cano debaixo de seu queixo. Um membro da equipe do Resgate tinha conseguido sacar sua arma.

— Parado, Garoto da Lama — Soou uma voz filtrada pelo capacete. Era uma arma de aparência séria, um líquido res-friador borbulhava em toda a extensão. — Só me dê um motivo.

Butler revirou os olhos. Raça diferente, os mesmos clichês machistas. Ele deu um tapa na criatura. Para o homenzinho deve ter sido como o céu caindo na cabeça.

— Isso é motivo suficiente para você?

Butler ficou de pé. Corpos de criaturas do Povo das Fadas se espalhavam ao redor, em vários estágios de choque e inconsciência. Definitivamente apavorados. Mortos, provavelmente não.

Missão cumprida. Mas um sujeitinho estava fingindo.

Dava para ver pelo modo como os joelhos minúsculos batiam um no outro. Butler pegou-o pelo pescoço, com o polegar e o indicador facilmente se juntando do outro lado.

— Nome?

— L... Larva... quero dizer, cabo Kelp.

— Bom, cabo, diga ao seu comandante que, da próxima vez em que eu vir forças armadas vindo para cá, elas serão der-rubadas por atiradores de elite. E não serão dardos. Balas para perfurar blindagem.

— Sim, senhor. Atiradores de elite. Entendi. Parece justo.

— Bom. Mas vocês têm permissão de retirar os feridos.

— Muito generoso da sua parte.

— Mas se eu vir ao menos o brilho de uma arma em algum médico, talvez eu me sinta tentado a detonar algumas das minas que plantei no terreno.

Larva engoliu em seco, a palidez aumentando por trás do visor.

— Médicos desarmados. Claro como água.

Butler pousou a criatura no chão, espanando sua túnica com dedos enormes.

— Agora. Última coisa. Está ouvindo?

Movimentos furiosos de cabeça, para confirmar.

— Quero um negociador. Alguém que possa tomar decisões. Não um pé-rapado que tenha de correr para a base depois de cada exigência. Entendido?

— Ótimo. Isto é, tenho certeza de que será ótimo. Infelizmente eu sou um dos pés-rapados. Então, veja bem, não posso garantir que estará ótimo...

Butler estava tremendamente tentado a mandar aquele sujeitinho de volta ao seu acampamento com um pontapé.

— Muito bem. Eu entendo. Só... feche a matraca!

Larva quase concordou, depois fechou a boca com força e assentiu.

— Bom. Agora, antes de você ir, pegue todas as armas e capacetes e faça uma pequena pilha ali.

Larva respirou fundo. Ah, bom, era melhor apagar como um herói.

— Não posso fazer isso.

— Ah, é mesmo? E por que não?

Larva se empertigou.

— Um policial da LEP nunca entrega sua arma.

Butler assentiu.

— É justo. Só perguntei por perguntar. Então vá.

Mal acreditando na sorte, Larva correu de volta para a torre de comando. Ele era a última criatura de pé. Encrenca estava roncando no cascalho, mas ele, Larva Kelp, tinha encarado o Monstro da Lama. Espere até mamãe ouvir isso.

Holly estava sentada na beira da cama, com os dedos enrolados em volta da base de metal. Levantou-a devagar, pegando o peso nos braços. A tensão ameaçou fazer os cotovelos saltarem dos braços. Sustentou-a durante um segundo, depois bateu com o pé da cama no concreto. Uma satisfatória nuvem de poeira e lascas girou em volta de seus tornozelos.

— Bom — grunhiu ela.

Holly olhou para a câmera. Sem dúvida a estavam vigiando.

Não tinha tempo a perder. Flexionou os dedos, repe-tindo a manobra várias vezes, até a base de aço deixar marcas fundas na junta dos seus dedos. A cada impacto mais e mais lascas saltavam do chão de cimento fresco.

Depois de vários instantes a porta da cela se abriu e Juliet entrou.

— O que você está fazendo? — ofegou ela. — Tentando derrubar a casa?

— Eu estou com fome! — gritou Holly. — E estou cheia de acenar para aquela câmera estúpida. Vocês não alimentam os prisioneiros? Eu quero comida!

O punho de Juliet se fechou. Artemis tinha dito para ser educada, mas havia um limite.

— Não precisa perder as estribeiras desse jeito. O que vocês, fadas, comem?

— Tem um pouco de golfinho? — perguntou Holly sarcasticamente. Juliet estremeceu.

— Não, não, seu monstro!

— Então fruta. Ou legumes. Certifique-se de que estejam lavados. Não quero nenhum dos seus venenos químicos no meu sangue.

— Ha, ha, você é uma piada, é mesmo. Não se preocupe, todos os nossos produtos são cultivados organicamente. — Juliet parou junto à porta.

— E não se esqueça das regras. Não tente escapar da casa. E também não precisa quebrar a mobília. Não me obrigue a demonstrar meu Nelson de esquerda.

Assim que os passos de Juliet deixaram de ser ouvidos, Holly começou a bater a cama no concreto. Esse era o negócio nas relações com as fadas. As instruções tinham de ser dadas olho no olho, e tinham de ser muito precisas. Só dizer que não precisava fazer alguma coisa não significava especificamente proibir um elfo de fazê-la. E outra coisa, Holly não tinha intenção de escapar da casa. O que não queria dizer que ela não preten-desse sair da cela.

Artemis tinha acrescentado outro monitor à fileira. Este estava ligado a uma câmera no quarto de Angeline Fowl, no sótão.

Ele parou um momento para verificar a mãe. Algumas vezes se incomodava por ter uma câmera no quarto dela; era quase como se estivesse espionando. Mas era para o bem dela.

Havia sempre o perigo de ela se machucar. No momento Angeline estava dormindo em paz, depois de engolir o comprimido que Juliet tinha deixado na bandeja. Tudo parte do plano.

Parte vital, por acaso.

Butler entrou na sala de controle. Estava segurando um punhado de equipamento das fadas e esfregando o pescoço.

— Materialzinho interessante, dessas fadas.

Artemis ergueu os olhos da fileira de monitores.

— Algum problema?

— Nada de importante. Esses bastõezinhos têm uma tremenda potência. Como está nossa prisioneira?

— Ótima. Juliet foi pegar alguma coisa para ela comer.

Acho que a capitã Short está ficando meio maluca.

Na tela, Holly estava batendo com a cama no concreto.

— É compreensível — disse o mordomo. — Imagine a frustração dela. Não parece que vai conseguir cavar um túnel para sair.

Artemis sorriu.

— Não. Toda a propriedade foi construída numa base de pedra. Nem mesmo um anão poderia abrir um túnel para sair daqui. Ou para entrar.

Errado, por acaso. Tremendamente errado. Um marco na vida de Artemis Fowl.

A LEP tinha procedimentos para emergências assim.

Supostamente esses procedimentos não incluíam o Esquadrão de Resgate ser derrotado por um só inimigo. Mesmo assim, isso apenas tornou o próximo passo ainda mais urgente, especialmente porque um levíssimo tom alaranjado surgia no céu.

— Tudo nos conformes? — berrou Raiz em seu microfone, como se ele não fosse sensível a qualquer sussurro.

Tudo nos conformes, pensou Potrus, ocupado prendendo a última parabólica numa torre de vigia. Aqueles militares e suas frases feitas. Tudo nos conformes, positivo e operante; não sei, passa adiante. Tão inseguros!

Em voz alta, falou:

— Não precisa gritar, comandante. Esses fones podem captar uma aranha arranhando em Madagascar.

— E há uma aranha arranhando em Madagascar?

— Bom... não sei. Na verdade elas não conseguem...

— Bom, pare de se desviar de assunto, Potrus, e responda à pergunta.

O centauro fez um muxoxo. O comandante entendia tudo tão literalmente! Em seguida plugou o modem de controle da parabólica em seu laptop.

— Certo. Estamos... nos conformes.

— Já não era sem tempo. Dedo no botão!

Pela terceira vez Potrus trincou seus dentes de cavalo.

Ele era de fato o gênio incompreendido. Dedo no botão, por favor. Raiz não tinha capacidade craniana para apreciar o que ele estava fazendo ali.

Parar o tempo não era apenas uma questão de apertar o botão de liga: havia uma série de procedimentos delicados que tinham de ser realizados com precisão absoluta. Caso contrário, a zona de parada poderia terminar como cinzas e gosma radioativa.

Mesmo sendo verdade que as fadas vinham parando o tempo há milênios, hoje em dia, com a comunicação por satélites e a internet, os seres humanos poderiam perceber se uma zona ficasse fora do tempo por algumas horas. Houve uma época em que você podia cobrir todo um país com um campo de parada e o Povo da Lama simplesmente acharia que os deuses estavam irados. Mas agora não. Hoje os humanos tinham instrumentos para medir tudo, de modo que se fosse preciso parar o tempo, isso tinha de ser feito com ajuste fino e preciso.

Nos velhos tempos, cinco elfos bruxos formavam um pentagrama em volta do alvo e abriam um escudo mágico sobre ele, parando temporariamente o tempo dentro da área encantada.

Isso era bom na época, desde que os bruxos não tivessem de usar o banheiro.

Muitos cercos foram perdidos, porque um elfo havia tomado um copo de vinho a mais. Além disso os bruxos se cansam facilmente, e seus braços ficam doloridos. Num dia bom, você talvez conseguisse uma hora e meia, o que, para começar, não valia o trabalho.

Foi idéia de Potrus mecanizar todo o processo. Ele conseguiu que os bruxos fizessem seus feitiços em baterias de lítio, e depois espalhou um conjunto de antenas parabólicas re-ceptoras em volta da área designada. Parece simples? Bem, não era. Mas havia vantagens nítidas. Para

começar não havia mais disputas de poder. As baterias não tentam se gabar umas para as outras. Você podia calcular exatamente quantas células de po-tência eram necessárias, e os cercos podiam se estender por oito horas.

Por acaso a propriedade Fowl era a localização perfeita para a parada temporal — isolada e com uma fronteira definida.

Até mesmo tinha torres altas para as antenas parabólicas, veja só. Era quase como se Artemis Fowl quisesse que o tempo parasse... O dedo de Potrus hesitou sobre o botão. Poderia ser possível? Afinal de contas, o jovem humano estivera um passo adiante deles o tempo todo.

— Comandante?

— Já estamos on-line?

— Não exatamente. Há uma coisa...

A reação de Raiz quase estourou os alto-falantes no fone de ouvido de Potrus.

— Não, Potrus! Não há uma coisa! Nada de suas idéias brilhantes, muito obrigado. A vida da capitã Short está correndo perigo, então aperte o botão antes que eu suba nessa torre e o aperte com a sua cara!

— Sujeito irritado — murmurou Potrus, e apertou o botão.

O tenente Porrete verificou seu luômetro.

— Você tem oito horas.

— Eu sei quanto tempo eu tenho — rosnou Raiz. — E

pare de me seguir. Não tem trabalho a fazer?

— Na verdade, agora que você falou, eu tenho uma biobomba para armar.

Raiz partiu para cima dele.

— Não me irrite, tenente. Ouvir você fazendo comentários o tempo todo não ajuda a minha concentração. Faça o que achar que tem de fazer. Mas esteja preparado para responder por isso num tribunal. Se esta coisa der errada, cabeças vão rolar.

— Vão mesmo — murmurou Porrete, baixinho. — Mas a minha não será uma delas.

Raiz olhou o céu. Um campo azul trêmulo tinha baixado sobre a propriedade Fowl.

Bom. Estavam em limbo. Fora das muralhas a vida continuava num ritmo exagerado, mas se alguém conseguisse entrar na mansão Fowl, apesar das muralhas fortificadas e do portão alto, iria descobrir que ela estava deserta com todos os ocupantes presos no passado.

Então, pelas oito horas seguintes, Raiz não podia garantir a segurança de Holly. Dada a gravidade da situação, era mais do que provável que Cugeon recebesse a autorização para bio-bombardear o lugar inteiro. Raiz já vira uma enxagüadora azul.

Nenhuma criatura escapava, nem mesmo os ratos.

Raiz alcançou Potrus na base da torre norte. O centauro tinha estacionado um transporte junto à muralha de um metro de espessura. A área de trabalho já era uma confusão de fios emaranhados e fibras óticas pulsantes.

— Potrus? Você está aí?

A cabeça do centauro, coberta pelo boné de lata, emergiu da barriga de um disco rígido que estava com as entranhas escancaradas.

— Aqui, comandante. O senhor veio apertar um botão com a minha cara, imagino.

Raiz quase gargalhou.

— Não diga que está esperando que eu peça desculpas, Potrus. Eu já usei a minha cota de hoje. E isso basta para a vida inteira, amigo.

— Com o Porrete? Desculpe, comandante, mas eu não desperdiçaria minhas desculpas com o tenente. Ele não vai pedir desculpas quando o esfaquear pelas costas.

— Você está errado sobre ele. Porrete é um bom oficial.

Um pouco ansioso, certamente, mas fará a coisa certa quando chegar a hora.

— A coisa certa para ele, talvez. Não creio que Holly esteja no topo das prioridades do tenente.

Raiz não respondeu. Não podia.

— E outra coisa. Eu tenho uma leve suspeita de que o jovem Artemis Fowl queria que nós parássemos o tempo. Afinal de contas, tudo que tentamos funcionou direto a favor dele.

Raiz esfregou as têmporas.

— Isso é impossível. Como um humano saberia sobre paradas temporais? De qualquer modo, não está na hora de teorizar, Potrus. Eu tenho menos de oito horas para limpar essa sujeira. Então, o que conseguiu para mim?

Potrus foi batendo os cascos até uma prateleira de equipamentos presa à parede.

— Nenhum armamento pesado, isso é certo. Não depois do que aconteceu com o Resgate Um. E também nada de capacete. Aquele Monstro da Lama parece colecioná-los. Não, para mostrar boa-fé, nós vamos mandá-lo desarmado e sem armadura.

Raiz fungou.

— De que manual você tirou isso?

— É padrão no procedimento operacional. Incentivar a confiança acelera a comunicação.

— Ah, pare de citar frases feitas e me dê algo para atirar.

— Sirva-se — suspirou Potrus, escolhendo na prateleira algo que parecia um dedo.

— O que é isso?

— Um dedo. Com o que se parece?

— Um dedo — admitiu Raiz.

— Sim, mas não um dedo comum. — Ele olhou em volta para se certificar de que mais ninguém estava observando.

— A ponta possui um dardo pressurizado. Só um disparo. Você aperta o nó do dedo com o polegar e alguém cai no soninho.

— Por que eu não vi isso antes?

— É uma espécie de segredo...

— E? — perguntou Raiz cheio de suspeitas.

— Bom, houve acidentes...

— Conte, Potrus.

— Nossos agentes viviam esquecendo que estavam com ele.

— Ou seja, atiravam em si mesmos.

Potrus assentiu, arrasado.

— Um dos nossos melhores duendes estava limpando o nariz na hora. Ficou três dias na lista crítica.

Raiz enrolou o látex de memória em seu indicador, onde ele imediatamente assumiu a forma e o tom da carne do dedo hospedeiro.

— Não se preocupe, Potrus, não sou um completo idiota.

Mais alguma coisa?

Potrus pegou o que parecia um traseiro falso na prateleira de equipamentos.

— Tá de brincadeira! O que esse negócio faz?

— Nada — admitiu o centauro. — Mas arranca tremendas risadas nas festas.

Raiz deu um risinho. Pela segunda vez. Era um grande lapso para ele.

— Certo, chega de bobagens. Vou levar material de ví-

deo e áudio?

— Naturalmente. Uma câmera de íris. Que cor? — Ele espiou os olhos do comandante. — Hmmm. Castanho lama. — Em seguida escolheu um pequeno frasco na prateleira e retirou as lentes de contato eletrônicas de dentro de uma cápsula de lí-

quido. Segurando a pálpebra de Raiz com o polegar e o indicador, colocou no lugar a câmera de íris.

— Isso pode irritar. Tente não esfregar, ou ela pode ir parar na parte de trás do seu olho. Então nós estaremos olhando dentro da sua cabeça, e não há nada de interessante lá, Deus sabe.

Raiz piscou, resistindo à vontade de coçar o olho lacri-moso.

— Só isso?

Potrus assentiu.

— É só o que ousamos arriscar.

O comandante concordou relutante. Seu quadril estava muito leve sem uma arma de três canos pendurada.

— Certo. Suponho que esse espantoso dardo de dedo vai ter de servir. Honestamente, Potrus, se esse negócio estourar na minha cara, você vai estar no próximo lançador para Refúgio.

O centauro deu um risinho de desprezo.

— Tenha cuidado quando for ao banheiro.

Raiz não riu. Com certas coisas não se brinca.

O relógio de Artemis tinha parado. Era como se Greenwich não existisse mais. Ou talvez, pensou, eles é que tivessem desaparecido. Verificou a CNN. Tinha congelado. Uma imagem de Riz Khan tremulava ligeiramente na tela. Artemis não pôde conter um sorriso de satisfação. Eles tinham feito, exatamente como dizia o Livro. A LEP tinha parado o tempo. Tudo de acordo com o plano.

Hora de verificar uma teoria. Artemis girou a cadeira até a fila de monitores e ligou a câmera da mãe no monitor principal, de setenta centímetros. Angeline Fowl não estava mais na espreguiçadeira. Artemis fez uma panorâmica no quarto. Estava vazio. Sua mãe tinha desaparecido. Seu sorriso se alargou.

Perfeito. Justo como ele havia suspeitado.

Em seguida passou a atenção para Holly Short. Ela estava de novo batendo com a cama. Ocasionalmente se levantava do colchão e socava a parede com os punhos. Talvez fosse mais do que frustração. Será que havia método em sua loucura? Ele batucou o monitor com o dedo magro.

— O que você está pretendendo, capitã? Qual é o seu planozinho?

E foi distraído por um movimento no monitor da avenida.

— Finalmente — suspirou. — O jogo começa.

Uma figura avançava pela avenida. Pequena, mas mesmo assim imponente. E sem escudo. Tinha acabado o teatro. Artemis apertou o botão do interfone.

— Butler? Temos um convidado. Eu vou recebê-lo.

Você volte para cá e fique de olho nas câmeras de vigilância.

A voz de Butler chegou minúscula pelo alto-falante.

— Entendido, Artemis. Estou voltando.

Artemis abotoou seu paletó de grife, parando no espelho para ajeitar a gravata. O truque para a negociação era segurar todas as cartas que você recebia e, mesmo se não fizesse isso, tentar parecer que tinha feito.

Artemis fez sua melhor cara sinistra. Maligno, disse a si mesmo, maligno mas tremendamente inteligente. E decidido, não se esqueça de decidido. Pôs a mão na maçaneta. Agora fique firme. Respire fundo e tente não pensar na possibilidade de ter julgado mal a situação e estar a ponto de morrer com um tiro.

Um, dois, três... Abriu a porta.

— Boa noite — disse ele, da cabeça aos pés um anfitrião gentil, ainda que um anfitrião sinistro, inteligente e decidido.

Raiz estava parado junto à porta, com as mãos para cima, o gesto universal para dizer: "Olhe, não estou segurando uma arma grande e assassina."

— Você é Fowl?

— Artemis Fowl, ao seu dispor. E o senhor é?

— Comandante Raiz, da LEP. Certo, nós sabemos o nome um do outro, então podemos prosseguir com isso?

— Sem dúvida.

Raiz decidiu avaliar suas chances.

— Então saia. Para onde eu possa vê-lo.

O rosto de Artemis se endureceu.

— O senhor não aprendeu nada com minhas demonstrações? O navio? Os seus comandos? Será que preciso matar alguém?

— Não — disse Raiz apressadamente. — Eu só...

— O senhor só queria me atrair para fora, onde eu poderia ser agarrado e usado como meio de troca. Por favor, comandante Raiz, melhore o seu jogo ou mande alguém mais inteligente.

Raiz sentiu o sangue bombear nas bochechas.

— Ora, agora me escute, seu jovem...

Artemis sorriu, de novo no controle.

— Não é uma técnica muito boa de negociação, comandante, perder a calma antes mesmo de nos sentarmos à mesa.

Raiz respirou fundo várias vezes.

— Ótimo. Como quiser. Onde prefere que nós conver-semos?

— Dentro, claro. O senhor tem permissão para entrar, mas, lembre-se, a vida da capitã Short está em suas mãos. Tenha cuidado.

Raiz seguiu o anfitrião pelo corredor em abóbada. Ge-rações de Fowl olhavam para ele de retratos clássicos. Passaram por uma porta de carvalho escuro até chegar a uma comprida sala de reuniões. Havia dois lugares arrumados numa mesa redonda, com blocos de anotações, cinzeiros e jarras d'água.

Raiz ficou deliciado ao ver os cinzeiros e imediatamente pegou no colete um charuto meio mastigado.

— Talvez você não seja tão bárbaro, afinal — grunhiu ele, exalando uma gigantesca nuvem de fumaça verde. O comandante ignorou as jarras d'água, em vez disso serviu-se de uma coisa roxa tirada de um frasco preso ao quadril. Bebeu um gole grande, arrotou e sentou-se.

— Pronto? — Artemis remexeu suas anotações, como um locutor de noticiário. — Eis como eu vejo a situação. Eu tenho meios de revelar sua existência subterrânea, e vocês não têm poder para me impedir. Então, basicamente, o que eu peço é um pequeno preço a pagar.

Raiz cuspiu um pedaço de fumo de fungo.

— Você acha que pode simplesmente colocar todas essas informações na internet.

— Bem, não imediatamente, não com a parada temporal acontecendo.

Raiz engasgou com a fumaça. Seu ás na manga. Estragado.

— Bom, se você sabe sobre a parada temporal, também deve saber que está completamente isolado do mundo exterior.

Na verdade está sem qualquer poder.

Artemis fez uma anotação no bloco.

— Vamos poupar algum tempo aqui. Eu estou cheio de seus blefes desajeitados. No caso de um seqüestro, primeiro a LEP manda uma equipe especial de resgate para recuperar o que foi perdido. Vocês fizeram isso. Desculpe-me se acho engraçado.

Equipe especial? Honestamente. Uma patrulha de escoteiros armada com pistolas d'água poderia tê-los derrotado.

Raiz fumegou em silêncio, jogando a raiva contra a guimba do charuto.

— O próximo passo oficial é negociação. E finalmente, quando o limite de oito horas estiver para terminar, e se nenhuma solução for alcançada, uma biobomba é detonada, contida pelo campo temporal.

— Você parece saber muita coisa sobre nós, mestre Fowl. Creio que não vai me dizer como, não é?

— Correto.

Raiz esmagou o resto do charuto no cinzeiro de cristal.

— Então vamos lá: quais são suas exigências?

— Uma exigência. No singular.

Artemis empurrou o bloco de anotações por cima da mesa envernizada. Raiz leu o que

estava escrito.

— Uma tonelada de ouro vinte e quatro quilates. Apenas lingotes pequenos e sem marcas. Você não pode estar falando sério.

— Ah, estou.

Raiz se recostou em sua cadeira.

— Você não vê? Sua posição é insustentável. Ou você nos devolve a capitã Short ou seremos forçados a matar todos vocês. Não há ponto intermediário. Nós não negociamos. Realmente. Eu só estou aqui para explicar os fatos.

Artemis deu seu sorriso de vampiro.

— Ah, mas o senhor vai negociar comigo, comandante.

— Ah, verdade? E o que o torna tão especial?

— Eu sou especial porque sei como escapar do campo temporal.

— Impossível — fungou Raiz. — Não pode ser feito.

— Ah, pode. Acredite em mim, eu ainda não errei.

Raiz arrancou a folha do bloco, dobrando-a no bolso.

— Terei de pensar nisso.

— Demore o quanto quiser. Nós temos oito horas...

desculpe, sete e meia, depois acaba o tempo para todo mundo.

Raiz ficou quieto longamente, batendo com as unhas no tampo da mesa. Inspirou fundo como se fosse falar, depois mudou de idéia e se levantou abruptamente.

— Faremos contato. Não se preocupe, eu acho a saída.

Artemis empurrou a cadeira para trás.

— Faça isso. Mas, lembre-se, ninguém de sua raça tem permissão para entrar aqui enquanto eu estiver vivo.

Raiz voltou pelo corredor, olhando carrancudo de volta para as pinturas nas paredes. Melhor sair agora e processar essa informação nova. O garoto Fowl era de fato um opositor escorregadio. Mas estava cometendo um erro básico: a suposição de que Raiz jogaria segundo as regras. Mas Julius Raiz não conseguira sua divisa de comandante seguindo algum livro de regras.

Hora de um pouco de ação não ortodoxa.

O videoteipe da câmera de íris de Raiz estava sendo visto por especialistas.

— Dá para ver aqui — disse o professor Cumulus, um especialista em comportamento. — Aquela coçada, ele está mentindo...

— Absurdo — bufou o doutor Argônio, um psicólogo vindo do subsolo dos Estados

Unidos. — Ele está com coceira, só isso. Sentiu coceira por isso se coçou. Não há nada de sinistro nisso.

Cumulus se virou para Potrus.

— Ouça-o. Como é que eu posso trabalhar com este charlatão?

— Curandeiro — contrapôs Argônio.

Potrus levantou suas palmas peludas.

— Cavalheiros, por favor. Precisamos de um consenso.

Um perfil concreto.

— Não adianta — disse Argônio. — Não posso trabalhar nessas condições.

Cumulus cruzou os braços.

— Se ele não pode trabalhar, eu também não.

Raiz passou pelas portas duplas do transporte. Suas características feições púrpuras estavam ainda mais vermelhas do que o comum.

— Aquele humano está brincando conosco. Eu não aceito. Bom, o que nossos especialistas acharam da fita?

Potrus se moveu ligeiramente para o lado, permitindo que o comandante se dirigisse aos supostos especialistas.

— Aparentemente eles não podem trabalhar nestas condições.

Os olhos de Raiz se estreitaram até virar fendas, pondo sua presa num foco nítido.

— Perdão?

— Esse bom doutor é um simplório — disse Cumulus, não familiarizado com o temperamento do comandante.

— Eu... eu sou um simplório? — gaguejou Argônio, igualmente ignorante. — E você, sua fada da caverna? Fazendo interpretações dos gestos mais inocentes.

— Inocentes? O garoto é um saco de nervos. Obviamente está mentindo. Isso está em qualquer livro.

Raiz bateu com o punho fechado na mesa, lançando uma teia de rachaduras por toda a superfície.

— Silêncio!

E houve silêncio. Instantaneamente.

— Vocês dois, especialistas, estão recebendo um bom pagamento pelo trabalho na montagem de um perfil. Correto?

Os dois assentiram, com medo de que ao falar quebras-sem a regra do silêncio.

— Este é provavelmente o caso mais importante de sua vida, então quero que se

concentrem bem. Entendido?

Mais confirmações com a cabeça. Raiz tirou a câmera do olho que estava lacrimejando.

— Acelere a fita, Potrus. Até quase o final.

A fita saltou para a frente. Na tela, Raiz seguia o humano até a sala de reuniões.

— Aí. Pare aí. Pode dar um zoom no rosto dele?

— Se eu posso dar um zoom no rosto dele? — Fungou Potrus. — Um anão pode roubar a teia de uma aranha?

— Sim — respondeu Raiz.

— Na verdade essa foi uma pergunta retórica.

— Eu não preciso de uma aula de gramática, Potrus, só dê o zoom, está bem?

Potrus trincou os dentes, que pareciam lápides.

— Certo, chefe. Vou dar.

Os dedos do centauro viajaram pelo teclado em velocidade espantosa. O rosto de Artemis cresceu até encher a tela de plasma.

— Aconselho vocês a ouvir — disse Raiz, apertando os ombros dos especialistas. — Este é um momento importantíssimo em suas carreiras.

— Eu sou especial — disse a boca na tela —, porque posso escapar do campo temporal.

— Agora digam — exigiu Raiz. — Ele está mentindo?

— Passe de novo — disse Cumulus. — Mostre os olhos.

Argônio assentiu.

— É. Só os olhos.

Potrus digitou mais algumas teclas, e os profundos olhos azuis de Artemis se expandiram por toda a largura da tela.

— Eu sou especial — trovejou a voz humana —, porque posso escapar do campo temporal.

— E então, ele está mentindo?

Cumulus e Argônio se entreolharam, sem qualquer vestígio de antagonismo.

— Não — disseram simultaneamente.

— Ele está dizendo a verdade — acrescentou o especialista em comportamento.

— Ou — esclareceu o psicólogo — pelo menos acha que está.

Raiz encharcou o olho com uma solução de limpeza.

— Foi o que eu pensei. Quando olhei o rosto daquele humano achei que ele era gênio ou maluco.

Os olhos frios de Artemis os encaravam da tela.

— Então, o que é? — perguntou Potrus. — Um gênio ou um maluco?

Raiz pegou sua pistola de três canos na prateleira de armas.

— Qual é a diferença? — Falou rispidamente, prendendo no quadril a arma de confiança. — Dê-me uma linha externa com o E1. O tal de Fowl parece conhecer todas as regras, então está na hora de quebrar algumas.



CAPÍTULO 7: **PALHA**

Hora de apresentar um novo personagem à nossa peça do outro mundo. Bom, para falar com exatidão, não é exatamente um novo personagem. Nós já o encontramos, na fila de registro de ocorrências da LEP. Sendo preso mais uma vez por delitos numerosos: Palha Escavator, o anão cleptomaníaco. Um indivíduo dúbio, até mesmo pelos pa-drões de Artemis Fowl. Como se este relato já não sofresse de uma overdose de indivíduos amorais.

Nascido em uma típica família de anões de caverna, Palha tinha decidido cedo que a mineração não era para ele e resolveu aplicar seus talentos em outra coisa, ou seja, escavar e invadir, geralmente entrando em propriedades do Povo da Lama.

Claro que isso significava abrir mão de sua magia. As residências eram sagradas. Se você quebrasse esta regra, tinha de estar preparado a aceitar as conseqüências.

Palha não se importava. De qualquer modo, não se interessava muito por magia. Nunca havia muita utilidade para ela nas minas.

As coisas tinham corrido bastante bem durante alguns séculos, e ele havia montado um lucrativo negócio vendendo objetos da superfície. Foi então que tentou vender a taça Jules Rimet a um policial da LEP disfarçado. A partir daí sua sorte tinha virado, e ele fora preso vinte vezes até agora.

Palha tinha um apetite prodigioso por abrir túneis. Para os que não são familiarizados com a mecânica dos túneis feitos por anões, devo tentar explicá-la do modo menos desagradável possível. Como alguns membros da família dos répteis, os anões do sexo masculino podem desencaixar o maxilar, o que lhes permite ingerir vários quilos de terra por segundo. Esse material é processado por um metabolismo super-eficiente que retém qualquer mineral útil e... é ejetado pela outra extremidade.

Digamos assim. Encantador.

No momento Palha estava preguiçosamente numa cela com paredes de pedra na Central da LEP. Pelo menos tentava passar uma imagem de anão tranqüilo, imperturbável. Na verdade estava nervosíssimo em suas botas de biqueira de aço.

A guerra de quadrilhas entre os goblins e os anões estava no auge, e algum brilhante elfo da LEP tinha achado conveniente colocá-lo numa cela com uma gangue de goblins pirados. Talvez fosse um desleixo. Mais provavelmente uma certa vingança por tentar bater a carteira do policial na fila do registro.

— E aí, anão — disse com desprezo o líder dos goblins arruaceiros, um sujeito com cara de verruga e coberto de tatua-gens. — Por que não foge abrindo o caminho a dentadas?

Palha bateu nas paredes.

— Rocha sólida.

O goblin gargalhou.

— E daí? Não pode ser mais dura do que a sua cabeça de anão.

Seus seguidores gargalharam. Palha também. Achava que talvez isso fosse sensato. Errou.

— Está rindo de mim, anão?

Palha parou de rir.

— Com você — corrigiu ele. — Estou rindo com você.

A piada da cabeça foi bem engraçada.

O goblin avançou para ele até que seu nariz ranhento estava a um centímetro do de Palha.

— Está sendo con-des-cen-dente comigo, anão?

Palha engoliu em seco, calculando. Se desencaixasse o maxilar, provavelmente poderia engolir o líder antes que os outros reagissem. Mesmo assim os goblins eram um massacre para a digestão. Ossudos demais.

O goblin conjurou uma bola de fogo na mão.

— Eu fiz uma pergunta, baixinho.

Palha podia sentir cada glândula sudorípara do corpo passar para atividade máxima. Os anões não gostavam de fogo.

Nem gostavam de pensar em chamas. Diferentemente das outras raças do Povo das Fadas, os anões não tinham desejo de morar na superfície. Perto demais do sol. Irônico para alguém que negociava a Liberação das Posses do Povo da Lama.

— N... não precisa disso — gaguejou ele. — Eu só estava tentando ser amigável.

— Amigável — zombou o cara de verruga. — sua es-pécie não sabe o significado dessa palavra. São covardes que esfaqueiam pelas costas, todos vocês.

Palha assentiu diplomaticamente.

— Nós somos mesmo um pouco traiçoeiros.

— Um pouco traiçoeiros! Um pouco traiçoeiros! Meu irmão Catarro foi emboscado por uma multidão de anões disfarçados de montes de esterco! Ele ainda está fazendo tração!

Palha assentiu com simpatia.

— O velho ardil do monte de esterco. Uma desgraça.

Um dos motivos para eu não me associar com a Irmandade.

Cara de verruga girou a bola de fogo entre os dedos.

— Há duas coisas sob este mundo que eu realmente desprezo.

Palha tinha a sensação de que ia descobrir quais eram.

— Uma é um anão fedorento.

Nenhuma surpresa.

— E a outra é um traidor de sua própria espécie. E pelo que ouvi dizer, você está nas duas categorias.

Palha deu um sorriso débil.

— Sorte minha.

— A sorte não tem nada a ver com isso. A fortuna o colocou nas minhas mãos.

Num outro dia Palha poderia ter observado que sorte e fortuna eram basicamente a mesma coisa. Não hoje.

— Gosta de fogo, anão?

Palha balançou a cabeça. Cara de verruga riu.

— Olha que pena! Porque a qualquer segundo vou enfiar essa bola de fogo pela sua garganta abaixo.

O anão engoliu em seco. Isso não era bem típico da Irmandade dos Anões? O que os anões odeiam? Fogo. Quais são as únicas criaturas com a capacidade de conjurar bolas de fogo?

Os goblins. E com quem os anões foram arranjar briga? Com os próprios descerebrados.

Palha recuou até a parede.

— Cuidado aí. Todos nós podemos nos dar mal.

— Nós não — riu o cara de verruga, aspirando a bola de fogo com as duas narinas alongadas. — somos completamente à prova de fogo.

Palha estava perfeitamente cônscio do que aconteceria em seguida. Tinha visto muitas vezes nos becos. Um grupo de goblins encurralava um irmão anão perdido, agarrava-o e em seguida o líder lhe dava uma carga dupla direto na cara.

As narinas do cara de verruga estremeceram enquanto ele se preparava para lançar a bola de fogo inalada. Palha se encolheu. Havia apenas uma chance. Os goblins tinham cometido um erro básico. Tinham se esquecido de prender seus braços.

O goblin inspirou pela boca, depois fechou-a. Mais pressão de exalação para o jato de fogo. Ele inclinou a cabeça para trás, apontando o nariz para o anão, e mandou ver. Rápido como um raio, Palha enfiou os polegares nas narinas do cara de verruga. Nojento, sim, mas definitivamente melhor do que se transformar em churrasco de anão.

A bola de fogo não tinha aonde ir. Ricocheteou nos polegares de Palha e voltou para a cabeça do goblin. Os dutos lacrimais proporcionaram um caminho de menor resistência, de modo que as chamas comprimiram os canais pressurizados, ir-rompendo debaixo dos olhos do goblin. Um mar de chamas se espalhou pelo teto da cela.

Palha recolheu os dedos e, depois de limpá-los rapidamente, enfiou na boca, permitindo que o bálsamo natural de sua saliva começasse o processo de cura.

Claro que, se ele ainda tivesse sua magia, poderia curar os dedos chamuscados apenas com o desejo.

Mas esse era o preço que pagava por uma vida de crimes.

O cara de verruga não parecia estar bem. Cada orifício de sua cabeça vazava fumaça. Os goblins podiam ser à prova de chamas, mas a bola de fogo errante tinha chamuscado bem os seus tubos. Ele balançou como uma haste de alga, depois caiu de cara no chão de concreto. Alguma coisa se esmagou. Provavelmente um grande nariz de goblin.

Os outros membros da gangue não reagiram favora-velmente.

— Olhem o que ele fez com o chefe!

— Aquele baixinho fedorento.

— Vamos fritar o cara.

Palha recuou ainda mais. Esperava que o resto dos goblins perdesse a coragem assim que o líder estivesse fora de combate. Aparentemente não. Mesmo não sendo definitivamente de sua natureza, Palha não tinha opção além de atacar.

Desencaixou o maxilar e pulou para a frente, cravando os dentes em volta da cabeça do goblin mais próximo.

— Dodo bundo, bra drás! — gritou através da obstrução na boca. — Bra drás ou seu abigo vai se dar bal!

Os outros se imobilizaram, não sabendo o que fazer em seguida. Claro que todos já tinham visto o que os molares dos anões podiam fazer com uma cabeça de goblin. Não era uma visão bonita.

Cada um fez surgir uma bola de fogo na mão.

— Eu dô auisando!

— Você não pode pegar todos nós, baixinho.

Palha resistiu ao impulso de morder. É a ânsia mais forte dos anões, uma memória genética

nascida em milênios abrindo túneis. O fato de o goblin estar se balançando todo gosmento não ajudava. Suas opções iam acabando. A gangue avançava e ele estava impotente enquanto tivesse a boca cheia. Era hora de fazer uma boquinha. Desculpe o trocadilho.

De repente a porta da cela se abriu com um estrondo e o que parecia todo um esquadrão de policiais da LEP inundou o espaço confinado. Palha sentiu o aço frio do cano de uma arma em sua têmpora.

— Cuspa o prisioneiro — ordenou uma voz.

Palha ficou deliciado em obedecer. Um goblin totalmente gosmento caiu no chão, com ânsias de vômito.

— Vocês, goblins, apaguem isso.

Uma a uma as bolas de fogo foram apagadas.

— Não é minha culpa — gemeu Palha, apontando para o cara de verruga, ainda se sacudindo em espasmos. — Ele resolveu estourar.

O policial guardou a arma, pegando um par de algemas.

— Não me importa o que vocês fazem entre si — falou, girando Palha e prendendo as algemas nos pulsos dele. — se fosse por mim, eu colocava todos vocês numa sala grande e voltava uma semana depois para limpar. Mas o comandante Raiz quer ver você na superfície o mais rápido possível.

— O mais rápido possível?

— Agora, ontem!

Palha conhecia Raiz. O comandante era responsável por várias de suas passagens pelos hotéis do governo. Se Julius queria vê-lo, provavelmente não era para tomar uns drinques e assistir a um filme.

— Agora? Mas agora é de dia. Eu vou queimar.

O policial da LEP gargalhou.

— Não é dia aonde você está indo, meu chapa. Aonde você está indo não é nada.

Raiz estava esperando o anão dentro do portal do campo temporal. O portal era outra das invenções de Potrus. Os seres do Povo das Fadas podiam ter permissão para entrar e sair sem afetar o fluxo alterado dentro do campo. Isso efetivamente significava que, mesmo tendo demorado quase seis horas para levar Palha à superfície, ele foi injetado no campo apenas instantes depois de Raiz mandar chamá-lo.

Era a primeira vez de Palha num campo. Ele ficou olhando a vida seguir num ritmo exagerado fora da coroa treme-luzente. Carros passavam a velocidades impossíveis, e nuvens corriam pelo céu como se impulsionadas por vendavais de força sete.

— Palha, seu pequeno bandido — rugiu Raiz. — Pode tirar esse uniforme agora. O campo tem filtro ultravioleta, pelo menos foi o que me disseram.

O anão tinha recebido um uniforme de isolamento na E1. Mesmo tendo pele grossa, os anões eram extremamente sensíveis à luz do sol e se queimavam em menos de três minutos.

Palha tirou a roupa que isolava a luz solar.

— Prazer em vê-lo, Julius.

— Para você sou comandante Raiz.

— Agora já é comandante. Ouvi dizer. Foi um erro da burocracia, não foi?

Os dentes de Raiz transformaram seu charuto em polpa.

— Não tenho tempo para esse desrespeito, prisioneiro.

E o único motivo para minha bota não estar se chocando em seu traseiro agora é porque tenho um serviço para você.

Palha franziu a testa.

— Prisioneiro? Eu tenho nome, você sabe, Julius.

Raiz se agachou ao nível do anão.

— Não sei em que mundo de fantasia você vive, prisioneiro, mas no mundo real você é um criminoso, e meu serviço é tornar sua vida o mais desagradável possível. E se está esperando ser bem tratado só porque testemunhei contra você cerca de quinze vezes, esqueça!

Palha esfregou os pulsos no ponto em que as algemas tinham deixado inchaços vermelhos.

— Ótimo, comandante. Não precisa perder as estribeiras. Eu não sou assassino, o senhor sabe, só um trambiqueiro.

— Pelo que ouvi dizer, você quase conseguiu a transformação, lá embaixo na cela.

— Não foi minha culpa. Eles me atacaram.

Raiz enfiou um charuto novo na boca.

— Ótimo, tanto faz. Só me siga; e não roube nada.

— Sim, senhor comandante — disse Palha inocente-mente. Não precisava roubar mais nada. Já tinha passado a mão no cartão de acesso de campo de Raiz quando o comandante cometeu o erro de chegar perto dele.

Atravessaram o perímetro da equipe de resgate, indo até a avenida.

— Está vendo aquela mansão?

— Que mansão?

Raiz se virou para ele, furioso.

— Não tenho tempo para isso, prisioneiro. Quase metade da minha parada temporal já se passou. Mais algumas horas e uma das minhas melhores policiais sofrerá uma enxagüada azul.

Palha deu de ombros.

— Não é da minha conta. Eu sou apenas um criminoso, lembre-se. E, a propósito, eu sei o que você quer que eu faça, e a resposta é não.

— Eu ainda não pedi.

— É óbvio. Eu sou um invasor de casas. Aquilo é uma casa. Você não pode entrar porque vai perder sua magia, mas minha magia já se perdeu. É só somar dois e dois.

Raiz cuspiu o charuto.

— Você não tem orgulho cívico? Todo o nosso modo de vida está correndo perigo.

— Não o meu. Prisão de fadas, prisão humana. Para mim é tudo o mesmo.

O comandante pensou nisso.

— Certo, criatura nojenta. Retiro quinze anos de sua sentença.

— Quero anistia.

— Nem sonhando, Palha.

— É pegar ou largar.

— Setenta e cinco anos em segurança mínima. É pegar ou largar, você.

Palha fingiu pensar. Era tudo uma questão acadêmica, já que ele pretendia escapar de qualquer modo.

— Cela individual?

— Sim, sim. Cela individual. Então, vai fazer?

— Muito bem, Julius. Só porque é você.

Potrus estava procurando uma câmera de íris que com-binasse.

— Castanho-avermelhado, eu acho. Ou talvez castanho-alaranjado. Tem realmente olhos espantosos, senhor Palha.

— Obrigado, Potrus. Minha mãe sempre disse que eles eram minha parte mais bonita.

Raiz estava andando de um lado para o outro no veículo.

— Vocês dois sabem que temos um prazo, não sabem?

Não precisa combinar a cor. Só lhe dê uma câmera.

Potrus usou uma pinça e pegou uma lente dentro do lí-

quido.

— Não é apenas vaidade, comandante. Quanto mais próxima a cor, menos interferência do olho.

— Tanto faz, tanto faz, só ande logo.

Potrus segurou o queixo de Palha, mantendo-o parado.

— Pronto. Estaremos com você o tempo todo.

Potrus enfiou um cilindro minúsculo nos densos tufos de cabelos que cresciam na orelha de Palha.

— Agora também podemos captar o som. Para o caso de você precisar pedir ajuda.

O anão deu um sorriso torto.

— Desculpe eu não estar inchando de confiança. Descobri que sempre agi melhor sozinho.

— Se é que você chama dezessete condenações de agir melhor — riu Raiz.

— Ah, agora temos tempo para piadas, não é?

Raiz o agarrou pelo ombro.

— Você está certo. Não temos. Vamos.

Ele arrastou Palha, passando por um gramado, até um agrupamento de cerejeiras.

— Quero que você faça um túnel até lá e descubra como esse tal de Fowl sabe tanto sobre nós. Provavelmente usou algum instrumento de vigilância. O que quer que seja, destrua. Encontre, se possível, a capitã Short e veja o que pode fazer por ela. Se estiver morta, pelo menos isso livrará o caminho para uma biobomba.

Palha forçou a vista pela paisagem.

— Não gosto disso.

— De quê?

— Do jeito do terreno. Sinto cheiro de calcário. Alicerce em rocha sólida. Talvez não haja como entrar.

Potrus veio trotando.

— Eu fiz uma varredura. A estrutura original é totalmente apoiada na pedra, mas algumas das ampliações posteriores ficam sobre argila. A adega na ala sul parece ter piso de madeira.

Não deve ser problema para alguém com uma boca como a sua.

Palha decidiu tomar essa declaração como um fato, e não como insulto. Abriu a aba do traseiro das calças de abrir túneis.

— Certo. Fiquem para trás.

Raiz e os Policiais da LEP que estavam perto correram para buscar cobertura, mas Potrus, que nunca tinha visto um anão abrindo um túnel, decidiu ficar e dar uma espiada.

— Boa sorte, Palha.

O anão destravou o maxilar.

— Obrigado — murmurou, curvando-se para o lanche.

O centauro olhou em volta.

— Onde foi que todo mundo...

Não terminou a frase, porque um bolo de terra re-cém-engolida e ainda mais recentemente ejetada bateu em seu rosto. Quando tinha limpado os olhos, Palha havia desaparecido num buraco que vibrava, e houve o som de gargalhadas sacudindo as cerejeiras.

Palha seguiu um veio de argila através de uma dobra vulcânica na rocha. Boa consistência, não muitas pedras soltas.

Muitos insetos, também. Vital para dentes fortes e saudáveis, a característica mais importante de um anão — a primeira coisa que uma possível companheira avaliava. Palha seguia baixo, perto do calcário, a barriga quase raspando a pedra. Quanto mais fundo o túnel, menos chance de a superfície ceder. Hoje em dia todo cuidado era pouco, com sensores de movimento e minas terrestres. O Povo da Lama chegava a extremos extraordinários para proteger seus bens. Com um bom motivo, por sinal.

Sentiu um centro de vibração à esquerda. Coelhos. O

anão fixou a localização em sua bússola interna. É sempre útil saber onde ficavam os animais do local. Ele rodeou a coelheira, seguindo os alicerces da mansão numa longa curva pelo noroeste.

As adegas eram fáceis de localizar. No passar dos séculos o resíduo escorria pelo chão, enchendo a terra embaixo com a personalidade do vinho. Esta era sombria, não havia nada insolente aqui. Um toque de fruta, mas não o bastante para tornar mais leve o sabor. Definitivamente um vinho de ocasião na prateleira de baixo. Palha arrotou. Era uma argila boa.

O anão apontou para o céu suas mandíbulas afiadas, cortando as tábuas do piso.

Passou pelo buraco serrilhado, sacudindo das calças o resto de lama reciclada.

Estava num cômodo abençoadamente escuro, perfeito para a visão dos anões. Seu sonar o havia guiado para um trecho descoberto do piso. Um metro à esquerda e ele teria emergido num gigantesco barril de vinho tinto italiano.

Travou de novo o maxilar e foi até a parede. Encostou uma orelha em forma de concha nos tijolos vermelhos. Durante um momento ficou absolutamente imóvel, absorvendo as vibrações da casa. Um bocado de zumbidos de baixa freqüência.

Havia um gerador em algum lugar, e muita energia correndo nos fios.

Passos também. Lá em cima. Talvez no terceiro andar. E

perto. Um som de batida. Metal contra concreto. De novo.

Alguém estava construindo alguma coisa. Ou quebrando alguma coisa.

Algo passou perto do seu pé. Palha o esmagou instintivamente. Era uma aranha. Só uma aranha.

— Desculpe, amiguinha — disse ele para a gosma cinzenta. — Eu estou meio nervoso.

A escada era de madeira, claro. Com mais de um século, pelo cheiro. Degraus daqueles estalavam assim que a gente olhava. Melhor do que sensores de pressão para denunciar intrusos.

Palha subiu perto das bordas, um pé na frente do outro.

Perto da parede era onde a madeira tinha mais apoio, e tinha menos probabilidade de estalar.

Não era tão simples como parecia. Os pés dos anões são projetados para funcionar como pás, e não para as complexida-des delicadas do balé ou de se equilibrar em degraus de madeira.

Mesmo assim Palha chegou à porta sem incidentes. Tinha pro-vocado dois estalos baixinhos, mas nada que fosse detectável por ouvidos ou instrumentos humanos.

A porta estava trancada, naturalmente, mas era o mesmo que não estar, pelo desafio que significou para um anão cleptomaníaco.

Palha enfiou a mão na barba e puxou um pêlo grosso. O

pêlo dos anões é radicalmente diferente dos humanos. A barba e os cabelos de Palha eram na verdade uma trama de antenas que lhe permitia se orientar e evitar o perigo no subsolo. Assim que era removido do poro, o cabelo endurecia rapidamente numa rigidez cadavérica. Palha torceu a ponta segundos antes que ele ficasse completamente rígido. Uma gazua perfeita.

Bastou uma sacudidela rápida e a fechadura cedeu. Apenas duas voltas. Segurança péssima. Típica de humanos, eles nunca esperavam um ataque de baixo. Palha saiu num corredor com piso de parquê. Todo o lugar cheirava a dinheiro. Ele poderia fazer uma fortuna, se ao menos tivesse tempo.

Havia câmeras logo abaixo da viga mestra. Coisa feita com bom gosto, aninhando-se nas sombras naturais. Mas, mesmo assim, vigilante. Palha ficou parado um momento, calculando o ponto cego do sistema. Três câmeras no corredor.

Varredura de noventa segundos. Não havia como passar.

— Você poderia pedir ajuda, não é? — disse uma voz em seu ouvido.

— Potrus? — Palha apontou o olho com o equipamento do centauro para a câmera mais próxima. — Você pode fazer alguma coisa com relação a elas? — sussurrou.

O anão ouviu o som de um teclado sendo manipulado, e de repente seu olho direito fez um zoom, como se fosse a lente de uma câmera.

— Legal — sussurrou Palha. — Você precisa me dar uma dessas.

A voz de Raiz veio áspera pelo alto-falante minúsculo.

— Nem pense, prisioneiro. É material do governo. De qualquer modo, o que você faria com uma dessas na prisão? Ver em close o outro lado de sua cela?

— Você é uma doçura, Julius. Qual é o problema? Está com ciúme porque eu estou tendo sucesso onde você falhou?

O palavrão dito por Raiz foi abafado pela voz de Potrus.

— Certo, entendi. Uma rede de vídeo simples. Nem mesmo é digital. Vou usar nossas antenas para transmitir os últimos dez segundos em loop para cada uma das câmeras. Isso deve lhe dar alguns minutos.

Palha se remexeu, desconfortável.

— Quanto tempo isso vai demorar? Eu estou meio ex-posto aqui, você sabe.

— Já começou. Vá em frente.

— Tem certeza?

— Claro que tenho certeza. É eletrônica elementar. Eu mexo com os equipamentos de vigilância dos humanos desde o jardim-de-infância. Você só precisa confiar em mim.

Eu preferiria confiar na hipótese de os humanos não caçarem uma espécie em extinção a confiar num consultor da LEP, pensou Palha. Mas disse em voz alta: — Certo. Estou indo. Câmbio e desligo.

Esgueirou-se para o corredor. Até suas mãos estavam se esgueirando, remando no ar como se ele pudesse ficar mais leve.

O que quer que aquele centauro tivesse feito, estava funcionando, porque não havia Povo da Lama descendo a escada correndo, acenando com primitivas armas de pólvora.

Escada. Ah, escada. Palha tinha uma queda por escadas.

Elas eram como poços pré-escavação. Ele descobria que inevi-tavelmente os melhores roubos ficavam no topo delas. E que escada! Carvalho escuro, com os relevos complexos geralmente associados ao século XVIII ou aos podres de ricos. Palha passou o dedo num balaústre ornamentado. Neste caso, provavelmente as duas coisas.

Mesmo assim, não havia tempo a perder. As escadas não costumam ficar desertas por muito tempo, especialmente durante um cerco. Quem poderia dizer quantos guerreiros sedentos de sangue esperavam atrás de cada porta, ansiosos pela cabeça de alguma criatura das fadas para acrescentar à parede de troféus empalhados?

Palha subiu cuidadosamente, sem aceitar nada como ponto pacífico. Até mesmo o carvalho sólido estalava. Ficou perto das bordas, evitando a cobertura de tapete. Sabia, pela condenação número oito, como era fácil esconder um sensor de pressão debaixo de um tapete antigo e grosso.

Chegou ao patamar com a cabeça ainda presa aos ombros. Mas havia outro problema sendo literalmente fermentado.

A digestão dos anões, devido ao ritmo acelerado, pode ser bastante explosiva. A terra fofa da propriedade Fowl era muito ae-rada, e muito ar tinha entrado nas entranhas de Palha junto com o solo e os minerais. Agora o ar queria sair.

A etiqueta dos anões ditava que era possível soltar gás enquanto ainda se estava no túnel, mas Palha não tinha tempo para bons modos. Agora se arrependia por não ter se demorado um

momento para se livrar do gás enquanto estava no porão. O

problema com o gás dos anões era que ele não podia subir, só descer. Imagine — se quiser — os efeitos catastróficos de arrotar enquanto digere um bocado de argila. Falha total nos sistemas.

Não era uma visão bonita. Assim a anatomia dos anões garantia que todo o gás saísse por baixo, na verdade ajudando na expulsão da terra não desejada. Claro, há um modo mais simples de dizer tudo isso, mas essa versão só poderia ser lida num livro para adultos.

Palha abraçou a barriga. Era melhor sair ao ar livre. Um estouro num patamar daqueles poderia arrancar as janelas. Foi arrastando os pés pelo corredor, passando pela primeira porta que achou.

Mais câmeras. Na verdade, um bocado delas. Palha estudou a varredura das lentes. Quatro estavam vigiando o espaço geral, mas outras três eram fixas.

— Potrus? Está aí? — sussurrou o anão.

— Não! — típica resposta sarcástica. — Tenho coisas muito melhores a fazer do que me preocupar com o colapso da civilização que conhecemos.

— Sim, obrigado. Não deixe que o perigo por que estou passando estrague sua diversão.

— Vou tentar não deixar.

— Tenho um desafio para você.

Potrus se interessou instantaneamente.

— Verdade? Diga.

Palha apontou o olhar para as câmeras meio escondidas na elaborada viga mestra.

— Preciso saber para onde aquelas câmeras estão apontando.

Exatamente. Potrus gargalhou.

— Isso não é um desafio. Aqueles antigos sistemas de vídeo emitem fracos feixes de íons. Invisíveis ao olho nu, claro, mas não com sua câmera de íris.

O equipamento no olho de Palha tremulou e soltou fagulhas.

— Aaai!

— Desculpe. Carga pequena.

— Você poderia ter avisado.

— Vou lhe dar um beijão mais tarde, neném. Eu achava que os anões eram fortes.

— Nós somos. Vou lhe mostrar como somos fortes quando eu voltar.

A voz de Raiz interrompeu a discussão.

— Você não vai mostrar nada a ninguém, prisioneiro, a não ser, talvez, onde fica o banheiro de sua cela. E agora, o que está vendo?

Palha olhou de novo para a sala através de seu olho sensível a íons. Cada câmera estava emitindo um feixe fraco, como os últimos raios de sol da tarde. Os raios se juntavam num retrato de Artemis Fowl Pai.

— Não atrás da foto. Ah, por favor.

Palha encostou o ouvido no vidro da pintura. Nada elé-

trico. Então não tinha alarme. Só para se certificar, cheirou a borda da moldura. Não tinha plástico ou cobre.

Madeira, aço e vidro. Um pouco de chumbo na tinta.

Enfiou uma unha atrás da moldura e puxou. O quadro se des-locou facilmente, pendurado de lado. E atrás dele, um cofre.

— É um cofre — disse Potrus.

— Eu sei, seu idiota. Estou tentando me concentrar! Se quer ajuda, me dê a combinação.

— Sem problema. Ah, a propósito, você vai sentir outro choque pequeno. Talvez o nenezão queira chupar o dedo para se consolar.

— Potrus. Eu vou... Aaaai!

— Pronto. O raio X está ligado.

Palha olhou para o cofre. Era incrível. Ele podia ver o mecanismo. Tambores e travas se destacavam num relevo cheio de sombras. Soprou os dedos peludos e girou o botão. Em segundos o cofre estava aberto.

— Ah — falou desapontado.

— O que é?

— Nada, só dinheiro humano. Nada de valor.

— Deixe aí — ordenou Raiz. — Tente outro cômodo.

Ande logo.

Palha assentiu. Outro cômodo. Antes que seu tempo se acabasse. Mas alguma coisa o estava incomodando. Se esse cara era tão inteligente, por que pôs o cofre atrás de uma pintura? Era clichê demais. Totalmente contra a fórmula. Não. Alguma coisa não estava certa aqui. Eles estavam sendo enganados de algum modo.

Fechou o cofre, pondo o retrato de novo na posição. Ele girou macio, sem peso nas dobradiças. Sem peso. Girou a pintura Outra vez. E de volta.

— Prisioneiro. O que está fazendo?

— Cale a boca, Julius! Quero dizer, fique quieto um momento, comandante.

Palha forçou a vista para a moldura do quadro. Um pouco mais grossa do que o normal. Bem mais grossa. Mesmo levando em conta a caixa da moldura. Cinco centímetros. Passou uma unha pelo papelão grosso atrás e o retirou, revelando...

Outro cofre. Menor. Feito sob encomenda, obviamente.

— Potrus. Eu não consigo ver através disso.

— Forrado de chumbo. Você está sozinho, ladrão. Faça o que sabe fazer melhor.

— É típico — murmurou Palha, encostando o ouvido no aço frio.

Girou o botão, tentando. Bela máquina. Os estalos eram emudecidos pelo chumbo, ele teria de se concentrar. A parte boa era que uma coisa tão fina poderia ter no máximo três tambores.

Palha prendeu o fôlego e girou o botão, um ponto de cada vez. Para o ouvido normal, mesmo com amplificação, os estalos pareceriam uniformes. Mas para Palha cada tambor tinha uma assinatura distinta, e quando uma lingüeta se travava o som era tão alto que quase ensurdecia.

— Um — sussurrou ele.

— Depressa, prisioneiro. Seu tempo está acabando.

— Você me interrompeu para dizer isso? Agora sei como chegou a comandante, Julius.

— Prisioneiro, eu vou...

Mas não adiantou. Palha havia tirado o fone de ouvido, enfiando-o no bolso. Agora podia dedicar toda a atenção à tarefa imediata.

— Dois.

Houve um barulho do lado de fora. No corredor. Vinha alguém. Mais ou menos do tamanho de um elefante, parecia. Sem dúvida era o homem montanha que tinha transformado o esquadrão do Resgate em picadinho. Palha piscou para afastar uma gota de suor do olho. Concentre-se. Concentre-se. As lingüetas das catracas estalavam. Milímetro a milímetro. Nada se travava.

O chão parecia balançar suavemente, mas ele podia estar imaginando.

Clic, clic. Anda. Anda. Seus dedos estavam escorregadios de suor, o botão do cofre escorregando entre eles. Palha os enxugou no gibão.

— Agora, neném, anda. Fale comigo.

Clic. Tunc.

— Isso!

Palha girou a maçaneta. Nada. Ainda havia uma obstrução. Passou a ponta do dedo pela placa de metal. Ali. Uma pequena irregularidade. Um microburaco de fechadura. Pequeno demais para uma gazua comum. Hora de um truquezinho que ele tinha aprendido na prisão. Mas sua barriga estava borbulhando como um cozido no fogo, e os passos vinham se aproximando.

Escolhendo um grosso pêlo do queixo, Palha o enfiou com cuidado no buraco minúsculo. Quando a ponta reapareceu, ele arrancou a raiz do queixo. O cabelo se enrijeceu imediatamente, mantendo a forma do interior da fechadura.

Palha prendeu o fôlego e girou o pêlo. Macia como uma mentira de goblin, a fechadura se abriu. Lindo. Em momentos assim quase valia a pena todo o tempo de cadeia.

O anão cleptomaníaco abriu a portinhola. Linda obra.

Quase digna da forja de uma fada. Leve como um biscoito.

Dentro havia uma pequena câmara. E na câmara havia...

— Ah, meus deuses — sussurrou Palha.

As coisas chegaram a um ápice rapidamente. O choque que Palha tinha experimentado se comunicou às suas entranhas, e elas decidiram que o excesso de ar tinha de sair. Palha conhecia os sintomas. Pernas bambas, cãibras borbulhantes, traseiro balançando. Nos segundos que lhe restavam, pegou o objeto no cofre e, curvando-se, agarrou os joelhos em busca de apoio.

O vento preso havia se juntado até a intensidade de um miniciclone e não podia ser contido. E saiu. De modo bastante abrasivo. Abrindo numa explosão a aba do traseiro da calça de Palha e golpeando o cavalheiro bastante grande que estivera se esgueirando atrás dele.

Artemis estava grudado às telas. Esta era a hora em que tradicionalmente as coisas davam errado para os seqüestradores: o terceiro quarto das operações. Tendo obtido sucesso até agora, os raptores tendiam a relaxar, acender alguns cigarros e começar a bater papo com os reféns. Quando davam por si estavam de cara no chão, com uma dúzia de armas apontadas para a nuca.

Não Artemis Fowl. Ele não cometia erros.

Sem dúvida o Povo das Fadas estava revendo as fitas da primeira sessão de negociação, procurando alguma coisa que lhes permitisse uma entrada. Bom, estava ali o tempo todo. Eles só precisavam procurar. Enterrado suficientemente fundo para que parecesse acidental.

Era possível que o comandante Raiz tentasse outro ardil.

Ele era um sujeito voluntarioso, sem dúvida. Um sujeito que não aceitaria facilmente ser suplantado por uma criança. Ele ficaria vigiando.

O mero pensamento em Raiz causou arrepios em Artemis.

Decidiu verificar de novo. Inspecionou os monitores.

Juliet continuava na cozinha, esfregando a pia. Lavando os legumes.

A capitã Short estava em sua cama. Silenciosa como uma sepultura. Sem bater com o móvel no chão. Talvez ele estivesse errado com relação a ela. Talvez não houvesse plano. Butler estava em seu posto do lado de fora da cela de Holly.

Estranho.

Agora ele deveria estar fazendo a ronda. Artemis pegou o rádio de comunicação.

— Butler?

— A postos, base. Captando.

— Você não deveria estar fazendo a ronda?

Houve uma pausa.

— Estou, Artemis. Patrulhando o patamar principal.

Chegando à sala do cofre. Estou acenando para você agora.

Artemis olhou para as câmeras do patamar. Deserto. De todos os ângulos. Definitivamente não havia nenhum empregado acenando. Examinou os monitores, contando com o fôlego preso... Ali! A cada dez segundos a imagem dava um pequeno salto. Em cada tela.

— Uma imagem em loop! — gritou, pulando da cadeira.— Eles estão transmitindo um loop!

Pelo alto-falante ele podia ouvir o passo de Butler se acelerando até correr.

— A sala do cofre!

O estômago de Artemis começou a provocar um enjôo infernal. Enganado! Ele, Artemis Fowl, tinha sido enganado, mesmo sabendo que a coisa viria. Inconcebível. A arrogância tinha causado isso. Sua arrogância cega, e agora todo o plano poderia desmoronar em volta dele.

Mudou o rádio para a faixa de Juliet.

— Juliet?

— Captando.

— Onde você está agora?

— Na cozinha. Estragando minhas unhas nesse ralador.

— Deixe, Juliet. Verifique a prisioneira.

— Mas, Artemis, os palitos de cenoura vão secar!

— Deixe, Juliet! — gritou Artemis. — Largue tudo e verifique a prisioneira!

Juliet largou tudo obedientemente, inclusive o rádio.

Agora ficaria mal-humorada durante dias. Não importa. Não havia tempo para se preocupar com o ego ferido de uma adolescente.

Ele tinha coisas mais importantes.

Artemis apertou o interruptor principal do sistema de vigilância informatizada. Sua única chance de cortar o loop era reinicializar o sistema do zero. Depois de vários momentos agonizantes de chuvisco na tela, a imagem nos monitores saltou e se estabilizou. As coisas não estavam como pareciam há apenas alguns segundos.

Havia uma coisa grotesca na sala do cofre. Aparentemente aquilo havia descoberto o

compartimento secreto. Não só isso, mas conseguira abrir a tranca silenciosa. Espantoso. Mas Butler estava de olho. Estava chegando por trás da criatura, e a qualquer momento o intruso iria estar de nariz grudado no tapete.

Artemis voltou a atenção para Holly. O elfo estava de novo batendo com a cama. Batendo repetidamente com o pé da cama no chão, como se pudesse...

Então Artemis percebeu, como um tiro de um canhão de água. Se de algum modo Holly tivesse trazido a semente de carvalho, um centímetro quadrado de chão bastaria. Se Juliet deixasse aquela porta aberta...

— Juliet! — gritou ele pelo rádio. — Juliet! Não entre aí!

Mas era inútil. O rádio da garota ficou zumbindo no chão da cozinha. Artemis só podia olhar, desamparado, enquanto a irmã de Butler ia para a porta da cela, murmurando a respeito de cenouras.

— A sala do cofre! — exclamou Butler, apressando o passo. Seu instinto era entrar com tudo, mas o treinamento assumiu o controle. O equipamento daquelas criaturas era definitivamente superior ao dele, e quem sabia quantos canos de armas estariam apontados do outro lado daquela porta agora mesmo.

Não, a cautela era sem dúvida a coisa mais valiosa naquela situação específica.

Encostou a palma da mão na madeira, sentindo a vibração.

Nada. Nenhuma máquina ligada, então. Butler segurou a maçaneta, girando suavemente. Com a outra mão sacou uma automática Sig Sauer do coldre de ombro. Não havia tempo para pegar o fuzil de dardos, teria de atirar para matar.

A porta se abriu sem ruído, como Butler sabia que ia acontecer, já que ele próprio lubrificava cada dobradiça da casa.

Diante dele estava... bem, para ser honesto, Butler não tinha muita certeza do que era. Se não soubesse que não era isso, isto é, ao primeiro olhar, ele poderia ter jurado que a coisa lembrava nada mais do que um enorme e trêmulo...

E então a coisa explodiu, lançando uma quantidade espantosa de dejetos de túnel diretamente contra o infeliz empregado! Foi como ser golpeado por uma centena de marretas simultaneamente.

Butler foi levantado do chão e jogado contra a parede.

E enquanto estava ali, com a consciência se esvaindo, ele rezou para que o patrão Artemis não tivesse conseguido capturar aquele momento em vídeo.

Holly estava enfraquecendo. A cama pesava quase duas vezes mais do que ela, e os relevos estavam provocando cortes cruéis nas palmas de suas mãos. Mas não podia parar agora. Não quando estava tão perto.

Bateu de novo com o pé de metal no concreto. Uma nuvem de pó cinzento espiralou em

volta de suas pernas. A qualquer segundo, agora, Fowl estragaria o seu plano e ela teria de novo aquele tratamento hipodérmico. Mas até então...

Trincou os dentes para controlar a dor, levantando o pé da cama até a altura do joelho. Então viu. Uma fresta de marrom em meio ao cinza. Seria verdade?

Esquecendo a dor, a capitã Short largou a cama, ajoelhando-se rapidamente. Havia mesmo um pequeno trecho de terra surgindo entre o cimento. Holly tirou a semente da bota, apertando-a com força entre os dedos ensangüentados.

— Devolvo-te à terra — sussurrou, enfiando o punho no espaço minúsculo. — E reivindico o dom que é meu por direito.

Nada aconteceu durante um segundo. Talvez dois. Então Holly sentiu a magia subir por seu braço como o choque de uma cerca eletrificada. O choque a mandou girando pelo quarto. Por um instante o mundo redemoinhou num desconcertante calei-doscópio de cores, mas quando se assentou, Holly não era mais o elfo derrotado de antes.

— Certo, mestre Fowl. — Ela riu, olhando as fagulhas azuis de magia das fadas lacrando seus ferimentos. — Vejamos o que tenho de fazer para conseguir sua permissão de sair deste lugar.

— Largue tudo — murmurou Juliet, mal-humorada. — Largue tudo e vá verificar a prisioneira. — Em seguida jogou as madeixas louras habilmente por cima de um dos ombros. — Ele deve achar que eu sou criada dele, ou alguma coisa assim.

Bateu na porta da cela com a palma da mão.

— Estou entrando, fada garota, se estiver fazendo alguma coisa embaraçosa, pare por favor.

Juliet apertou os números na fechadura eletrônica.

— E não, não estou com os seus legumes, nem sua fruta lavada. Mas não é culpa minha, Artemis in-sis-tiu em que eu descesse imediatamente...

Juliet parou de falar, porque não havia ninguém escutando. Ela estava discursando para um cômodo vazio. Esperou que seu cérebro desse uma explicação. Não veio nenhuma. Por fim, a idéia de olhar de novo se infiltrou.

Deu um passo hesitante para dentro do cubo de concreto.

Nada. Apenas um ligeiro tremor nas sombras. Como uma névoa. Provavelmente eram aqueles óculos estúpidos.

Como poderia enxergar alguma coisa usando óculos escuros espelhados no subsolo? E eles eram tão anos noventa! Nem eram retro ainda.

Olhou cheia de culpa para a câmera. Só uma espiadinha rápida, que mal poderia fazer? Levantou a armação, girando os olhos pelo quarto em volta.

Naquele instante uma figura se materializou à sua frente.

Simplesmente surgiu no ar. Ela estava sorrindo.

— Ah, é você. Como foi que...

A fada a interrompeu com um gesto.

— Por que não tira de vez esses óculos, Juliet? Eles não combinam com você.

Ela está certa, pensou Juliet. E que voz linda. Como um coro. Como é que poderia discutir com uma voz daquelas?

— Claro. Chega de óculos de homens das cavernas. A propósito, que voz maneira. Tipo dó-ré-mi e coisa e tal.

Holly decidiu que não tentaria decifrar os comentários de Juliet. Já era bastante difícil quando a garota estava de posse completa de suas faculdades mentais.

— Agora. Uma pergunta simples.

— Sem problema. — Que idéia fantástica!

— Quantas pessoas estão na casa?

Juliet pensou. Uma e uma e uma. E mais uma? Não, a Sra. Fowl não estava lá.

— Três — disse finalmente. — Eu, Butler e, claro, Artemis. A Sra. Fowl estava aqui, mas depois fez tchau-tchau, depois fez tchau-tchau.

Juliet deu um risinho. Tinha feito uma piada. E das boas.

Holly tomou ar para pedir uma explicação, depois decidiu em contrário. O que acabou sendo um erro. Juliet mordeu o lábio.

— Houve um homenzinho. Num uniforme que nem o seu. Mas não era bonito. Nem um pouco. Só gritava e fumava um charuto fedorento. Pele terrível. Vermelha que nem tomate.

Holly quase sorriu. O próprio Raiz tinha vindo. Sem dúvida as negociações tinham sido desastrosas.

— Ninguém mais?

— Não que eu saiba. Se você vir aquele sujeito de novo, diga para parar de comer carne vermelha. Ele é um infarto am-bulante esperando para acontecer.

Holly engoliu o riso. Juliet era a única humana que ela conhecia e que provavelmente ficava mais lúcida sob o mesmer.

— Está bem, eu digo. Agora, Juliet, quero que você fique no meu quarto. E não importa o que ouvir: não saia.

Juliet franziu a testa.

— Este quarto? É tão chato! Não tem TV nem nada. Eu não posso ir para a sala?

— Não. Você precisa ficar aqui. De qualquer modo, eles acabaram de instalar uma televisão na parede. Telão de cinema.

Tem luta-livre vinte e quatro horas por dia.

Juliet quase desmaiou de prazer. Correu para dentro da cela, boquiaberta enquanto sua imaginação fornecia as imagens.

Holly balançou a cabeça. Bom, pensou, pelo menos uma de nós está feliz.

Palha sacudiu o traseiro para soltar qualquer torrão que restasse.

Se ao menos sua mãe pudesse vê-lo agora, espalhando lama no Povo da Lama! Era uma ironia, ou alguma coisa do tipo.

Palha nunca tinha sido bom em gramática na escola. Nem nisso nem em poesia. Nunca entendera o objetivo. Lá embaixo nas minas só havia duas frases importantes: "Olhem, ouro!" e "Túnel desmoronando, todo mundo para fora!" Sem significados ocultos nem rimas.

Abotoou a aba do traseiro da calça, que tinha se aberto na explosão provocada pelo vendaval saído de suas regiões internas.

Hora de dar no pé. Qualquer esperança que ele tivesse de escapar sem ser descoberto tinha sido estourada. Literalmente.

Recolocou o fone de ouvido, prendendo-o firmemente na orelha. Bom, nunca se sabe, até mesmo a LEP podia ser útil.

— ...e quando eu puser as mãos em você, prisioneiro, você vai desejar ter ficado lá embaixo naquelas minas...

Palha suspirou. Ah, bem. Então nada de novo.

Apertando o tesouro do cofre na mão, o anão tentou voltar por onde tinha vindo. Para seu espanto absoluto havia um homem emaranhado na balaustrada. Palha não ficou nem um pouco surpreso ao ver que seu material reciclado tinha conseguido lançar o gigantesco Homem da Lama vários metros pelo ar. Já se sabia de gases de anões terem causado avalanches nos Alpes. O que o surpreendeu foi o fato de que o homem tivesse conseguido chegar tão perto dele.

— Você é bom — disse Palha, balançando o dedo para o guarda-costas inconsciente.

— Mas ninguém recebe um golpe de Palha Escavator e fica de pé.

O Homem da Lama estremeceu, com o branco dos olhos aparecendo sob as pálpebras trêmulas. A voz de Raiz estalou nos ouvidos do anão.

— Ande rápido, Palha Escavator, antes que aquele Homem da Lama se levante e dê um nó nas suas tripas. Ele derrotou uma equipe de resgate inteira.

Palha engoliu em seco, sentindo a bravata subitamente o abandonar.

— Uma equipe de resgate inteira? Talvez eu devesse voltar para o subsolo... pelo bem da missão.

Passando às pressas pelo guarda-costas que gemia, Palha desceu a escada de dois em dois degraus. Não havia sentido em se preocupar com os estalos da escada quando você acabou de

lançar pelos corredores o equivalente intestinal de um furacão.

Quase tinha alcançado o porão quando uma figura entrou em foco à sua frente. Palha a reconheceu como a policial que o havia prendido no caso dos Mestres da Renascença.

— Capitã Short.

— Palha. Eu não esperava vê-lo.

O anão deu de ombros.

— Julius tinha um serviço sujo. Alguém tinha de fazê-lo.

— Entendi — disse Holly, assentindo. — Você já perdeu a sua magia. Inteligente. O que descobriu?

Palha mostrou a Holly o que tinha encontrado.

— Isso estava no cofre.

— Um exemplar do Livro! Não é de espantar que nós estejamos nessa encrenca. Estávamos brincando nas mãos dele o tempo todo.

Palha abriu a porta da adega.

— Vamos?

— Eu não posso. Recebi ordens rígidas de não deixar a casa.

— Vocês, mágicos, e seus rituais! Não têm idéia do alívio que é se liberar de toda essa bobagem.

Uma série de ruídos agudos veio do patamar de cima.

Parecia um troll solto numa loja de cristais.

— Podemos debater a ética mais tarde. Neste momento sugiro que a gente deve desaparecer.

Palha assentiu.

— Concordo. Parece que esse cara derrotou um esquadrão de resgate inteiro.

Holly parou, meio escudada.

— Um esquadrão inteiro? Hmm. Totalmente equipado, imagino...

Ela continuou a sumir no ar, e a última coisa a desaparecer foi seu riso cada vez mais largo.

Palha estava tentado a ficar por ali. Não havia muitas coisas mais divertidas de ver do que um oficial do Recon totalmente armado indo em cima de um punhado de humanos que de nada suspeitavam. Quando a capitã Short terminasse com esse tal de Fowl ele estaria implorando para que ela saísse de sua mansão.

O tal de Fowl estava olhando tudo da sala de vigilância.

Não havia como negar: as coisas não iam bem. Nem um pouco.

Mas certamente não eram irremediáveis. Ainda havia esperança.

Artemis catalogou os acontecimentos dos últimos minutos.

A segurança da mansão fora comprometida. A sala do cofre estava uma bagunça, explodida por algum tipo de flatu-lência do Povo das Fadas. Butler estava inconsciente, talvez pa-ralisado pela mesma anomalia gasosa. Sua refém estava solta na casa, com os poderes de fada restaurados. Havia uma criatura feia, vestida de couro, cavando buracos debaixo dos alicerces, aparentemente sem ligar para os mandamentos das fadas. E o Povo tinha recuperado um exemplar do livro, uma das várias cópias, por sinal, contando com a gravada em disco, guardada no cofre de um banco suíço.

O dedo de Artemis ajeitou uma madeixa de cabelo escuro.

Teria de escavar fundo para descobrir o que havia de bom naquela situação específica. Respirou fundo várias vezes, encontrando seu chi, como Butler tinha ensinado.

Depois de contemplar durante vários instantes, percebeu que aqueles fatores significavam pouco para as estratégias gerais de ambos os lados. A capitã Short continuava presa na mansão. E

o período de parada temporal estava terminando. Logo a LEP

não teria opção além de lançar sua biobomba, e era então que Artemis Fowl teria de dar seu golpe de misericórdia. Claro, toda a coisa dependia do comandante Raiz. Se Raiz fosse tão precário intelectualmente quanto parecia, era bastante possível que todo o esquema desmoronasse em volta dele. Artemis esperava com fervor que alguém da equipe das fadas tivesse a inteligência de perceber a "mancada" que ele cometera durante a sessão de negociação.

Palha desabotoou a aba do traseiro. Hora de sugar um pouco de terra, como diziam lá embaixo nas minas. O problema com os túneis dos anões era que eles eram auto-lacrantes, de modo que, se você tivesse de voltar por onde tinha vindo, havia todo um novo buraco a ser escavado. Alguns anões voltavam exatamente pelo mesmo lugar, cavando a terra menos compacta e pré-digerida. Palha preferia escavar um túnel novo. Por algum motivo, comer a mesma terra duas vezes não lhe atraía.

Desencaixando o maxilar, apontou-se como um torpedo pelo buraco nas tábuas do piso. Seu coração se acalmou imediatamente enquanto o cheiro dos minerais encheram as narinas.

Seguro, ele estava seguro. Nada podia pegar um anão no subsolo, nem mesmo um verme da rocha skaliano. Isto é, claro, se ele conseguisse entrar no subsolo...

Dez dedos muito poderosos agarraram Palha pelos tornozelos. Este não era o dia do anão. Primeiro o cara de verruga, agora aquele humano homicida. Algumas pessoas nunca aprendem.

Geralmente o Povo da Lama.

— Me solta! — murmurou ele, com o maxilar desen-caixado balançando inútil.

— Sem chance, veio a resposta. — O único modo de você sair desta casa é num saco para

cadáveres.

Palha podia se sentir sendo puxado para trás. Esse humano era forte. Não havia muitas criaturas capazes de arrancar um anão que estivesse agarrado a alguma coisa. Ele gadanhou na terra, enfiando na boca punhados de argila impregnada de vinho.

Só havia uma chance.

— Venha, seu pequeno goblin. Saia daí.

Goblin! Palha ficaria indignado se não estivesse ocupado mastigando argila para ejetar contra o inimigo.

O humano parou de falar. Talvez tivesse percebido a aba do traseiro, e provavelmente o traseiro. Sem dúvida o que tinha acontecido na sala do cofre estava voltando para ele.

— Ah...

O que teria se seguido ao "Ah" não dá para saber, mas eu estaria disposto a apostar que não era "minha nossa". De qualquer modo, Butler não teve tempo de terminar a frase, porque sensatamente escolheu aquele momento para abrir as mãos.

Uma escolha sábia, realmente, porque coincidiu com o instante em que Palha decidiu lançar sua ofensiva de terra.

Um bolo de argila compacta disparou como uma bala de canhão diretamente para o local onde a cabeça de Butler estivera há apenas um segundo. Se ela ainda estivesse ocupando aquele espaço, o impacto iria separá-la dos ombros do mordomo. Um fim ignóbil para um guarda-costas de seu calibre. O míssil encharcado passou de raspão pela sua orelha. Mesmo assim a força bastou para que Butler girasse como um patinador no gelo, fazendo-o cair sobre o traseiro pela segunda vez.

Quando sua visão se acomodou, o anão tinha desaparecido num turbilhão de sujeira borbulhante. Butler decidiu não tentar uma perseguição. Morrer debaixo da terra não ocupava uma posição muito importante em sua lista de coisas a fazer.

Mas outros dias viriam, criatura das fadas, pensou maligno. E viriam mesmo. Mas esta é outra história.

O ímpeto de Palha o lançou para o subsolo. Tinha seguido por vários metros no veio de argila antes de perceber que ninguém vinha atrás. Assim que o gosto de terra aliviou seu ritmo cardíaco, decidiu que estava na hora de implementar o plano de fuga.

O anão alterou a rota, abrindo o caminho a dentadas em direção à coelheira que tinha percebido antes. Com alguma sorte, o centauro não havia feito um teste sismológico no terreno da mansão, caso contrário seu ardil poderia ser descoberto. Ele só teria de aproveitar o fato de que os outros tinham coisas mais importantes com que se preocupar do que com um prisioneiro desaparecido. Não deveria haver problemas em enganar Julius, mas o centauro era esperto.

A bússola interna de Palha o guiava muito bem, e dentro de minutos ele pôde sentir as vibrações suaves dos coelhos pulando pelos túneis. A partir daqui a noção de tempo era

crucial, para que a ilusão fosse eficaz. Ele reduziu o ritmo de dentadas, cutucando a argila suavemente até que os dedos romperam a parede do túnel. Palha teve cuidado de desviar o olhar, porque tudo que ele visse estaria aparecendo na tela do quartel general da LEP.

Encostando os dedos no chão do túnel como se a mão fosse uma aranha de cabeça para baixo, Palha esperou. Não demorou muito. Em segundos sentiu as batidas rítmicas de um coelho que se aproximava. No instante em que as pernas traseiras do animal esbarraram na armadilha, ele apertou os dedos fortes em volta do pescoço do bicho. O pobre animal não teve a mí-

nima chance.

Desculpe, amigo, pensou o anão. Se houvesse outro modo...

Puxando o corpo do coelho pelo buraco, Palha engatou de novo o maxilar e começou a gritar: — Túnel desmoronando! Túnel desmoronando! Socorro! Socorro!

Agora o truque. Com uma das mãos agitou a terra em volta, fazendo-a cair num chuveiro em volta da cabeça. Com a outra mão tirou a câmera de íris do olho esquerdo e colocou no do coelho. Dada a escuridão quase total e a confusão da queda, devia ser quase impossível ver a troca.

— Julius! Por favor. Socorro.

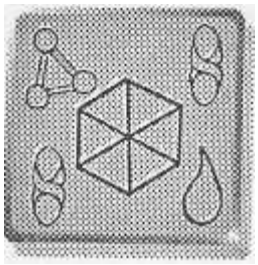
— Palha! O que está acontecendo? Informe sua situação.

Informar minha situação? pensou o anão, incrédulo.

Mesmo numa suposta crise o comandante não conseguia abandonar o precioso protocolo.

— Eu... Argh... — O anão deu seu grito final, terminando-o num gorgolejo.

Talvez um pouco melodramático, mas Palha nunca conseguia resistir a fazer teatro. Com um último olhar arrepen-dido para o animal agonizante, destravou o maxilar e se virou para o sudeste. A liberdade chamava.



CAPÍTULO 8: **TROLL**

Raiz se inclinou para a frente, rugindo no microfone: — Palha! O que está acontecendo? Informe sua situação.

Potrus estava batucando furiosamente no teclado.

— Nós perdemos o áudio. O movimento também.

— Palha. Fale comigo, que droga!

— Eu estou fazendo uma varredura nos sinais vitais dele... Nossa!

— O quê? O que é?

— O coração dele ficou maluco, está batendo como o de um coelho...

— Um coelho?

— Não, espere, é...

— O quê? — sussurrou o comandante, com um medo terrível de já saber. Potrus se recostou na cadeira.

— Parou. O coração parou.

— Tem certeza?

— Os monitores não mentem. Todos os sinais vitais podem ser lidos através da câmera de íris. Nem um bip. Ele se foi.

Raiz não conseguia acreditar. Palha Escavator, uma das constantes da vida? Não podia ser verdade.

— Ele conseguiu, Potrus. Recuperou um exemplar do Livro, nada menos do que isso, e confirmou que Short estava viva.

A sobrancelha grossa de Potrus se franziu por um instante.

— É só que...

— O quê? — perguntou Raiz, cheio de suspeitas.

— Bom, por um momento, logo antes do final, o ritmo cardíaco dele pareceu anormalmente rápido.

— Talvez fosse um defeito no aparelho.

O centauro não estava convencido.

— Duvido, meus aparelhos não têm bug.

— Que outra explicação pode haver? O visual ainda está funcionando, não é?

— É. Através de olhos mortos, sem dúvida. Não há uma fagulha de eletricidade naquele cérebro; a câmera está rodando alimentada pela bateria.

— Bom, então é isso. Não há outra explicação.

Potrus assentiu.

— Parece que sim. A não ser... Não, é fantástico demais.

— Nós estamos falando de Palha Escavator. Nada é fantástico demais.

Potrus abriu a boca para verbalizar sua teoria incrível, mas antes que pudesse falar, a porta do veículo se abriu.

— Nós o pegamos! — disse uma voz triunfante.

— Sim! — concordou uma segunda. — Fowl cometeu um erro!

Raiz girou na cadeira. Eram Argônio e Cumulus, os supostos analistas comportamentais.

— Ah, finalmente decidiram merecer o que ganham, não é?

Mas os professores não seriam intimidados tão facilmente, unidos pela empolgação. Cumulus chegou à temeridade de desconsiderar o sarcasmo de Raiz. Isso, mais do que qualquer outra coisa, fez o comandante se empertigar e prestar atenção.

Argônio passou por Potrus, enfiando um disco laser no console. O rosto de Artemis Fowl apareceu, como se fosse visto através da câmera de íris de Raiz.

— Faremos contato — disse a voz gravada do comandante. — Não se preocupe, eu acho a saída.

O rosto de Fowl desapareceu momentaneamente enquanto ele se levantava da cadeira. Raiz ergueu o olhar a tempo de ouvir a próxima declaração arrepiante.

— Faça isso. Mas, lembre-se, ninguém de sua raça tem permissão para entrar aqui enquanto eu estiver vivo.

Argônio apertou o botão, triunfante.

— Aí está, você vê!

— Aí? Aí o quê? O que eu vejo?

Cumulus fez cara de pena, como se estivesse falando com uma criança. O que foi um erro, visto em retrospecto. Num segundo o comandante o segurava pela barba pontuda.

— Agora — disse ele, com a voz enganadoramente calma — Finjam que estamos pressionados pelo tempo, e só explique, sem nenhuma pose ou comentário.

— O humano disse que nós não poderíamos entrar enquanto ele estivesse vivo — guinchou Cumulus.

— E?

Argônio interveio:

— E... se não podemos entrar enquanto ele está vivo...

Raiz respirou fundo.

— Então entraremos quando ele estiver morto.

Cumulus e Argônio incharam de felicidade.

— Exato — disseram num uníssono perfeito.

Raiz coçou o queixo.

— Não sei. Legalmente nós estamos em terreno instável.

— Nem um pouco — argumentou Cumulus. — É

gramática elementar. O humano declarou especificamente que a entrada era proibida enquanto ele estivesse vivo. Isso eqüivale a um convite para quando estiver morto.

O comandante não se convenceu.

— O convite está implícito, na melhor das hipóteses.

— Não — interrompeu Potrus. — Eles estão certos. É

uma situação embasada. Assim que Fowl estiver morto, a porta está escancarada. Ele mesmo disse.

— Talvez.

— Talvez nada — isse Potrus bruscamente. — Pelo amor de Deus, Julius, do que mais você precisa? Nós estamos numa crise, para o caso de você não ter notado.

Raiz assentiu lentamente.

— Um, você está certo. Dois, eu vou prosseguir com isso. Três, parabéns, vocês dois. E quatro, se algum dia me chamar de Julius de novo, Potrus, você vai comer os próprios cascos. Agora me dê uma linha com o Conselho. Preciso da aprovação para aquele ouro.

— Imediatamente, comandante Raiz, excelência. — Potrus riu, deixando de lado o comentário sobre comer os cascos, em nome de Holly.

— Então nós mandamos o ouro — murmurou Raiz, pensando em voz alta. — Eles mandam Holly, nós jogamos uma enxagüadora azul no lugar e entramos para pegar de volta o resgate.

— É simples a ponto de ser brilhante — disse Argônio, entusiasmado.

— Um tremendo estímulo para a nossa profissão, não diria, doutor Cumulus?

A cabeça de Cumulus estava girando com possibilidades.

— Viagens de palestras, contratos de livros. Bom, só os direitos para filmagem devem valer uma fortuna.

— Deixe aqueles sociólogos engolirem essa! Vai acabar com aquele papo de "criação miserável é igual a comportamento anti-social". Esse tal de Fowl nunca passou fome na vida.

— Há mais de um tipo de fome — observou Argônio.

— Verdade. A fome de sucesso. A fome de domínio. A fome de...

Raiz interrompeu rispidamente: — Saiam! Saiam antes que eu estrangule vocês dois. E se eu ouvir uma palavra dessas repetidas num programa de entrevistas na TV, saberei de onde elas vieram.

Os consultores recuaram cautelosos, decididos a não ligar para seus empresários enquanto não estivessem longe do alcance auditivo.

— Não sei se o Conselho aprovará isso — admitiu Raiz quando os dois partiram. — É muito ouro.

Potrus ergueu os olhos do console.

— Quanto, exatamente?

O comandante empurrou um pedaço de papel sobre o console.

— Essa quantidade.

— É muita coisa. — Potrus assobiou. — Uma tonelada.

Lingotes pequenos e sem marcas. Só ouro vinte e quatro quilates.

Bom, pelo menos é uma quantidade redonda.

— Muito reconfortante. Não esquecerei de mencionar isso ao Conselho. Você já conseguiu a linha?

O centauro grunhiu. Um grunhido negativo. Na verdade era muito atrevido grunhir para um superior. Raiz não teve â-

nimo de repreendê-lo, mas fez uma anotação mental: quando isto terminar, atrase o pagamento de Potrus por algumas décadas.

Em seguida esfregou os olhos, exausto. O cansaço característico da parada temporal estava chegando. Mesmo que o cérebro não o deixasse dormir porque ele estivera acordado quando a parada temporal começou, seu corpo gritava pedindo para descansar.

Levantou-se da cadeira, escancarando a porta para deixar que o ar entrasse. Rançoso. Ar de tempo parado. Nem mesmo as moléculas podiam escapar desse campo temporal, quanto mais um garoto humano.

Havia atividade perto do portal. Muita atividade. Um enxame de soldados reunidos em volta de uma jaula flutuante.

Porrete estava parado, e o grupo inteiro ia na direção dele. Raiz foi encontrá-los.

— O que é isso? — perguntou, em voz não muito agradável. — Um circo?

O rosto de Porrete estava pálido, mas decidido.

— Não, Julius. É o fim do circo.

Raiz assentiu.

— Sei. E estes são os palhaços?

A cabeça de Potrus apareceu na porta.

— Perdão por interromper sua longa metáfora circense, mas que diabo é aquilo?

— Sim, tenente — perguntou Raiz, assentindo para a jaula flutuante.

— Que diabo é aquilo?

Porrete juntou coragem respirando fundo algumas vezes.

— Eu segui o seu exemplo, Julius.

— Verdade?

— Sim, é. Você optou por mandar uma criatura indigna.

Agora a opção é minha.

Raiz deu um sorriso perigoso.

— Você não opta por nada, tenente, não sem que eu autorize.

— Eu falei com o Conselho, Julius. Tenho todo o apoio deles.

O comandante se virou para Potrus.

— É verdade?

— Aparentemente sim. Eu acabei de conseguir a linha externa. Agora a festa é de Porrete. Ele contou ao Conselho sobre a exigência de resgate e sobre você ter mandado o Sr.

Escavator. Você sabe como são os anciãos quando se trata de abrir mão de ouro.

Raiz cruzou os braços.

— As pessoas me falavam de você, Porrete. Diziam que você ia me esfaquear pelas costas. Eu não acreditei. Fui um imbecil.

— Isto não tem a ver conosco, Julius. Tem a ver com a missão. O que está dentro desta jaula é nossa melhor chance de sucesso.

— Então o que há na jaula? Não, não diga. A única outra criatura não mágica nos Elementos Inferiores. E o primeiro troll que conseguimos pegar vivo em mais de um século.

— Exato. A criatura perfeita para arrancar nosso adversário de lá.

As bochechas de Raiz brilharam com o esforço de conter a raiva.

— Não acredito que você esteja ao menos pensando nisso.

— Encare o fato, Julius, é basicamente a mesma idéia que você teve.

— Não, não é. Palha Escavator fazia suas próprias escolhas. Ele conhecia os riscos.

— Escavator está morto?

Raiz esfregou os olhos de novo.

— Sim. É o que parece. Um túnel desmoronou.

— Isso só prova que eu estou certo. Um troll não seria despachado tão facilmente.

— É um animal imbecil, pelo amor de Deus. Como um troll pode seguir instruções?

Porrete sorriu, com a confiança recém-nascida brotando da apreensão.

— Que instruções? Nós só o apontamos para a casa e saímos do caminho. Garanto que aqueles humanos vão implorar que nós entremos para resgatá-los.

— E quanto à minha oficial?

— Teremos o troll de volta, trancado, muito antes que a capitã Short esteja correndo perigo.

— Você pode garantir isso, é?

Porrete fez uma pausa.

— É um risco que eu estou disposto... que o Conselho está disposto a correr.

— Política — cuspiu Raiz. — Para você é tudo política, Porrete. Uma boa menção elogiosa, como caminho para um lugar no Conselho. Você me deixa enojado.

— Como quiser, nós vamos prosseguir com esta estratégia. O Conselho me nomeou comandante interino, de modo que, se não consegue pôr nossa história pessoal de lado, saia do meu caminho.

Raiz ficou de lado.

— Não se preocupe, comandante. Não quero ter nada a ver com esta chacina. O crédito é todo seu.

Porrete fez sua melhor cara de sinceridade.

— Julius, apesar do que você pensa, eu só tenho em mente o interesse do Povo.

— De um membro do Povo em particular — fungou Raiz. Porrete decidiu bancar o cheio de moral.

— Não preciso ficar aqui ouvindo isso. Cada segundo falando com você é um segundo desperdiçado.

Raiz o encarou direto nos olhos.

— Então são cerca de seiscentos anos totalmente desperdiçados, não é, amigo?

Porrete não respondeu. O que poderia dizer? A ambição tinha um preço, e esse preço era a amizade.

Porrete se virou para o seu esquadrão, um grupo de duendes alados escolhidos a dedo, leais apenas a ele.

— Levem a jaula flutuante até a avenida. Não daremos sinal verde enquanto eu não mandar.

Ele passou por Raiz, os olhos fixos em qualquer ponto, menos no ex-amigo. Potrus não o deixou sair sem um comentá-

rio.

— Ei, Porrete.

O comandante interino não poderia tolerar isso, não em seu primeiro dia.

— Cuidado com a boca, Potrus. Ninguém é indispen-sável.

O centauro deu um risinho.

— Verdade. Esse é o problema com a política, você só tem uma oportunidade.

Porrete estava um tanto interessado, mesmo contra a vontade.

— Só o que sei é que se fosse eu — prosseguiu Potrus —, e se eu tivesse uma chance, só uma chance, de pôr o traseiro num assento do Conselho, certamente não confiaria meu futuro a um troll.

E de repente a confiança recém-encontrada de Porrete se evaporou, substituída por uma palidez brilhante. Ele enxugou a testa, correndo atrás da jaula que se afastava.

— Vejo você amanhã — gritou Potrus. — Vai estar limpando o meu lixo.

Raiz gargalhou. Possivelmente era a primeira vez que um dos comentários de Potrus o divertia.

— Muito bom, Potrus. — Ele riu. — Acertou aquele traidor onde dói mais, bem na ambição.

— Obrigado, Julius.

O riso desapareceu mais rápido do que lesma de poço frita na cantina da LEP.

— Eu já lhe avisei sobre esse negócio de Julius, Potrus.

Agora abra de novo aquela linha externa. Quero o ouro pronto para quando o plano de Porrete der errado. Pressione todos os que me apoiam no Conselho. Tenho quase certeza de que Lope está do meu lado, e Cahartez, possivelmente Vinyáya. Ela sempre teve uma queda por mim, por essa minha atração demoníaca.

— Você está brincando, claro.

— Eu nunca brinco — disse Raiz, e falou isso com o rosto impávido.

Holly tinha um plano, mais ou menos. Andar por aí escudada, recuperar algumas armas do povo das fadas, depois causar um tumulto até Fowl ser forçado a soltá-la. E se um dano de propriedade no valor de vários milhões de libras irlandesas acontecesse, bom, isso era apenas um bônus.

Holly não se sentia tão bem há anos. Seus olhos cha-mejavam de poder e havia fagulhas pipocando sob cada centí-

metro de pele. Havia se esquecido de como era bom estar quente.

Agora a capitã Short se sentia no controle, na caçada.

Fora treinada exatamente para isso. Quando esse negócio co-meçou, a vantagem estava com o Povo da Lama. Mas agora a bota estava no outro pé. Ela era a caçadora, e eles apresa.

Subiu a grande escadaria, sempre vigilante por causa do mordomo enorme. Aquele era um indivíduo com quem ela não se arriscaria. Se aqueles dedos se fechassem em volta do seu crânio, ela seria passado, com ou sem capacete, presumindo que conseguisse achar um capacete.

A casa vasta parecia um mausoléu — sem um único sinal de vida dentro dos cômodos

grandes. Retratos sinistros em toda parte. Cada um com olhos de Fowl, cheios de suspeita e brilhantes. Holly decidiu incendiar todos quando recuperasse sua Neutrino 2000. Talvez fosse uma atitude vingativa, mas totalmente justificável considerando o que Artemis Fowl a havia feito sofrer.

Subiu rapidamente os degraus, seguindo a curva em volta do patamar de cima. Um facho de luz pálida espiava por baixo da última porta do corredor. Holly encostou a mão na madeira, tentando sentir alguma vibração. Atividade. Gritos e passos.

Vindo para cá.

Saltou para trás, grudando-se no papel de parede avelu-dado.

Bem na hora. Uma forma enorme passou pela porta e disparou pelo corredor, deixando um turbilhão de correntes de ar.

— Juliet! — gritou o mordomo, o nome da irmã pairando no ar muito depois de ele ter desaparecido escada abaixo.

Não se preocupe, Butler, pensou Holly. Ela está se di-vertindo como nunca grudada àquele programa de luta-livre. Mas a porta aberta apresentava uma oportunidade bem-vinda. Passou antes que o braço mecânico a fechasse de novo.

Artemis Fowl estava esperando, com os filtros an-ti-escudos grudados nos óculos escuros.

— Boa noite, capitã Short — começou ele, com a confiança aparentemente intacta. — Com o risco de parecer um clichê, eu estava esperando-a.

Holly não respondeu, nem olhou nos olhos do carce-reiro. Em vez disso aproveitou seu treinamento para examinar a sala, o olhar mal pousando em cada superfície.

— Claro que você está presa às promessas feitas mais cedo...

Mas Holly não estava escutando, estava saltando na di-reção de uma bancada de aço inoxidável aparafusada à parede mais distante.

— Então nossa situação basicamente não mudou. Você ainda é minha refém.

— Sim, sim, sim — murmurou ela, passando os dedos sobre as fileiras de equipamento confiscado da equipe de resgate.

Escolheu um capacete coberto de material invisível, enfiando-o por cima das orelhas pontudas. Agora estava em segurança.

Qualquer outra ordem dada por Fowl não significaria nada através do visor reflexivo. Um microfone se ligou automaticamente. O contato foi imediato.

— Em todas as freqüências. Transmitindo em todas as freqüências. Holly, se puder me ouvir, procure um abrigo.

Holly reconheceu a voz de Potrus. Uma coisa familiar numa situação maluca.

— Repito. Procure um abrigo. Porrete está mandando um...

— Alguma coisa que eu deveria saber? — perguntou Artemis.

— Quieto — sibilou Holly, preocupada com o tom da voz de Potrus, que geralmente era petulante.

— Repito, eles estão mandando um troll para garantir a sua libertação.

Holly levou um susto. Agora Porrete estava no comando.

Não era boa notícia. Fowl interrompeu de novo.

— Não é educado ignorar o anfitrião, você sabe.

Holly rosnou.

— Já chega!

Ela recuou o punho, com os dedos enrolados com força.

Artemis nem se abalou. Por que se abalaria? Butler sempre in-tervinha antes que os socos chegassem. Mas então alguma coisa atraiu seu olhar, uma figura grande descendo pela escada no monitor do primeiro andar. Era Butler.

— Isso mesmo, garoto rico — disse Holly com voz maligna. — Dessa vez você está sozinho.

E antes que os olhos de Artemis tivessem tempo de se arregalar, Holly pôs mais uns quilos extras de tensão no cotovelo e deu um soco bem no nariz de seu seqüestrador.

— Ai! — disse ele, caindo sobre o traseiro.

— Ah, sim! Que sensação boa!

Holly se concentrou na voz que zumbia em seu ouvido.

— Nós estivemos transmitindo uma imagem em loop para as câmeras externas, de modo que os humanos não vissem nada que viesse pela avenida. Mas ele está a caminho, acredite.

— Potrus. Potrus, responda.

— Holly? É você?

— A única. Potrus, não há loop. Eu estou vendo tudo que acontece por aqui.

— O espertinho... Ele deve ter reinicializado o sistema.

A avenida era uma colméia de atividade do Povo das Fadas. Porrete estava lá, apressadamente comandando sua equipe de duendes alados. E no centro da confusão havia uma jaula flutuante de cinco metros de altura, pairando num colchão de ar bem na frente da porta da mansão, e os técnicos estavam pondo um lacre de concussão na parede em volta. Quando ativado, várias hastes de liga metálica no lacre se detonariam simultaneamente, desintegrando a porta. Assim que a poeira as-sentasse, o troll só teria um lugar aonde ir: dentro da mansão.

Holly verificou os outros monitores. Butler tinha conseguido arrastar Juliet para fora da cela. Os dois haviam subido e estavam atravessando o saguão. Bem na linha de fogo.

— D'Arvit — xingou ela, indo até a superfície de trabalho. Artemis estava apoiado nos

cotovelos.

— Você me bateu — disse ele, incrédulo.

Holly pôs um Beija-Flor nas costas.

— Isso mesmo, Fowl. E há muito mais no lugar de onde esse veio. Então fique aí parado, se sabe o que é bom para você.

Pela primeira vez na vida Artemis percebeu que não tinha uma resposta pronta. Abriu a boca, esperando que o cérebro fornecesse a reação vigorosa. Mas nada chegou.

Holly enfiou a Neutrino 2000 no coldre.

— Isso mesmo, Garoto da Lama. Acabou a brincadeira.

Hora de os profissionais assumirem o controle. Se você for um bom menino, eu lhe compro um pirulito quando voltar.

E quando Holly já havia ido há um tempo, voando perto das antigas traves de carvalho do corredor, Artemis falou: — Eu não gosto de pirulito.

Era uma resposta melancolicamente inadequada, e num instante Artemis ficou pasmo consigo mesmo. Na verdade era ridícula: "Eu não gosto de pirulito." Nenhum gênio do crime que se respeite seria apanhado ao menos usando a palavra pirulito.

Ele realmente teria de montar um banco de dados com respostas inteligentes para ocasiões como essa.

Era bem possível que Artemis ficasse sentado assim durante um tempo, totalmente isolado da situação, se a porta da frente não tivesse implodido, fazendo a mansão tremer nos alicerces. Uma coisa daquelas bastava para arrancar os devaneios da cabeça de qualquer um.

Um duende alado surgiu diante do comandante interino Porrete.

— O lacre está no lugar, senhor.

Porrete assentiu.

— Tem certeza de que ele está firme, capitão? Eu não quero o troll vindo para o lado errado.

— Mais firme do que a carteira de um goblin. Não há nem mesmo uma bolha de ar passando por aquele lacre. Mais apertado do que um verme fedorento tentando não soltar um...

— Muito bem, capitão — interrompeu Porrete às pressas, antes que o duende pudesse completar a analogia nojenta.

Diante deles a jaula flutuante se sacudiu com violência, quase tombando do colchão de ar.

— É melhor explodir a coisa logo, comandante. Se não deixarmos que ele saia logo, meus rapazes vão passar a próxima semana raspando...

— Ótimo, capitão, ótimo. Pode explodir. Pode explodir, pelo amor de Deus.

Porrete correu para trás do escudo protetor, rabiscando uma anotação na tela de cristal

líquido de seu computador de mão: Lembrar aos duendes para ter cuidado com a linguagem.

Afinal de contas, agora eu sou um comandante.

O capitão de boca suja se virou para o motorista da jaula flutuante.

— Pode explodir, Chix. Arranque aquela porta das drogas das dobradiças.

— Sim, senhor. Das drogas das dobradiças. Entendido.

Porrete se encolheu. Haveria uma reunião geral amanhã.

Bem cedo. Mas aí ele já estaria com o escudo de comandante na lapela. Até mesmo um duende alado teria menos probabilidade de xingar vendo o escudo das três sementes de carvalho piscando em sua cara.

Chix baixou os óculos protetores, apesar de a cabine da jaula ter um pára-brisa de quartzo. Os óculos eram maneiros. As garotas adoravam. Ou pelo menos o motorista pensava isso. Em sua mente ele se via como um sujeito temerário, com cara de mau. Os duendes alados eram assim. Basta dar um par de asas a um membro do Povo das Fadas e ele fica se considerando um presente de Deus para as mulheres. Mas a luta malfadada de Chix Verbil para impressionar as damas é, de novo, outra história.

Nesta narrativa em particular ele serve apenas a um objetivo: apertar melodramaticamente o botão detonador. Coisa que fez, com grande pose.

Duas dúzias de cargas controladas detonaram em suas câmaras, expulsando duas dúzias de cilindros de liga metálica a mais de mil quilômetros por hora. Depois do impacto, cada barra pulverizava a área de contato e mais os quinze centímetros em volta, efetivamente arrancando a porta das drogas das dobradi-

ças. Como diria o capitão.

Quando a poeira baixou, os controladores abriram a parede de contenção dentro da jaula e começaram a bater nos painéis laterais com as mãos.

Porrete espiou de trás do escudo protetor.

— Tudo certo, capitão?

— Só uma droga de um segundo, comandante. Chix?

Como estamos indo?

Chix verificou o monitor da cabine.

— Ele está se movendo. As batidas o estão incomodando. As garras estão saindo. Minha nossa, ele é grande. Eu não queria ser aquela gata do Recon se ela tiver de ficar no caminho dessa coisa.

Porrete sentiu uma momentânea pontada de culpa, que descartou com seu devaneio predileto: uma visão de si mesmo afundando numa cadeira de veludo bege do Conselho.

A jaula balançou violentamente, quase deslocando Chix de seu banco. Ele se agarrou como um peão de rodeio.

— Ok! Ele está indo. Mexam seus traseiros, pessoal.

Tenho a sensação de que a qualquer segundo vamos ouvir um grito de socorro.

Porrete não se incomodou em mexer o traseiro. Preferia deixar essas coisas para os soldados de infantaria. O comandante interino se considerava importante demais para se arriscar a uma situação insegura. Pelo bem do Povo em geral, era melhor que ele ficasse fora da zona de operações.

Butler desceu a escada de quatro em quatro degraus. Era provavelmente a primeira vez que ele abandonava o patrão Artemis numa crise. Mas Juliet era da família, e com certeza havia alguma coisa tremendamente errada com sua irmãzinha.

Aquela fada tinha dito alguma coisa para ela, e agora ela estava ali parada na cela, rindo. Butler temeu o pior. Se alguma coisa acontecesse com Juliet, ele não sabia como iria viver.

Sentiu uma gota de suor descer pelo cocuruto da cabeça raspada.

Toda a situação estava disparando em direções estranhas.

Fadas, magia, e agora uma refém solta na mansão. Como se podia esperar que ele controlasse as coisas? Era preciso uma equipe de quatro homens para guardar um político de pouca importância, mas esperava-se que ele contivesse sozinho essa situação impossível.

Butler disparou pelo corredor até o lugar que recentemente era a cela da capitã Short. Juliet estava esparramada na cama, fascinada por uma parede de concreto.

— O que você está fazendo? — perguntou ele, boquia-berto, sacando a Sig Sauer nove milímetros com uma facilidade treinada. Sua irmã mal lhe lançou um olhar.

— Quieto, seu gorila. Louie, a Máquina do Amor, está lutando. Ele não é tão forte, eu poderia encarar o sujeito.

Butler piscou. Ela estava falando bobagem. Obviamente drogada.

— Vamos. Artemis quer nós dois lá em cima, na sala de comando.

Juliet apontou a unha pintada para a parede.

— Artemis pode esperar. A disputa é pelo título inter-continental. E é uma tremenda luta. Louie comeu o leitãozinho de estimação do Suíno.

O mordomo examinou a parede. Estava definitivamente vazia. Não tinha tempo para isso.

— Certo. Vamos — rosnou ele, jogando a irmã sobre um dos ombros enormes.

— Nãão. Seu grandalhão chato! — Ela bateu nas costas dele com os punhos minúsculos. — Agora não. Suíno! Suínoooo!

Butler ignorou os protestos e saiu correndo. Quem, diabos, era esse tal de Suíno? Um dos namorados dela, sem dúvida.

No futuro ia ficar de olho em quem aparecesse na mansão.

— Butler? Responda.

Era Artemis, pelo rádio portátil. Butler levantou a irmã um pouco, para conseguir alcançar o cinto.

— Pirulito! — rugiu o patrão.

— Diga de novo. Acho que você disse...

— É... Eu quero dizer, saia daí. Busque cobertura!

Busque cobertura!

Buscar uma cobertura? A expressão militar não parecia correta, saindo da boca do patrão Artemis. Como um anel de diamantes de brinde num saco de doces.

— Buscar cobertura?

— Sim, Butler. Cobertura. Eu pensei que falar em termos primais seria o caminho mais rápido para suas funções cogniti-vas. Obviamente estava equivocado.

Assim, sim. Butler examinou o corredor em busca de um lugar onde se enfiar. Não havia muita escolha. O único abrigo era proporcionado pelas armaduras medievais encostadas nas paredes. O mordomo entrou no nicho atrás de um cavaleiro do século XIV completo com lança e clava.

Juliet bateu no peitoral da armadura.

— Está se achando forte? Eu poderia derrubar você com uma das mãos.

— Quieta — sibilou Butler.

Ele prendeu o fôlego e prestou atenção. Alguma coisa estava se aproximando da porta principal. Alguma coisa grande.

Butler se esticou o suficiente para espiar o saguão com um olho...

Então você poderia dizer que o portal explodiu. Mas esse verbo em particular não define o que aconteceu. Na verdade ele se despedaçou em lascas infinitesimais. Butler tinha visto uma coisa assim antes, quando um terremoto de magnitude sete havia rasgado a propriedade de um grande traficante colombiano segundos antes do momento em que ele iria explodir o lugar.

Isto agora era ligeiramente diferente. Mais localizado.

Muito profissional. Era uma clássica tática anti-terrorista. Acer-te-os com fumaça e armas de efeito moral, depois entre enquanto o alvo ainda estiver desorientado. O que quer que estivesse vindo, seria ruim. Ele tinha certeza. Estava absolutamente certo.

Nuvens de poeira se assentaram devagar, depositando uma fina película no tapete tunisiano. Madame Fowl ficaria furiosa, se ao menos pusesse um pé fora da porra do sótão. Os instintos de Butler lhe diziam para agir. Correr em ziguezague pelo térreo, procurar um lugar mais alto. Ficar abaixado para minimizar o alvo. Esta seria a hora perfeita para fazer isso, antes que a visibilidade melhorasse. A qualquer segundo uma chuva de balas estaria assobiando pela abertura, e o último lugar em que ele gostaria de estar era preso num andar inferior.

E em qualquer outro dia Butler teria agido. Chegaria à metade da escada antes que seu cérebro tivesse tempo para pensar duas vezes. Mas hoje estava com a irmãzinha sobre o ombro, falando bobagens, e a última coisa que ele queria era expô-la a um tiroteio. Com Juliet no estado em que se encon-trava, ela provavelmente desafiaria os comandos das fadas para uma luta livre. E apesar de sua irmã falar com bravata, na verdade ela não passava de uma criança. Não era páreo para militares treinados. Por isso Butler se agachou, empurrou Juliet contra uma tapeçaria pendurada atrás de uma armadura e verificou a arma.

Destravada. Bom. Venham me pegar, fadinhas.

Alguma coisa se moveu na névoa de poeira. Ficou imediatamente óbvio para Butler que a coisa não era humana. O

mordomo participara de muitos safáris para não reconhecer um animal quando o via. Examinou o passo da criatura. Possivelmente simiesca. A estrutura da parte superior do corpo era semelhante à de um macaco, mas era maior do que qualquer pri-mata que Butler já vira. Se fosse um símio de grande porte, essa pistola não adiantaria muito. Você podia enfiar cinco balas no crânio de um gorila e ele ainda teria tempo de comê-lo antes que seu cérebro percebesse que estava morto.

Mas não era um símio. Símios não tinham olhos noturnos.

Essa criatura tinha. Pupilas vermelhas e brilhantes, meio escondidas por trás de pêlos na testa. Também tinha presas, mas não como de elefante. Essas eram curvas, com bordas serrilha-das.

Armas para estripar. Butler sentiu uma pontada na boca do estômago. Ele já tivera essa sensação antes. Em seu primeiro dia na academia suíça. Era medo.

A criatura saiu da névoa de poeira. Butler ficou boquia-berto. De novo, pela primeira vez desde a academia.

O mordomo percebeu instantaneamente o que as fadas tinham feito. Tinham mandado um caçador primal. Uma criatura sem interesse em magia ou regras. Uma coisa que simplesmente mataria tudo em seu caminho, sem ligar para as espécies. Aquilo era o predador perfeito. Isso ficou claro pelas pontas dos dentes, feitas para rasgar carne, pelo sangue seco em crostas entre as garras e o ódio que se destilava dos olhos.

O troll se adiantou atabalhoadamente, forçando avista à luz do lustre. Garras amarelas rasparam o piso de mármore, soltando fagulhas. Agora a coisa estava farejando, fungando curiosamente, com a cabeça inclinada para o lado. Butler já tinha visto essa postura — Na cara de pit bulls esfomeados, logo antes que seus treinadores russos os soltassem para caçar ursos.

A cabeça peluda se imobilizou, com o focinho apontado direto para o esconderijo de Butler. Não era coincidência. O

mordomo espiou por entre os dedos da luva da armadura. Agora vinha a tocaia. Assim que um cheiro era sentido, o predador tentaria uma aproximação lenta e silenciosa, antes do ataque relâmpago.

Mas aparentemente o troll não tinha lido o manual dos predadores, porque não se incomodou com a aproximação fur-tiva, saltando direto para o ataque relâmpago. Movendo-se mais rápido do que Butler acharia possível, o troll saltou pelo corredor, empurrando a armadura medieval para o lado como se ela fosse um manequim de loja. Juliet piscou.

— Ahh — disse ela, boquiaberta. — Bob Pé Grande. O

campeão canadense de 1998. Achei que você estava nos Andes, procurando seus parentes.

Butler não se incomodou em corrigi-la. A irmã não estava lúcida. Pelo menos morreria feliz. Enquanto seu cérebro contemplava essa observação mórbida, a mão de Butler ia subindo com arma.

Ele apertou o gatilho com o máximo de velocidade que o mecanismo da Sig Sauer permitia. Dois no peito, três entre os olhos. Esse era o plano. Acertou os tiros no peito, mas o troll interveio antes que Butler pudesse completar os disparos. A interferência assumiu a forma de presas curvas que se enfiaram por baixo da guarda do mordomo. Elas se curvaram em volta de seu tronco, cortando a jaqueta reforçada com kevlar como uma navalha cortando papel.

Butler sentiu uma dor fria quando o marfim serrilhado cortou seu peito. Ele soube imediatamente que o ferimento era fatal. Sua respiração saiu com força. Um pulmão tinha ido embora, e jorros de sangue manchavam o pêlo do troll. Sangue dele.

Ninguém podia perder tanto sangue e ainda viver.

Mesmo assim a dor foi substituída instantaneamente por uma curiosa euforia. Alguma forma de anestésico natural injetado por canais nas presas da fera. Mais perigoso do que o veneno mais mortal. Em minutos Butler não apenas pararia de lutar, mas iria rindo para a sepultura.

O mordomo lutou contra o narcótico em seu sangue, fazendo toda a força possível no aperto do troll. Mas não adiantava. Sua luta terminou praticamente antes de começar.

O troll grunhiu, jogando por cima da cabeça a forma humana frouxa. O corpo enorme de Butler bateu na parede numa velocidade que os ossos humanos não podiam suportar.

Os tijolos estalaram do chão ao teto. A espinha de Butler também se partiu. Agora, mesmo que a perda de sangue não o der-rotasse, a paralisia derrotaria.

Juliet ainda estava fascinada pelo mesmer.

— Anda, irmão. Levante-se da lona. Nós sabemos que você está fingindo.

O troll fez uma pausa, com alguma curiosidade básica incomodada pela falta de medo. Ele teria suspeitado de um truque, se pudesse formular um pensamento tão complicado.

Mas no fim o apetite venceu. Essa criatura cheirava a carne.

Fresca e macia. A carne acima da terra era diferente. Cheia de cheiros da superfície. Uma vez que você comeu carne do ar livre, é difícil voltar. O troll passou a língua sobre os incisivos e estendeu a mão peluda...

Holly dobrou o Beija-Flor para perto do corpo, dando um mergulho controlado. Passou perto da balaustrada, emergindo na varanda abaixo de uma cúpula de vidro fumê. A luz da parada temporal se filtrava de modo estranho, partindo-se em densos fachos azulados.

Luz, pensou Holly. Os faróis do capacete tinham funcionado antes. Era tarde demais para o homem, ele era um saco de ossos partidos. Mas a fêmea ainda tinha alguns segundos antes que o troll a rasgasse ao meio.

Desceu espiralando pela luz falsa, procurando o botão do Sonix no controle do capacete. Os Sonix geralmente eram usados para caninos, mas neste caso talvez causassem uma distração momentânea. O bastante para ela chegar ao nível do chão.

O troll estava estendendo a mão lentamente para Juliet.

Era um gesto geralmente reservado para quem estava indefeso.

As garras iriam se enrolar abaixo das costelas, rompendo o co-ração. Dano mínimo à carne e nenhuma tensão de último minuto para endurecê-la.

Holly ativou o Sonix... e nada aconteceu. Isso não era bom.

Geralmente um troll comum ficaria no mínimo irritado pelo som em freqüência ultra-alta. Mas aquela fera em particular nem balançou a cabeça peluda. Havia duas possibilidades: uma, o capacete estava com defeito; duas, esse troll era surdo como um poste. Infelizmente Holly não tinha como saber, já que aquele tipo de som era inaudível para as fadas.

Qualquer que fosse, o problema forçou Holly a adotar uma estratégia que preferiria não ter de utilizar. O contato direto.

Tudo para salvar a vida de um humano. Tinha pirado de vez.

Sem dúvida.

Holly mudou a marcha, direto de quarta para ré. Isso não era muito bom para as engrenagens. Levaria uma bronca dos mecânicos, no caso improvável de sobreviver àquele pesadelo interminável. O efeito dessa reversão de engrenagens foi girá-la no ar, de modo que os saltos de suas botas estivessem apontados direto para a cabeça do troll. Holly se arrepiou. Dois entreveros com o mesmo troll. Inacreditável.

Os saltos acertaram a fera bem no cocuruto. A essa velocidade, havia pelo menos meia tonelada de força G no contato.

Apenas os reforços de seu uniforme impediram os ossos de Holly de se despedaçar. Mesmo assim ela ouviu um estalo no joelho.

A dor foi até a testa. O que arruinou também sua manobra de recuperação. Em vez de subir a uma altitude segura, Holly desmoronou nas costas do troll, ficando instantaneamente embolada nos pêlos grossos.

O troll ficou bastante irritado. Não somente alguma coisa o havia distraído do jantar, mas agora essa coisa estava embolada em seu pêlo, junto com as lesmas limpadoras. A fera se empertigou, esticando a mão em garra por cima do ombro. As unhas curvas rasparam o capacete de Holly, criando reentrâncias para-lelas na liga metálica. Juliet estava em segurança

por enquanto, mas Holly ocupara o lugar da garota na lista de indivíduos ameaçados de extinção.

O troll apertou com mais força, de algum modo conseguindo agarrar a cobertura anti-atrito do capacete, o que, segundo Potrus, era impossível. Teriam uma conversa muito séria.

Se não nesta vida, sem dúvida na outra.

A capitã Short se viu levantada até encarar o velho inimigo.

Lutou para se concentrar em meio à dor e à confusão.

Sua perna estava balançando como um pêndulo, e a respiração do troll batia em seu rosto em ondas rançosas.

Havia um plano, não havia? Sem dúvida ela não tinha voado até aqui embaixo só para se enrolar e morrer. Devia ter havido uma estratégia. Todos aqueles anos na Academia deviam ter lhe ensinado alguma coisa. Qualquer que fosse o plano, ele desapareceu para algum lugar entre a dor e o choque. Para fora do alcance.

— As luzes, Holly...

A voz em sua cabeça. Provavelmente estava falando consigo mesma. Uma experiência paranormal. Ha ha. Precisava se lembrar de contar isso a Potrus... Potrus?

— Acenda as luzes, Holly. Se essas presas entrarem em ação, você estará morta antes que a magia possa atuar.

— Potrus? É você? — Talvez Holly tenha dito isso em voz alta, ou talvez só tenha pensado. Não tinha certeza.

— Os faróis altos para túneis, capitã! — Uma voz diferente. Não tão afável. — Aperte o botão agora! Isso é uma ordem!

Epa. Era o Raiz. Ela estava fazendo besteira no trabalho de novo. Primeiro em Hamburgo, depois em Martina Franca, e agora isso.

— Sim, senhor — murmurou ela, tentando parecer profissional.

— Aperte! Agora, capitã Short!

Holly olhou direto nos olhos implacáveis do troll e apertou o botão. Muito melodramático. Ou teria sido, se as luzes tivessem funcionado. Infelizmente para Holly, na pressa, ela havia apanhado um dos capacetes canibalizados por Artemis Fowl. Por isso nada de Sonix, nada de filtros e nada de faróis de túnel. As lâmpadas halógenas ainda estavam instaladas, mas os fios tinham se soltado durante as investigações de Artemis.

— Minha nossa — suspirou Holly.

— Minha nossa! — latiu Raiz. — O que isso significa?

— Os faróis estão desconectados — explicou Potrus.

— Ah... — a voz de Raiz sumiu. O que mais haveria a dizer? Holly forçou a vista para o troll. Se você não soubesse que os trolls eram animais imbecis, juraria que a fera estava rindo.

Parado ali com sangue pingando dos vários ferimentos no peito, rindo. A capitã Short não gostava de que rissem dela.

— Ria disto — falou, e deu uma cacetada no troll com a única arma disponível. Sua cabeça envolta no capacete.

Sem dúvida foi um ato valente, mas quase tão eficaz quanto tentar cortar uma árvore com uma pena. Felizmente o golpe malfadado teve um efeito colateral. Por uma fração de segundo dois filamentos condutores se conectaram, lançando energia para um dos faróis de túnel. Quatrocentos watts de luz branca atravessaram os olhos vermelhos do troll, despachando pára-raios de agonia no cérebro.

— He, he — murmurou Holly, no segundo antes que o troll tivesse uma convulsão involuntária. Os espasmos a lançaram girando pelo piso de parquê, com as pernas se sacudindo.

A parede estava se aproximando a uma velocidade a-larmante. Talvez, pensou Holly esperançosa, este fosse um daqueles impactos onde a gente só sente dor bem mais tarde. Não, respondeu seu lado pessimista, acho que não. Holly bateu numa tapeçaria normanda cujos desenhos contavam uma história, fazendo-a despencar em cima dela. A dor foi imediata e avassala-dora.

— Uff — grunhiu Potrus. — Essa eu senti. O visual sumiu. Os sensores de dor foram até o final da escala. Seus pulmões estão ferrados, capitã. Vamos perdê-la durante um tempo. Mas não se preocupe, Holly, sua magia já deve estar começando a funcionar.

Holly sentiu a comichão azul da magia correndo para os vários ferimentos. Graças aos deuses por ter trazido a semente.

Mas foi um pouquinho tarde demais. A dor estava no limite.

Logo antes que a inconsciência a dominasse, a mão de Holly saiu de baixo da tapeçaria. E pousou no braço de Butler, tocando sua pele.

Espantosamente, o humano não estava morto. Uma pulsação irregular mandava o sangue através dos membros quebrados.

Cure, pensou Holly. E a magia correu por seus dedos.

O troll encarava um dilema — Que fêmea comer antes.

Escolhas, escolhas. Essa decisão não ficou mais fácil devido à agonia que se demorava zumbindo na cabeça peluda, ou ao monte de balas alojadas na gordura do peito. Por fim ele se decidiu pela moradora da superfície. Carne humana macia. Nada de músculos densos de fada para mastigar com dificuldade.

A fera se agachou, erguendo o queixo da garota com uma garra amarela. Uma jugular pulsante surgia preguiçosa por toda a extensão do pescoço. O coração ou o pescoço? pensou o troll. O

pescoço, estava mais perto. O bicho virou a garra de lado, até que a borda apertou de leve a macia carne humana. Um golpe rápido e o batimento cardíaco da garota expulsaria o sangue

de seu corpo.

Butler acordou, o que em si foi uma surpresa. Soube imediatamente que estava vivo, por causa da dor insuportável em cada centímetro cúbico de seu corpo. Isso não era bom. Podia estar vivo, mas considerando o fato de que seu pescoço estava virado em cento e oitenta graus, ele jamais poderia sequer passear com o cachorro, quanto mais resgatar a irmã.

O mordomo mexeu os dedos. Doíam como o diabo, mas pelo menos havia movimento. Era espantoso que ele tivesse algum motor funcionando, considerando o trauma que sua coluna havia sofrido. Os dedos dos pés também pareciam bem, mas poderia ser uma reação fantasma, já que ele não podia vê-los.

O sangramento no peito parecia ter parado, e ele estava pensando com coerência. No total, estava em condições muito melhores do que deveria. O quê, em nome do céu, estava acontecendo aqui?

Butler percebeu uma coisa. Havia fagulhas azuis dan-

çando em seu tronco. Ele devia estar alucinando, criando imagens agradáveis para se distrair do inevitável. Uma alucinação muito realista, deve-se dizer.

As fagulhas se concentravam nas áreas traumatizadas, afundando na pele. Butler estremeceu. Isso não era alucinação.

Alguma coisa extraordinária estava acontecendo.

Magia. Magia? Isso fez soar alguma coisa em seu crânio recém-consertado. Magia das fadas. Alguma coisa estava curando seus ferimentos. Virou a cabeça, fazendo uma careta de dor quando as vértebras rasparam umas nas outras. Havia uma mão pousada em seu braço. Fagulhas fluíam dos finos dedos élficos, intuitivamente procurando feridas, ossos quebrados ou cortes.

Havia muitos ferimentos a ser tratados, mas as fagulhas minúsculas cuidaram de tudo com rapidez e eficiência. Como um e-xército de castores místicos consertando os danos causados por uma tempestade.

Na verdade Butler podia sentir seus ossos se emendando e o sangue recuando de cascas de ferida semicoaguladas. Sua cabeça girou involuntariamente enquanto as vértebras se encai-xavam nos nichos, e a força voltou num jorro enquanto a magia reproduzia os três litros de sangue perdidos pelo ferimento no peito.

Butler saltou de pé — saltou mesmo. Ele era ele de novo.

Não.

Era mais do que isso. Estava mais forte do que nunca. O

bastante para atacar de novo aquela fera curvada sobre sua ir-mãzinha.

Sentiu o coração rejuvenescido se acelerar como um motor de popa sendo acionado. Calma, disse Butler a si mesmo.

A paixão é inimiga da eficiência. Mas, com ou sem calma, a situação era desesperadora. A

fera já o havia matado uma vez, e desta vez ele não tinha a Sig Sauer. Deixando de lado suas habilidades, seria ótimo ter uma arma. Alguma coisa pesada. Sua bota bateu num objeto metálico. Butler olhou para o entulho que restava da passagem do troll... Perfeito.

Havia apenas chuviscos na tela.

— Ande — insistiu Raiz. — Depressa!

Potrus passou por seu superior.

— Se você não insistisse em bloquear todos os painéis de circuito!

Raiz saiu do caminho, de má vontade. Em sua mente a culpa era dos painéis de circuito, por estarem atrás dele. A cabeça do centauro desapareceu numa portinhola de acesso.

— Alguma coisa?

— Nada. Só interferência.

Raiz bateu na tela. Não era boa idéia. Primeiro porque não havia uma chance em um milhão de que isso ajudasse, e segundo porque as telas de plasma ficam extremamente quentes depois de uso prolongado.

— D'Arvit!

— Não toque nessa tela, a propósito.

— Oh, ha ha. Agora temos tempo para piadas, é?

— Na verdade, não. Alguma coisa?

O chuvisco se assentou em formas reconhecíveis.

— É isso, segure aí. Temos um sinal.

— Eu ativei a câmera secundária. Infelizmente é vídeo simples, antigo, mas terá de servir.

Raiz não comentou. Estava olhando a tela. Isso devia ser um filme. Não podia ser a vida real.

— Então o que está acontecendo? Alguma coisa interessante?

Raiz tentou responder, mas seu vocabulário de soldado não tinha os superlativos adequados.

— O que é? O que é?

O comandante fez uma tentativa: — É... o humano... eu nunca... Ah, esqueça, Potrus. Você terá de ver por si mesmo.

Holly viu todo o episódio através de uma abertura nas dobras da tapeçaria. Se não tivesse visto, não acreditaria. Na verdade, só quando reviu o videoteipe para fazer o relatório ela teve certeza de que a coisa toda não foi uma alucinação provocada por uma experiência de quase-morte. A seqüência em vídeo se transformou numa espécie de lenda, inicialmente sendo mostrada nos programas a cabo de Filmes domésticos amadores e terminando no currículo de luta corpo-a-corpo da academia.

O humano, Butler, estava vestindo uma armadura medieval. Por incrível que parecesse, ele pretendia lutar com o troll.

Holly tentou alertá-lo, tentou fazer algum som, mas a magia ainda não havia inflado de novo seus pulmões esmagados.

Butler fechou o visor, levantando uma clava maligna.

— Agora — grunhiu ele. — Vou mostrar o que acontece com quem encosta a mão na minha irmã.

O humano girou a clava como se fosse um bastão de chefe de torcida, acertando-a entre as omoplatas do troll. Um golpe daqueles, apesar de não ser fatal, certamente distraiu o troll de sua vítima.

Butler plantou o pé logo acima dos quadris da fera e puxou a arma. Ela se soltou com um som enjoativo, sugado. Ele recuou, assumindo uma postura de defesa.

O troll se virou para ele, todas as dez garras se estendendo totalmente. Gotas de veneno brilhavam na ponta de cada presa. Chega de brincadeira. Mas desta vez não haveria um ataque relâmpago. O monstro estava cauteloso, tinha sido machu-cado.

Este último atacante receberia o mesmo respeito dado a outro macho de sua espécie. Para o troll, seu território estava sendo invadido. E havia apenas um modo de solucionar uma disputa dessa natureza. O mesmo modo pelo qual os trolls re-solviam qualquer disputa...

— Devo lhe avisar — disse Butler, impassível. — Eu estou armado e preparado para usar força mortal, se necessário.

Holly teria gemido, se pudesse. Zombaria! O humano estava tentando atrair o troll para uma troca de insultos machistas.

Então a capitã Short percebeu seu erro. As palavras não eram importantes, era o tom que ele empregava. Calmo, tranqüilizador. Como um treinador com um unicórnio assustado.

— Afaste-se dela. Calma agora.

O troll estufou as bochechas e uivou. Tática de ame-drontamento. Testando o terreno. Butler não se abalou.

— É, é. Assustador de verdade. Agora recue e saia pela porta, e eu não terei de parti-lo em pedacinhos.

O troll fungou, perplexo com aquela reação. Geralmente seu rugido fazia qualquer criatura correr pelo túnel.

— Um passo de cada vez. Direitinho e devagar. Calma aí, amigão.

Quase dava para ver nos olhos do troll. Um tremor de incerteza. Talvez esse humano fosse...

E foi então que Butler atacou. Dançou debaixo das presas, dando um golpe devastador, de baixo para cima, com sua arma medieval. O troll cambaleou para trás, com as garras se agitando loucamente. Mas era tarde demais: Butler tinha saído do alcance, indo para o outro

lado do corredor.

O troll cambaleou atrás dele, cuspindo dentes soltos das gengivas transformadas em polpa. Butler se ajoelhou, deslizando e girando no chão encerado como se ele fosse um patinador.

Abaixou-se e fez uma pirueta, virando de frente para o monstro.

— Adivinha O que eu achei? — falou, levantando a Sig Sauer.

Dessa vez nada de tiros no peito. Butler esvaziou o resto do pente da automática num círculo de dez centímetros de di-

âmetro entre os olhos do troll. Infelizmente para Butler, devido a milênios passados se chocando uns contra os outros, os trolls desenvolveram uma grossa cobertura de osso acima das sobrancelhas. De modo que os tiros dados em obediência ao manual não penetraram no crânio, apesar de as balas terem cobertura de teflon.

Mas dez balas Devastador não podem ser ignoradas por nenhuma criatura no planeta, e o troll não era exceção. As balas marretaram uma tatuagem em seu crânio, causando uma concussão instantânea. O animal cambaleou para trás, batendo na própria testa. Butler estava atrás dele numa fração de segundo, acertando um dos pés peludos com os espetos da clava.

O troll tinha sofrido uma concussão, estava cego pelo sangue, e aleijado. Uma pessoa normal sentiria uma ponta de remorso, mas não Butler. Ele tinha visto muitos homens sendo rasgados por animais feridos. Agora era a hora perigosa. Não era hora de misericórdia, era hora de terminar, com dano extremo.

Holly só pôde olhar impotente enquanto o humano mirava com cuidado e dava uma série de golpes na criatura ferida.

Primeiro acertou nos tendões, fazendo o troll cair de joelhos, depois abandonou a clava e passou a trabalhar com as mãos dentro das luvas da armadura, talvez mais mortais do que a clava tinha sido.

O infeliz troll lutou pateticamente, até conseguindo acertar alguns socos. Mas eles não conseguiram penetrar na armadura antiga.

Enquanto isso Butler cortava como um cirurgião. Partindo da suposição de que a psique dos trolls e dos humanos era basicamente igual, deu golpe após golpe na criatura imbecil, reduzindo-a em alguns segundos a um monte de pêlos trêmulos.

Foi de dar pena.

E o mordomo ainda não havia terminado. Tirou as luvas ensangüentadas e colocou um pente novo na arma.

— Vejamos quanto osso você tem debaixo do queixo.

— Não — ofegou Holly, com a primeira respiração em seu corpo. — Não!

Butler a ignorou, enfiando o cano debaixo do queixo do troll.

— Não faça isso... Você me deve uma.

Butler fez uma pausa. Juliet estava viva, era verdade.

confusa, certamente, mas viva. Ele usou o polegar para recolocar o percussor da pistola. Cada célula em seu cérebro gritava para ele apertar o gatilho. Mas Juliet estava viva.

— Você me deve, humano.

Butler suspirou. Iria se arrepender disso mais tarde.

— Muito bem, capitã. A fera vive para lutar mais um dia.

Sorte dele, eu estou de bom humor.

Holly fez um ruído. Era algo entre um gemido e um risinho.

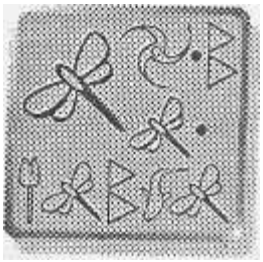
— Agora vamos nos livrar de nosso amigo peludo.

Butler rolou o troll inconsciente para cima de um carri-nho de transportar armaduras. Com um esforço enorme, empurrou o trambolho para a noite suspensa.

— E não volte! — gritou.

— Espantoso — disse Raiz.

— Não diga — concordou Potrus.



CAPÍTULO 9: **ÁS NA MANGA**

Artemis experimentou a maçaneta da porta e queimou a mão. Lacrada. A fada devia ter dado um tiro na fechadura com sua arma.

Muito astuta. Uma variável a menos na equação.

Era exatamente o que ele teria feito.

Não perdeu tempo tentando abrir a porta à força. Era de aço reforçado e ele tinha doze anos. Não é preciso ser gênio para deduzir, ainda que ele fosse. Em vez disso, o herdeiro dos Fowl atravessou a sala até a parede de monitores e seguiu dali os acontecimentos.

Soube imediatamente o que a LEP tinha decidido fazer — mandar o troll para garantir um pedido de socorro, interpretá-lo como um convite e em seguida uma brigada de soldados goblins estaria ocupando a mansão. Inteligente. E não fora previsto. Era a segunda vez em que ele havia subestimado os opo-nentes. De um modo ou de outro, não haveria uma terceira.

A medida que o drama se desenrolava nos monitores, as emoções de Artemis saltaram do terror ao orgulho. Butler tinha conseguido. Derrotara o troll, e sem um único pedido de

socorro nos lábios.

Olhando aquilo Artemis apreciou totalmente, talvez pela primeira vez, o serviço prestado pela família Butler. Ativou o rádio de três faixas, transmitindo em todas as freqüências.

— Comandante Raiz, presumo que esteja monitorando os canais...

Durante alguns instantes apenas ruído emanou dos al-to-falantes microscópicos, até que Artemis ouviu o barulho agudo de um microfone sendo ligado.

— Estou ouvindo, humano. O que posso fazer por você?

— É o comandante?

Um ruído se filtrou através do tecido preto sobre os al-to-falantes. Parecia um relincho.

— Não. Não é o comandante. É Potrus, o centauro. É

aquele humano seqüestrador vagabundo?

Artemis levou um instante para processar o fato de que tinha sido insultado.

— Senhor... ah... Potrus. Obviamente não estudou seus textos de psicologia. Não é sensato antagonizar quem está com a refém. Eu posso ser instável.

— Pode ser instável? Não há pode nisso. Não que isso importe. Logo você não passará de uma nuvem de moléculas radioativas.

Artemis deu um risinho.

— É aí que você está enganado, meu amigo quadrúpede.

Quando aquela biobomba for detonada, eu já terei saído há muito desta parada temporal.

Foi a vez de Potrus rir.

— Está blefando, humano. Se houvesse um modo de escapar do campo, eu teria descoberto. Acho que você está pensando com o...

Felizmente foi nesse momento que Raiz pegou o microfone.

— Fowl? Aqui é o comandante Raiz. O que você quer?

— Só gostaria de informar, comandante, que apesar de sua tentativa de traição eu ainda estou disposto a negociar.

— Aquele troll não teve nada a ver comigo. Isso foi feito contra a minha vontade.

— O fato é que foi feito, e pela LEP. O trato que tí-

nhamos se acabou. Então eis meu ultimato: o senhor tem trinta minutos para mandar o ouro, caso contrário eu me recuso a soltar a capitã Short. Além disso, não irei levá-la comigo quando sair do campo temporal, deixando-a para ser desintegrada pela biobomba.

— Não seja idiota, humano. Você está se iludindo. A tecnologia da Lama é atrasada milênios com relação à nossa. Não há como escapar do campo temporal.

Artemis chegou perto do microfone, dando seu sorriso de lobo.

— Só há um meio de descobrir, Raiz. Está disposto a apostar a vida da capitã Short?

A hesitação de Raiz foi sublinhada pelo sibilar de interferência. Sua resposta, quando veio, tinha apenas um leve tom de derrota.

— Não — suspirou ele. — Não estou. Você terá seu ouro, Fowl. Uma tonelada. Vinte e quatro quilates.

Artemis deu um risinho de desprezo. Tremendo ator, nosso comandante Raiz.

— Trinta minutos, comandante, conte os segundos, se os seus relógios pararam. Eu estou esperando, mas não por muito tempo.

Artemis encerrou o contato, recostando-se na cadeira giratória.

Parecia que a isca fora aceita. Sem dúvida os analistas da LEP tinham descoberto seu convite "acidental". O Povo das Fadas pagaria, porque acreditava que o ouro seria deles de novo assim que Artemis estivesse morto. Vaporizado por uma biobomba. O que, claro, não ia acontecer. Em teoria.

Butler disparou três tiros contra o portal. A porta em si era de aço e teria feito as balas Devastador ricochetearem de volta para ele. Mas o portal era da pedra porosa original usada para construir a mansão, e se despedaçou como giz. Uma falha de segurança muito básica, e que teria de ser remediada assim que este negócio terminasse.

O patrão Artemis estava esperando calmamente em sua cadeira perto do banco de monitores.

— Bom trabalho, Butler.

— Obrigado, Artemis. Nós tivemos problema durante um momento lá embaixo. Se não fosse a capitã...

Artemis assentiu.

— É. Eu vi. Cura, uma das artes das fadas. Fico imaginando por que ela fez isso.

— Eu também — disse Butler em voz baixa. — Nós certamente não merecemos.

Artemis ergueu os olhos incisivamente.

— Mantenha a fé, velho amigo. O fim está à vista.

Butler assentiu; até mesmo tentou um sorriso. Mas apesar de haver muitos dentes no riso, não havia coração.

— Dentro de menos de uma hora a capitã Short estará de volta ao seu povo, e nós teremos dinheiro suficiente para relançar alguns de nossos empreendimentos mais agradáveis.

— Eu sei. É que...

Artemis não precisava perguntar. Sabia exatamente o que Butler estava sentindo. A fada tinha salvado a vida dos dois, e mesmo assim ele insistia em cobrar o resgate. Para um homem de honra como Butler, isso estava quase além do que ele podia suportar.

— As negociações terminaram. De um modo ou de outro ela será devolvida ao seu povo.

Nenhum mal acontecerá à capitã Short. Você tem minha palavra.

— E Juliet?

— Sim?

— Minha irmã corre algum perigo?

— Não. Perigo nenhum.

— As fadas vão nos entregar esse ouro e ir embora?

Artemis fungou baixinho.

— Não, não exatamente. Eles vão detonar uma biobomba na mansão no segundo em que a capitã Short estiver livre.

Butler inspirou, pretendendo falar, mas hesitou. Obviamente havia mais alguma coisa no plano. O patrão Fowl diria quando ele precisasse saber. Então, em vez de interrogá-lo, Butler fez uma declaração simples.

— Eu confio em você, Artemis.

— Sim — respondeu o garoto, com o peso dessa confiança riscado na testa. — Eu sei.

Porrete estava fazendo o que os políticos fazem melhor: tentando se livrar da responsabilidade.

— Sua oficial ajudou os humanos — disse ele bruscamente, juntando o máximo de indignação possível. — Toda a operação estava seguindo exatamente como planejado, até que sua policial atacou o nosso agente.

— Agente? — zombou Potrus. — Agora o troll é um agente.

— Sim. É. E aquele humano o transformou em picadinho. Toda a situação poderia ter se resolvido se não fosse a in-competência de seu departamento.

Normalmente Raiz já teria perdido a cabeça, mas sabia que Porrete estava se apegando a qualquer coisa, tentando de-sesperadamente salvar a carreira. Por isso o comandante apenas sorriu.

— Ei, Potrus?

— Sim, comandante?

— Nós temos o ataque do troll gravado em disco?

O centauro deu um suspiro dramático.

— Não, senhor, nós ficamos sem discos logo antes de o troll entrar.

— Que pena!

— Uma vergonha.

— Aqueles discos poderiam ser valiosíssimos para o comandante interino Porrete em sua

audiência no tribunal.

A tranqüilidade de Porrete saiu voando pela janela.

— Dê-me esses discos, Julius. Esta é uma obstrução descarada.

— Você é o único culpado de obstrução aqui, Porrete.

Usando esse caso para subir na carreira.

O rosto de Porrete assumiu um tom que combinava com o de Raiz. A situação escapava ao seu controle, e ele sabia disso.

Até mesmo Chix Verbil e os outros duendes estavam se afastando do líder.

— Eu ainda estou no comando aqui, Julius, portanto entregue esses discos ou eu vou detê-lo.

— Ah, verdade? Você e o exército de quem?

Por um segundo o rosto de Porrete brilhou com a pompa antiga. Mas ela se evaporou no momento em que ele percebeu a óbvia falta de oficiais ao seu lado.

— Isso mesmo — zombou Potrus. — Você não é mais o comandante interino. A notícia veio lá de baixo. Você tem um compromisso com o Conselho, e eu não acho que é para lhe oferecer um lugar.

Foi provavelmente o riso de Potrus que fez Porrete passar do limite.

— Dê-me esses discos! — rugiu ele, apertando Potrus contra a parede do lançador.

Raiz sentiu-se tentado a deixá-los lutar um tempo, mas não era hora de se divertir.

— Menino malvado — disse ele, apontando o indicador para Porrete.

— Ninguém bate em Potrus, só eu.

Potrus empalideceu.

— Cuidado com esse dedo, você ainda está usando o...

O polegar de Raiz esbarrou acidentalmente no nó do indicador, abrindo uma minúscula válvula de gás. O gás liberado lançou um dardo tranqüilizante através do látex da ponta do dedo, direto para o pescoço de Porrete. O comandante interino, futuro soldado raso, desmoronou como uma pedra.

Potrus esfregou o pescoço.

— Belo tiro, comandante.

— Não sei do que você está falando. Foi um acidente. Eu tinha me esquecido do dedo falso. Há vários precedentes, pelo que eu soube.

— Ah, sem dúvida. Infelizmente Porrete ficará inconsciente durante várias horas. Quando acordar, toda a agitação terá terminado.

— Que pena. — Raiz se permitiu um riso rápido, depois era voltar aos negócios. — O

ouro está aqui?

— Sim, eles acabaram de mandar.

— Bom. — Em seguida gritou para os envergonhados subalternos de Porrete: — Carreguem-no numa plataforma flutuante e mandem para lá. Se acontecer algum problema eu faço vocês comerem suas asas. Entendido?

Ninguém respondeu, mas estava claro. Sem dúvida.

— Bom. Vão andando.

Raiz desapareceu no veículo que funcionava como centro de operações, com Potrus batendo os cascos logo atrás. O

comandante fechou a porta com força.

— Está armada?

O centauro apertou alguns interruptores de aparência importante no painel principal.

— Agora está.

— Quero que a lance assim que for possível. — Ele olhou pelo vidro refrator à prova de laser. — Nós só temos alguns minutos. Estou vendo a luz do sol querendo atravessar.

Potrus se curvou sério sobre seu teclado.

— A magia está se rompendo. Dentro de quinze minutos estaremos no meio do dia na superfície. As correntes de neutrino estão perdendo a integridade.

— Sei — disse Raiz, o que era basicamente uma mentira de novo. — Certo, não sei. Mas entendi a parte sobre os quinze minutos. Isso lhe dá dez minutos para tirar a capitã Short de lá.

Depois disso seremos alvos fáceis para toda a raça humana.

Potrus ativou outra câmera. Esta era ligada à plataforma flutuante. Passou um dos dedos de leve sobre um trackpad. A plataforma disparou para a frente, quase decapitando Chix Verbil.

— Belo controle — murmurou Raiz. — Ela sobe a escada?

Potrus nem levantou os olhos dos computadores.

— Compensador de liberação automático. Alcance de um metro ponto cinco. Sem problema.

Raiz cravou-lhe um olhar irado.

— Você faz isso só para me chatear, não é?

Potrus deu de ombros.

— Talvez.

— Sim, bem, considere-se com sorte porque meus outros dedos não estão carregados. Entendeu o que eu disse?

— Sim, senhor.

— Bom. Agora vamos trazer a capitã Short para casa.

Holly estava pairando na varanda. Fachos de luz alaranjada riscavam o azul. A parada temporal estava se rompendo.

Restavam apenas alguns minutos antes que Raiz desse uma enxaguada azul naquele lugar. A voz de Potrus zumbiu em seu fone de ouvido.

— Certo, capitã Short. O ouro está a caminho. Esteja pronta para agir.

— Nós não barganhamos com seqüestradores — disse Holly, surpresa. — O que está acontecendo aqui?

— Nada — respondeu Potrus casualmente. — Uma troca simples. O ouro entra, você sai. Nós mandamos o míssil.

Uma grande explosão azul, e tudo acaba.

— Fowl sabe da biobomba?

— Sim. Sabe de tudo. Diz que pode escapar do campo temporal.

— Isso é impossível.

— Correto.

— Mas todos eles serão mortos!

— Grande coisa — retrucou Potrus, e Holly quase pôde vê-lo dando de ombros. — É isso que dá mexer com o Povo.

Holly estava dividida. Sem dúvida Fowl era um perigo para o mundo civilizado no subsolo. Muito poucas lágrimas seriam derramadas sobre seu corpo. Mas a garota, Juliet, era inocente.

Merecia uma chance. Holly desceu para uma altitude de dois metros. A altura da cabeça de Butler. Os humanos estavam reunidos no monte de destroços que tinha sido um corredor.

Havia uma desunião entre eles. A oficial da LEP podia sentir.

Holly olhou acusadoramente para Artemis.

— Você contou a eles?

Artemis devolveu o olhar.

— Contei o quê?

— Sim, fada, contou o quê? — ecoou Juliet beligerante, ainda um pouco emburrada por causa do mesmer.

— Não banque o idiota, Fowl. Você sabe do que estou falando.

Artemis nunca podia bancar o idiota durante muito tempo.

— Sim, capitã Short, contei. A biobomba. Sua preocupação seria tocante, caso se estendesse a mim. Mesmo assim não se abale. Tudo está seguindo de acordo com o plano.

— De acordo com o plano! — ofegou Holly, apontando para a devastação ao redor. — Isto era parte do plano? E Butler quase ser morto, fazia parte do plano?

— Não — admitiu Artemis. — O troll foi um ligeiro desvio. Mas irrelevante para o esquema geral.

Holly resistiu à ânsia de dar outro soco naquele humano pálido, e em vez disso se virou para Butler.

— Escute a razão, pelo amor de Deus. Vocês não podem escapar do campo temporal. Isso nunca foi feito.

As feições de Butler pareciam esculpidas em pedra.

— Se Artemis diz que pode ser feito, pode.

— Mas sua irmã. Você está disposto a arriscar a vida dela por lealdade a um criminoso?

— Artemis não é criminoso, moça, ele é um gênio. Agora, por favor, retire-se de minha linha de visão. Eu estou monitorando a entrada principal.

Holly subiu a seis metros de altura.

— Vocês são malucos. Todos vocês! Dentro de cinco minutos todos vão virar pó. Não percebem?

Artemis suspirou.

— Você teve sua resposta, capitã. Agora, por favor. Este é um estágio delicado nos trâmites.

— Trâmites? Isto é um seqüestro! Pelo menos tenha coragem de dar o nome certo.

A paciência de Artemis estava começando a se esgarçar.

— Butler, nós ainda temos algum dardo tranqüilizante?

O mordomo gigantesco assentiu, mas não falou. Naquele exato momento, se viesse a ordem para sedá-la, ele não tinha certeza de que obedeceria. Por sorte a atenção de Artemis foi desviada por atividade na avenida.

— Ah, parece que a LEP capitulou. Butler, supervisione a entrega. Mas fique alerta. Nossos amigos das fadas não estão isentos de trapaças.

— Olhem só quem fala — murmurou Holly.

Butler correu até o portal demolido, verificando o pente e a trava de sua Sig Sauer nove milímetros. Estava quase agra-decendo por um pouco de atividade militar para distraí-lo de seu dilema. Em situações assim, o treinamento assumia o controle.

Não havia espaço para sentimentos.

Uma fina névoa de poeira pairava no ar. Butler forçou a vista através dela, olhando a

avenida mais além. Os filtros do capacete das fadas, presos sobre seus olhos, revelavam que não havia corpos quentes se aproximando. Mas havia uma grande plataforma aparentemente andando sozinha até a porta da frente.

Flutuava num colchão de ar que tremulava. Sem dúvida o patrão Artemis entenderia a física daquela máquina, tudo com que Butler se importava era se ele podia ou não fazê-la parar.

A plataforma bateu no primeiro degrau.

— Compensador automático é o meu pé! — Fungou Raiz.

— É, é, é — Respondeu Potrus. — Eu estou trabalhando nisso.

— É o resgate — gritou Butler.

Artemis tentou conter a empolgação que subia pelo peito.

Esta não era a hora de permitir que as emoções penetrassem na equação.

— Verifique alguma armadilha.

Butler saiu cautelosamente para a varanda. Estilhaços de gárgulas desintegradas se espalhavam sob seus pés.

— Nada de aparência hostil. Parece ter algum motor interno. A plataforma se sacudiu sobre os degraus.

— Não sei quem está dirigindo esta coisa, mas seria bom que ele tivesse umas aulas.

Butler se abaixou, examinando a parte de baixo da plataforma.

Em seguida extraiu do bolso um detector, esticando a antena telescópica.

— Nada de suspeito. Pelo menos nada perceptível. Mas o que temos aqui?

— Epa — disse Potrus.

— É uma câmera.

Butler esticou a mão, puxando a lente olho-de-peixe pelo cabo.

— Tchauzinho, cavalheiros.

Apesar da carga que transportava, a plataforma reagiu facilmente ao toque de Butler, deslizando pela abertura da porta até o saguão. Ficou ali zumbindo baixinho, como se esperasse para ser descarregada.

Agora que chegara o momento, Artemis estava quase com medo de pegá-lo. Era difícil acreditar que, depois de todos aqueles meses, seu plano maligno estava a minutos de dar resultado. Claro que esses últimos minutos eram os mais vitais, e os mais perigosos.

— Abra — disse finalmente, surpreso com o tremor da própria voz.

Era um momento irresistível. Juliet se aproximou hesi-tando, com os olhos arregalados. Até Holly diminuiu a velocidade das asas, baixando até que seus pés tocassem o piso de mármore.

Butler abriu o zíper da lona preta, puxando-o por toda a extensão da carga.

Ninguém disse nada. Artemis imaginou que, em algum lugar, a Abertura 1812 estaria tocando. O ouro estava ali, empi-lhado em fileiras brilhantes. Parecia ter uma aura, um calor, mas também um perigo inerente. Havia muita gente disposta a morrer ou matar pela riqueza inimaginável que aquele ouro podia trazer.

Holly estava hipnotizada. As fadas têm uma afinidade com os minérios, eles são da terra. Mas o ouro era o predileto.

Seu brilho. Sua atração.

— Eles pagaram — sussurrou ela. — Não posso acreditar.

— Nem eu — murmurou Artemis. — Butler, é de verdade?

Butler pegou uma barra na pilha. Enfiou aponta de uma faca no lingote, arrancando uma pequena lasca.

— É de verdade — falou, estendendo a lasca para a luz.

— Pelo menos este.

— Bom. Muito bom. Comece a descarregar, certo?

Vamos mandar a plataforma de volta com a capitã Short.

O som de seu nome afastou de Holly a febre do ouro.

— Artemis, desista. Nenhum humano jamais conseguiu ficar com ouro das fadas. E eles vêm tentando há séculos. A LEP

fará qualquer coisa para proteger o que é dela.

Artemis balançou a cabeça. Divertido.

— Eu lhe disse.

Holly o agarrou pelos ombros.

— Você não pode escapar! Não entende?

O garoto devolveu o olhar com frieza.

— Eu posso escapar. Olhe nos meus olhos e diga que não posso.

Ela olhou. A capitã Short olhou nos olhos azuis escuros de seu seqüestrador e viu a verdade. E por um momento acre-ditou.

— Ainda há tempo — falou desesperada. — Deve haver alguma coisa. Eu tenho magia.

Uma ruga de irritação franziu a testa do garoto.

— Odeio desapontá-la, capitã, mas não há absolutamente nada.

Artemis fez uma pausa, o olhar atraído momentaneamente para cima, em direção ao sótão convertido. Talvez, pensou. Será que realmente preciso deste ouro? E não era sua consciência que o estava beliscando, azedando a doçura da vitó-

ria? Estremeceu. Atenha-se ao plano. Nada de emoção.

Artemis sentiu uma palma familiar no ombro.

— Está tudo bem?

— Sim, Butler. Continue descarregando. Peça a Juliet para ajudar. Eu preciso falar com a capitã Short.

— Tem certeza de que não há nada errado?

Artemis suspirou.

— Não, velho amigo, não tenho certeza. Mas agora é tarde demais.

Butler assentiu, voltando à tarefa. Juliet foi atrás dele como um cachorrinho.

— Agora, capitã. Quanto à sua magia.

— O que há com ela? — Os olhos de Holly estavam cobertos pela suspeita.

— O que eu tenho de fazer para comprar um desejo?

Holly olhou para a plataforma.

— Bom, isso depende. O que você tem para barganhar?

Não se pode dizer que Raiz estivesse relaxado. Faixas cada vez mais largas de luz amarela atravessavam o azul. Faltavam minutos. Minutos. Sua enxaqueca não era ajudada pelo charuto forte que enchia o organismo com toxinas.

— Todo o pessoal não-essencial foi evacuado?

— A não ser que eles tenham voltado desde a última vez em que você me perguntou.

— Agora não, Potrus. Acredite, não é hora. Alguma coisa da capitã Short?

— Nada. Nós perdemos o vídeo depois do negócio do troll. Acho que a bateria se rompeu. É melhor tirarmos aquele capacete dela o mais rápido possível, ou a radiação vai fritar seu cérebro. Seria uma pena, depois de todo esse trabalho.

Potrus voltou ao console. Uma luz vermelha começou a pulsar suavemente.

— Espere, sensor de movimento. Temos atividade na entrada principal.

Raiz foi até as telas.

— Você pode ampliar?

— Sem problema. — Potrus digitou as coordenadas, ampliando em 400 por cento. Raiz sentou-se na cadeira mais próxima.

— Eu estou vendo o que acho que estou vendo?

— Claro que está. — Potrus deu um risinho. — Isto é melhor até mesmo do que a armadura.

Holly estava saindo. Com o ouro. A equipe de resgate estava junto dela em meio segundo.

— Vamos tirá-la da zona de perigo, capitã — insistiu um duende alado, agarrando Holly pelo cotovelo. Outro passou um sensor de radiatividade sobre seu capacete.

— Temos um rompimento de fonte de energia aqui, capitã. Precisamos desinfectar sua cabeça imediatamente.

Holly abriu a boca para protestar, e foi instantaneamente enchida por espuma supressora de radiatividade.

— Isso não pode esperar? — cuspiu ela.

— Desculpe, capitã. O tempo é essencial. O comandante quer uma reunião antes de detonarmos.

Holly foi levada para a Unidade Operacional Móvel. Em volta dela os Limpadores da equipe de resgate examinavam o terreno procurando qualquer sinal do cerco.

Técnicos desmontavam as parabólicas do campo, pre-parando-se para o desligamento. Grunts guiou a plataforma em direção ao portal. Era imperativo que tudo fosse recolocado numa distância segura antes que a biobomba explodisse.

Raiz estava esperando na escada.

— Holly — disse ele num rompante. — Quero dizer, capitã. Você conseguiu.

— Sim, senhor. Obrigada, senhor.

— E o ouro também. Isto é um grande motivo de orgulho para você.

— Bom, não totalmente, comandante. Acho que é só a metade.

Raiz assentiu.

— Não importa. Teremos o resto muito em breve.

Holly enxugou a espuma anti-radioativa da testa.

— Eu estive pensando nisso, senhor. Fowl cometeu outro erro. Ele não ordenou que eu não entrasse de novo na casa, e como foi ele que me trouxe, o convite continua de pé. Eu poderia entrar e fazer uma limpeza mental nos ocupantes. Poderíamos esconder o ouro nas paredes e fazer outra parada temporal amanhã de noite...

— Não, capitã.

— Mas, senhor...

As feições de Raiz recuperaram toda a tensão que tinham perdido.

— Não, capitã. O conselho não vai aceitar um Homem da Lama seqüestrador. Simplesmente não vai acontecer. Eu tenho minhas ordens, e acredite, elas são inflexíveis.

Holly acompanhou Raiz até o veículo.

— Mas a garota, senhor. Ela é inocente!

— Baixa de guerra. Ela ficou do lado errado. Nada pode ser feito por ela agora.

Holly estava incrédula.

— Uma baixa de guerra? Como pode dizer isso? Uma vida é uma vida.

Raiz girou bruscamente, agarrando-a pelos ombros.

— Você fez o que pôde, Holly. Ninguém poderia ter feito mais. Até mesmo recuperou a maior parte do resgate. Está sofrendo do que os humanos chamam de síndrome de Esto-colmo: está ligada aos seus captores. Não se preocupe, isso passa.

Mas aquelas pessoas lá dentro sabem. Sabem sobre nós. Nada pode salvá-las agora.

Potrus ergueu os olhos depois de fazer alguns cálculos.

— Não é verdade. Tecnicamente. A propósito, Holly, bem-vinda.

Holly não podia gastar nem mesmo um segundo para devolver o cumprimento.

— O que quer dizer com não é verdade?

— Eu estou bem, já que você perguntou.

— Potrus! — gritaram Raiz e Holly em uníssono.

— Bom, como diz o Livro, "Se o Homem da Lama pegar nosso bem, apesar da magia e do encanto também, o amado ouro dele vai ser, até o dia em que morrer". Então, se ele viver, ele ganha. É simples. Nem mesmo o Conselho irá contra o Livro.

Raiz coçou o queixo.

— Eu deveria estar preocupado?

Potrus deu um riso seco.

— Não. Seria melhor que aqueles caras morressem.

— Seria melhor não basta.

— Isto é uma ordem?

— Afirmativo, soldado.

— Eu não sou soldado — disse Potrus, e apertou o botão.

Butler ficou mais do que um pouco surpreso.

— Você devolveu?

Artemis assentiu.

— Mais ou menos a metade. Ainda temos uma boa parte.

Uns quinze milhões de dólares pelo preço de hoje.

Geralmente Butler não perguntava. Mas dessa vez se sentiu obrigado.

— Por quê, Artemis? Pode me dizer?

— Acho que sim. — O garoto sorriu. — Eu senti que devia alguma coisa à capitã. Por serviços prestados.

— Só isso?

Artemis assentiu. Não precisava falar do desejo. Isso poderia ser percebido como uma fraqueza.

— Hmm — disse Butler, mais esperto do que parecia.

— Agora devemos comemorar — exclamou Artemis, habilmente mudando de assunto.

— Um pouco de champanha, acho.

O garoto foi até a cozinha antes que o olhar de Butler pudesse dissecá-lo.

Quando os outros o alcançaram, Artemis já havia en-chido três taças com Don Perignon.

— Eu sou menor de idade, sei, mas tenho certeza de que mamãe não vai se importar. Só desta vez.

Butler sentiu que alguma coisa estava sendo armada.

Mesmo assim, pegou a taça de cristal que lhe era oferecida. Juliet olhou para o irmão.

— Posso?

— Acho que sim. — Ele respirou fundo. — Sabe que eu amo você, não sabe, irmã?

Juliet fez um muxoxo — outra coisa que os rapazes da redondeza achavam muito atraente. E deu um soco no ombro do irmão.

— Você é sentimental demais para um guarda-costas.

Butler olhou o patrão direto nos olhos.

— Você quer que a gente beba isso, não é, Artemis?

Artemis o encarou, impávido.

— Sim, Butler. Quero.

Sem outra palavra Butler engoliu o conteúdo da taça, e Juliet o acompanhou. O mordomo sentiu imediatamente o gosto do tranqüilizante. E, ainda que tivesse tempo para partir o pescoço de Artemis Fowl, não fez isso. Não era preciso que Juliet ficasse perturbada em seus últimos momentos.

Artemis viu os amigos caírem no chão. Uma pena enganá-los. Mas se eles fossem alertados com relação ao plano, a ansiedade poderia contrabalançar o sedativo. Ele olhou para as bolhas girando em sua taça. Hora do passo mais audacioso de seu esquema. Com apenas uma hesitação levíssima, engoliu o champanha com tranqüilizante.

Esperou calmamente que a droga tomasse conta de seu organismo. Não precisou esperar muito, porque cada dose tinha sido calculada de acordo com o peso do corpo. Enquanto seus pensamentos começavam a redemoinhar, ocorreu-lhe que talvez nunca mais acordasse. É meio

tarde para dúvidas, censurou-se, e afundou na inconsciência.

— Partiu — disse Potrus, afastando-se do console. — Agora está fora das minhas mãos.

Os três acompanharam o progresso do míssil através das janelas polarizadas. Era realmente um equipamento notável.

Como sua arma principal era a luz, a precipitação podia ser concentrada num raio exato. O elemento radiativo usado era solinium 2, que tinha meia-vida de quatorze segundos. Isso significava efetivamente que Potrus podia ajustar a biobomba para dar uma enxaguada azul apenas na mansão Fowl, e em nenhuma folha de grama a mais, e além disso a construção estaria livre de radiação em um minuto. No caso de alguns disparos de solinium se recusarem a ficar concentrados, eles seriam contidos pelo campo temporal. Era o assassinato facilitado.

— O caminho de vôo é programado previamente — Explicou Potrus, ainda que ninguém estivesse prestando a menor atenção. — Ele vai entrar no saguão e detonar. O envoltório e o mecanismo de disparo são de liga plástica e vão se desintegrar completamente. Limpo como um assobio.

Raiz e Holly acompanharam o arco da bomba. Como tinha sido previsto, ela atravessou a porta destruída sem derrubar sequer uma lasca de pedra das paredes medievais.

Holly voltou a atenção para a câmera no nariz do míssil.

Por um momento captou um vislumbre do corredor grandioso onde, até recentemente, tinha sido prisioneira. Nenhum humano à vista.

Talvez, pensou. Só talvez. Então olhou para Potrus e para a tecnologia nas pontas dos dedos dele. E percebeu que os humanos estavam realmente mortos.

A biobomba detonou. Uma esfera azul de luz conden-sada estalou e se espalhou, preenchendo cada canto da mansão com seus raios mortais. Flores murcharam, insetos encolheram e peixes morreram nos tanques. Nem um milímetro cúbico foi poupado. Artemis Fowl e seus seguidores não podiam escapar.

Era impossível.

Holly suspirou, dando as costas para a enxagüadora azul, que já ia se extinguindo. Apesar de todos os seus projetos grandiosos, no fim Artemis tinha sido um simples mortal. E por algum motivo ela lamentou o falecimento dele.

Raiz foi mais pragmático.

— Certo. Vistam o equipamento. Roupa de isolamento total.

— É perfeitamente seguro — disse Potrus. — Você nunca prestava atenção na escola?

O comandante fungou.

— Eu confio na ciência só até a distância em que posso lançar você, Potrus. A radiação tem o hábito de permanecer quando certos cientistas garantiram que ela se dissipou. Ninguém sai da unidade sem roupa de isolamento. Então isso deixa você de fora, Potrus. Só temos

roupas de bípedes. De qualquer modo, quero que fique nos monitores, só para garantir...

Para garantir o quê?, pensou Potrus, mas não comentou.

Era melhor, para mais tarde poder falar, " eu não lhe disse?". Raiz se virou para Holly.

— Está pronta, capitã?

Voltar para lá. A idéia de identificar três cadáveres não atraía Holly. Mas ela sabia que era seu dever. Era a única que conhecia o interior da casa pessoalmente.

— Sim, senhor. Estou indo.

Holly escolheu uma roupa de isolamento no cabide, vestindo-a sobre o macacão. De acordo com os treinos, verificou o mostrador antes de pôr o capuz vulcanizado. Uma queda de pressão indicaria um rasgo, que a longo prazo seria fatal.

Raiz alinhou no perímetro a equipe de inserção. Os demais integrantes da Resgate Um estavam mais ou menos tão ansiosos para se inserir na mansão quanto estariam para fazer malabarismos com balões fedorentos atlantianos.

— Tem certeza de que o grandão se foi?

— Sim, capitão Kelp. Ele se foi, de um modo ou de outro.

Encrenca não estava convencido.

— Porque aquele humano é maligno. Acho que ele tem alguma magia.

O cabo Larva riu, e recebeu imediatamente um tapa no ouvido. Murmurou alguma coisa sobre contar à mamãe e rapidamente prendeu o capacete.

Raiz sentiu apele ficar vermelha.

— Vamos andando. Sua missão é localizar e recuperar o ouro. Cuidado com armadilhas. Eu não confiava em Fowl quando ele estava vivo, e definitivamente não confio nele agora que está morto.

A palavra "armadilhas" atraiu a atenção de todo mundo.

A idéia de uma mina pessoal explodindo na altura da cabeça bastava para afastar qualquer tranqüilidade dos soldados. Ninguém construía armas tão cruéis quanto os Homens da Lama.

Como a mais nova policial do Recon, Holly ia na frente.

E ainda que não devesse haver qualquer hostilidade na mansão, ela se pegou estendendo a mão automaticamente para a Neutrino 2000.

A mansão estava num silêncio fantasmagórico, apenas com o borbulhar dos últimos clarões do solinium para aliviar a imobilidade. A morte também estava ali, no silêncio. A mansão era um berço de morte. Holly podia sentir o cheiro. Atrás daquelas paredes medievais estavam os corpos de milhões de insetos, e sob os pisos os cadáveres de aranhas e camundongos esfriando.

Aproximaram-se hesitantes da porta. Holly examinou toda a área com um visor de raio X. Nada havia sob as pedras do calçamento além de terra — e um ninho de aranhas.

— Caminho livre — falou ao microfone. — Vou entrar.

Potrus, está com as orelhas atentas?

— Estou aqui com você, querida — respondeu o centauro. — A não ser que você pise numa mina terrestre, nesse caso eu estou bem aqui na sala de operações.

— Está recebendo alguma informação térmica?

— Não depois de uma enxagüadora azul. Temos assinaturas de calor residual por toda a casa. Principalmente estalos de solinium. Só vai se acalmar daqui a uns dois dias.

— Mas nada de radiação, certo?

— Isso mesmo.

Raiz fungou, incrédulo. Nos fones de ouvido aquilo soou como um elefante espirrando.

— Parece que teremos de limpar esta casa do modo antigo — grunhiu ele.

— Que seja rápido — alertou Potrus. — Eu dou no máximo quinze minutos antes que a mansão Fowl se junte de novo ao mundo lá fora.

Holly passou pelo que tinha sido a porta. O candelabro balançava levemente por causa da força da detonação do míssil, mas, afora isso, tudo prosseguia tal como se recordava.

— O ouro está lá embaixo. Na minha cela.

Ninguém respondeu. Não em palavras. Mas alguém emitiu um som de ânsia de vômito. Bem no microfone. Holly girou. Encrenca estava dobrado ao meio, agarrando a barriga.

— Eu não estou me sentindo bem — gemeu ele. Um tanto desnecessariamente, considerando a poça de vômito em cima de suas botas.

O cabo Larva respirou fundo, possivelmente para dizer uma frase com a palavra mamãe. O que saiu foi um jato de bile concentrada. Infelizmente Larva não teve oportunidade de abrir o visor antes que o enjôo batesse. Não foi uma coisa bonita.

— Argh — disse Holly, apertando o botão que liberava o visor do cabo. Um maremoto de rações regurgitadas inundou a roupa de isolamento de Larva.

— Ah, pelo amor de Deus — murmurou Raiz, passando pelos irmãos. Não chegou muito longe. Bastou um passo pelo patamar e estava vomitando como o resto.

Holly apontou a câmera do capacete para os policiais que passavam mal.

— Que diabo está acontecendo aqui, Potrus?

— Estou procurando. Espere.

Holly podia ouvir as teclas do computador sendo batu-cadas furiosamente.

— Certo. Vômito súbito. Náusea espacial... ah, não.

— O que é? — perguntou Holly. Mas já sabia. Talvez sempre tivesse sabido.

— É a magia — disse Potrus, e as palavras soaram praticamente indecifráveis em sua

agitação. — Eles não podem entrar na casa enquanto Fowl não estiver morto. É como uma extrema reação alérgica. Isso significa... é inconcebível, isso significa...

— Que eles conseguiram — completou Holly. — Ele está vivo. Artemis Fowl está vivo.

— D'Arvit — grunhiu Raiz, e soltou mais um litro de vômito nos ladrilhos de cerâmica. Holly entrou sozinha. Precisava ver. Se o cadáver de Fowl estivesse na casa, estaria com o ouro, disso ela tinha certeza.

Os mesmos retratos de família a encaravam, mas agora pareciam mais presunçosos do que austeros. Holly se sentiu tentada a dar uns tiros neles com a Neutrino 2000.

Mas isso seria contra as regras. Se Artemis Fowl os havia derrotado, nada havia a fazer. Não haveria recriminações.

Desceu a escada até sua cela. A porta ainda estava balançando ligeiramente devido à explosão da biobomba. Um clarão de solinium ricocheteou pelo cômodo como um relâmpago azul aprisionado. Holly entrou, com medo do que poderia ver ou não.

Não havia nada. Pelo menos nada morto. Só o ouro.

Aproximadamente duzentos lingotes. Empilhados no colchão de seu catre. Belas fileiras militares. O bom e velho Butler, o único humano a enfrentar um troll e vencer.

— Comandante? Está captando? Câmbio.

— Afirmativo, capitã. Qual é a contagem de cadáveres?

— Negativo com relação a cadáveres, senhor. Encontrei o resto do resgate.

Houve silêncio.

— Deixe, Holly. Você conhece as regras. Vamos sair.

— Mas, senhor. Deve haver um modo...

Potrus interveio na conversa.

— Sem mas, capitã. Estou contando os segundos até que a luz do dia chegue, e não gosto de pensar em nossas chances se tivermos de sair com o sol alto.

Holly suspirou. Fazia sentido. O Povo podia escolher a hora da saída, desde que saísse antes que o campo se desinte-grasse.

Só estava chateada por terem sido derrotados por um humano.

E ainda por cima um humano adolescente.

Deu uma última olhada na cela. Uma grande bola de ódio tinha nascido ali, percebeu Holly, e mais cedo ou mais tarde teria de ser enfrentada. Enfiou a pistola de volta no coldre. De preferência mais cedo. Fowl tinha vencido desta vez, mas alguém como ele não iria descansar sobre os louros. Estaria de volta com algum outro esquema para ganhar dinheiro. E quando chegasse, encontraria Holly Short esperando. Esperando com uma arma grande e um sorriso.

O terreno estava macio perto do perímetro da parada temporal.

Meio milênio de drenagem ruim das muralhas medievais tinha transformado os alicerces praticamente num pântano. E foi ali que Palha chegou à superfície.

O chão macio não tinha sido o único motivo para escolher aquele ponto exato. O outro motivo era o cheiro. Um bom anão cavador de túneis pode captar o cheiro de ouro através de meio quilômetro de granito. Palha Escavator tinha um dos melhores narizes no ramo.

A plataforma flutuava praticamente sem ser vigiada. Dois dos melhores policiais do Resgate estavam parados ao lado do ouro recuperado, mas no momento riam um pouco de seu comandante abalado.

— Ele não conseguiu se segurar, não foi Chix?

Chix assentiu, imitando a técnica de vômito de Raiz.

A pantomima de Chix Verbil foi a cobertura perfeita para um pequeno roubo. Palha fez uma limpeza nos dutos internos antes de sair do túnel. A última coisa de que precisava era uma súbita explosão de gases para alertar a LEP de sua presença.

Não precisaria ter se preocupado. Poderia ter dado um tapa na cara de Chix Verbil com um verme fedorento molhado, e o duende nem perceberia.

Em questão de segundos ele havia transferido duas dú-

zias de lingotes para o túnel. Foi o trabalho mais fácil de sua vida.

Palha teve de conter um risinho enquanto jogava as últimas duas barras no buraco. Julius realmente lhe fizera um favor, envolvendo-o nesse negócio. As coisas não poderiam ter sido melhores. Ele estava livre como um passarinho, rico e, o melhor de tudo, considerado morto. Quando a LEP percebesse que o ouro estava faltando, Palha Escavator estaria a meio continente de distância. Se é que perceberiam.

O anão desceu para o solo. Seriam necessárias várias viagens para levar seu tesouro, mas valeria a pena. Com esse dinheiro ele poderia se aposentar antes do tempo. Teria de desaparecer por completo, claro, mas um plano já estava se formando em sua mente sinistra.

Viveria na superfície durante um tempo. Disfarçado de anão humano com aversão à luz. Talvez comprar uma cobertura com cortinas grossas. Provavelmente em Manhattan ou em Monte Carlo. Poderia parecer estranho, claro, um anão se es-condendo do sol. Mas, afinal de contas, ele seria um anão obs-cenamente rico. E os humanos aceitam qualquer história, por mais estranha que seja, quando podem ganhar alguma coisa com ela. De preferência uma coisa de papel verde.

Artemis podia ouvir uma voz chamando seu nome. Havia um rosto atrás da voz, mas estava borrado, difícil de identificar. Seria seu pai?

— Papai? — A palavra era estranha em sua boca. Não usada. Enferrujada. Artemis abriu os olhos. Butler estava cur-vado sobre ele.

— Artemis. Você acordou.

— Ah, Butler. É você.

Artemis se levantou, com a cabeça girando pelo esforço.

Esperou a mão de Butler em seu cotovelo, para ajudá-lo. Não veio.

Juliet estava deitada numa espreguiçadeira, babando nas almofadas. Obviamente o efeito da bebida ainda não tinha passado.

— Eram só comprimidos para dormir, Butler. Inofensivos.

Os olhos do mordomo tinham um brilho perigoso.

— Explique-se.

Artemis esfregou os olhos.

— Mais tarde, Butler. Estou me sentindo um pouco...

Butler ficou no caminho dele.

— Artemis, minha irmã está drogada naquela poltrona.

Ela quase foi morta. Então se explique agora!

Artemis percebeu que tinha recebido uma ordem. Pensou em ficar ofendido, depois concluiu que talvez Butler estivesse certo. Tinha ido longe demais.

— Eu não falei dos comprimidos para dormir porque você ia lutar contra o efeito. É natural. E era imperativo para o plano que todos nós dormíssemos imediatamente.

— O plano?

Artemis se sentou numa poltrona confortável.

— O campo temporal era a chave da coisa toda. É o ás na manga da LEP. É o que os tornou imbatíveis em todos esses anos. Qualquer incidente pode ser contido. Isso e a biobomba são uma combinação poderosa.

— Então por que nós tínhamos de ser drogados?

Artemis sorriu.

— Olhe pela janela. Não está vendo? Eles se foram.

Acabou.

Butler olhou pelas cortinas. A luz estava clara e forte.

Nem um pouquinho de azul. Mesmo assim o mordomo não ficou impressionado.

— Eles se foram por enquanto. Vão voltar de noite, é garantido.

— Não. Isso vai contra as regras. Nós os derrotamos. É

isso, o jogo acabou.

Butler levantou uma sobrancelha.

— E os tranqüilizantes, Artemis?

— Vejo que não vai se distrair.

A resposta de Butler foi um silêncio implacável.

— Os tranqüilizantes. Muito bem. Eu tinha de pensar num modo de escapar ao campo temporal. Examinei todo o Livro, mas não havia nada. Nenhuma pista. O próprio Povo ainda não desenvolveu um modo. Por isso me voltei para o Velho Testamento deles, para quando a vida deles estava entre-laçada com a nossa. Você conhece a história: elfos que faziam sapatos durante a noite, duendes que limpavam casas. Na época em que nós coexistíamos até certo ponto. Favores mágicos em troca das fortalezas deles. O maior de todos era Papai Noel.

As sobrancelhas de Butler quase saltaram do rosto.

— Papai Noel?

Artemis levantou as palmas das mãos.

— Eu sei, eu sei. Eu mesmo fiquei um pouco cético. Mas parece que nossa imagenzinha corporativa de Papai Noel não descende de um santo da Turquia, ela é uma sombra de Papai N'Oel, o terceiro rei da dinastia dos Elfos das Frondes. Ele é conhecido como Pap, o Iludido.

— Não parece um grande título.

— Parece que sim. N'Oel achava que a cobiça do Povo da Lama em seu reino poderia ser aplacada distribuindo presentes ricos. Ele juntava todos os grandes magos uma vez por ano e os mandava fazer uma grande parada temporal em vastas regiões.

Uma quantidade de duendes alados era mandada para entregar presentes enquanto os humanos estavam dormindo.

Claro que não deu certo. A cobiça humana jamais pode ser aplacada, especialmente com presentes.

Butler franziu a testa.

— E se os humanos... isto é, nós... E se nós acordássemos?

— Ah, sim. Excelente pergunta. O âmago da questão.

Nós não acordávamos. Esta é a natureza da parada temporal.

Qualquer que seja o estado de consciência em que você entra, é nele que você permanece. Você não pode acordar nem cair no sono. Você deve ter percebido a fadiga nos ossos nestas últimas horas, entretanto sua mente não o deixava dormir.

Butler assentiu. As coisas estavam ficando mais claras, de um modo meio tortuoso.

— Então minha teoria era de que o único modo de escapar do campo temporal era simplesmente adormecer. Nossa própria consciência era o que nos mantinha aprisionados.

— Você arriscou muita coisa a partir de uma teoria, Artemis.

— Não era só uma teoria. Nós tivemos alguém fazendo um teste.

— Quem? Ah, Angeline.

— Sim. Minha mãe. Devido ao seu sono induzido por narcóticos, ela prosseguiu na ordem natural do tempo, sem ser atrapalhada pelo campo temporal. Se não tivesse acontecido assim, eu simplesmente iria me render à LEP e me submeter ao apagamento mental deles.

Butler fungou. Duvidava disso.

— Então, como não podíamos cair no sono naturalmente, eu simplesmente administrei em nós uma dose dos comprimidos de mamãe. Simples.

— Mas a coisa foi por pouco. Mais um minuto...

— Concordo. As coisas ficaram tensas no final. Isso era necessário, para funcionar como um blefe duplo contra a LEP.

Ele parou, para que Butler pudesse processar a informação.

— Bom, eu estou perdoado?

Butler suspirou. Na espreguiçadeira, Juliet roncava como um marinheiro bêbado. Ele sorriu de repente.

— Sim, Artemis. Tudo está perdoado. Só uma coisa...

— Sim?

— Nunca mais. O Povo das Fadas é... muito humano.

— Você está certo — disse Artemis, com os pés de ga-linha se intensificando em volta dos olhos. — Nunca mais.

Vamos nos restringir a empreendimentos mais agradáveis no futuro.

Dentro da lei, eu prometo.

— Agora, jovem patrão, não deveríamos dar uma olhada em sua mãe?

Artemis ficou mais pálido, se é que isso era possível. Será que a capitã poderia ter deixado de cumprir a promessa? Sem dúvida ela teria todo o direito.

— Sim. Acho que deveríamos. Deixe Juliet descansar.

Ela merece.

Ele ergueu os olhos, na direção da escada. Tinha sido esperança demais confiar na fada. Afinal de contas, ele a manti-vera prisioneira contra a vontade. Censurou-se em silêncio. Imagine se separar de todos aqueles milhões em troca da promessa de um desejo. Ah, a ingenuidade!

Então a porta do sótão se abriu.

Butler sacou a arma instantaneamente.

— Artemis, fique atrás de mim. Intrusos.

O garoto o empurrou para o lado.

— Não, Butler. Acho que não.

Seu coração martelava nos ouvidos, o sangue pulsava na ponta dos dedos. Poderia ser? Poderia mesmo ser? Uma figura apareceu na escada. Parecendo uma aparição envolta num roupão atoalhado, com o cabelo molhado do chuveiro.

— Arty? — chamou ela. — Arty, você está aí?

Artemis queria responder, queria correr pela escadaria grandiosa, com os braços esticados. Mas não podia. Suas funções cerebrais o haviam abandonado.

Angeline Fowl desceu, com uma das mãos pousando levemente no corrimão.

Artemis tinha se esquecido de como a mãe era graciosa.

Seus pés descalços vieram rapidamente sobre os degraus atape-tados, e logo ela estava junto dele.

— Bom dia, querido — disse ela, animada, como se fosse apenas um dia como outro qualquer.

— M... mamãe — gaguejou Artemis.

— Bom, me dê um abraço.

Artemis se envolveu no abraço da mãe. Era quente e forte. Ela estava usando perfume. Ele se sentiu como o garoto que era.

— Desculpe, Arty — sussurrou ela em seu ouvido.

— Desculpe o quê?

— Tudo. Nos últimos meses eu não fui eu mesma. Está na hora de parar de viver no passado.

Artemis sentiu uma lágrima no rosto. Não tinha certeza se sabia de quem a lágrima era.

— E eu não tenho um presente para você.

— Um presente? — perguntou Artemis.

— Claro — cantarolou a mãe, girando-o. — Não sabe que dia é hoje?

— Dia?

— É Natal, seu garoto bobo. O dia de Natal! Os presentes são uma tradição, não é?

É, pensou Artemis. Tradição. Pap N'Oel.

— E olhe este lugar. Desanimado como um túmulo.

Butler?

O mordomo guardou rapidamente a Sig Sauer no bolso.

— Sim, senhora?

— Telefone para Brown Thomas. O número do conjunto de platina. Reabra minha conta. Diga a Hélene que eu quero uma maquiagem de festa. De cima a baixo.

— Sim, madame. De cima a baixo.

Angeline Fowl passou o braço pelo do filho.

— Agora, Arty, eu quero saber de tudo. Em primeiro lugar, o que aconteceu aqui?

— Estamos remodelando — disse Artemis. — A porta antiga estava cheia de umidade.

Angeline franziu a testa, nem um pouco convencida.

— Sei. E quanto à escola? Você já decidiu o que vai ser quando crescer?

Enquanto sua boca respondia a essas perguntas cotidi-anas, a mente de Artemis estava num tumulto. Ele era um garoto de novo. Sua vida ia mudar totalmente. Seus planos teriam de ser muito mais sutis do que nunca, para escaparem da atenção da mãe. Mas valeria a pena.

Angeline Fowl estava errada. Ela havia trazido um presente de Natal.

EPÍLOGO

Agora que você examinou este dossiê, deve ter percebido como esse tal de Fowl é uma criatura perigosa.

Há uma tendência a romantizar Artemis. Atribuir-lhe qualidades que ele não possui.

O fato de ter usado seu desejo para curar a mãe não é sinal de afeto. Ele fez isso simplesmente porque o Serviço Social já estava investigando sua situação, e era apenas uma questão de tempo antes que ele fosse posto numa instituição para menores.

Artemis só manteve segredo sobre a existência do Povo para poder continuar a explorá-lo no correr dos anos, coisa que fez em várias ocasiões. Seu único erro foi deixar a capitã Short viva.

Holly se tornou a principal especialista da LEP nos casos de Artemis Fowl, e se tornou valiosíssima na luta contra o inimigo mais temido do Povo. Essa luta continuaria durante várias décadas.

Ironicamente, o maior triunfo para os dois protagonistas foi a ocasião em que tiveram de cooperar durante a revolta dos goblins. Mas isso é outra história.

Relatório compilado por:

Doutor J. Argônio, Psicólogo Comportamental.

Para os dossiês da Academia da LEP.

Os detalhes são 94 por cento exatos, 6 por cento são extrapolação inevitável.

FIM